

ALEX SANTANA COSTA

A arte de (des)colonizar: Retratos do Brasil em poemas e cartas de Elizabeth Bishop

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia como um dos requisitos à obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Nenevé

PORTO VELHO

2013

Alex Santana Costa

A arte de (des)colonizar: Retratos do Brasil em poemas e cartas de Elizabeth Bishop

Dissertação apresentada em 14 de junho de 2013 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR como requisito final à obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final.

Prof.^a Odete Burgeile, Dr.^a

Coordenadora do PPGML/UNIR

Comissão Examinadora

Prof. Miguel Nenevé, Dr. – PPGML/UNIR

Orientador

Prof. Hélio Rodrigues da Rocha, Dr. – SEDUC/RO

Avaliador Externo

Prof.^a Nair Ferreira Gurgel do Amaral, Dr.^a PPGML/UNIR

Avaliadora Interna

PORTO VELHO

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me fortalecido em todos os momentos em que estive desmotivado pelo cansaço e/ou por outros fatores que ousaram dificultar a conclusão deste sonho, que hoje está se tornando realidade;

Ao meu orientador e motivador, Prof. Dr. Miguel Nenevé, pelas orientações sempre críticas de quase uma década, por ter acreditado na relevância desta pesquisa e, principalmente, pela confiança em mim depositada enquanto pesquisador;

A minha amada esposa, Luciana da Sulidade, por ter me incentivado desde o período de inscrição do processo seletivo do Mestrado Acadêmico em Letras, pelas contribuições imensuráveis, amor paciente e apoio incondicional em todas as etapas desta pesquisa;

Aos meus pais, Daniel e Doralice, que, com simplicidade e sabedoria, ensinaram-me princípios valiosos que compõem o homem que sou hoje, investindo na minha formação acadêmica e profissional, bem como me propiciando uma vida confortável e saudável para que eu pudesse realizar todos os meus objetivos;

Aos meus irmãos, Dulcicléia, Durcival, Lidiane, Anderson e Daniele, pelo incentivo e confiança;

Aos meus sobrinhos, Douglas, Guilherme, Isabelle, Luís Gustavo e Reginaldo Júnior, pelos momentos de lazer e felicidades proporcionados nos intervalos da pesquisa;

Aos meus primos, primas, tia Antônia, tia Branca, tia Maria da Conceição, tia Neide e cunhada Leonora, pela confiança que sempre depositaram em mim;

Aos professores doutores do mestrado, Celso Ferrarezi Júnior, Iracema Gabler, Júlio César Barreto Rocha, Miguel Nenevé, Maria Cristina Ramos Borges, Nair Ferreira Gurgel do Amaral e Odete Burgeile, pelo aprendizado proporcionado por meio de suas disciplinas;

Aos colegas da PROPesq, Aline Wrege, Angélica Barbosa, Ilma Erse, João Vitor, José Arikapú e Maênia Souto, pelo incentivo e contribuições;

Ao Prof. Dr. Ari Miguel Teixeira Ott, por me apoiar a conciliar trabalho e pesquisa;

À Jaqueline Prestes, pelo apoio técnico em enquanto servidora da UNIR e contribuições intelectuais, como colega de mestrado.

Ao Prof. Dr. Hélio Rodrigues da Rocha e à Profa. Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral, pelas valiosas contribuições a esta dissertação;

Aos professores da graduação, Avram Blum, Carla Martins, Graça Martins, Iracema Gabler, Miguel Nenevé, Odete Burgeile, Neusa Tezzari e Walter, pelos ensinamentos que me habilitaram a estar hoje finalizando uma dissertação de mestrado.

(O Brasil é muito longe; as pessoas acreditarão em qualquer coisa estranha sobre esse país, aparentemente...)

ELIZABETH BISHOP.

COSTA, Alex Santana. **A arte de (des)colonizar: Retratos do Brasil em poemas e cartas de Elizabeth Bishop**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras (PPGML). Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. 101p. Porto Velho, 2013.

RESUMO

No presente estudo, investigo o discurso da poeta e escritora norte-americana Elizabeth Bishop, revelado por meio de alguns de seus poemas e cartas alusivos ao Brasil. Pretendo analisar os referidos textos a partir de princípios e critérios contemporâneos contextualizados, bem como verificar a presença de teores imperialistas nas obras de Bishop que podem ser discutidos e desconstruídos. Com vistas a tornar minha análise possível, traduzi para a língua portuguesa os referidos poemas e cartas, bem como organizei todo o escopo teórico necessário ao embasamento desta pesquisa. Minha análise é subsidiada por críticos pós-coloniais tais como Frantz Fanon, Aimé Césaire, Edward Said, Albert Memmi, Octave Mannoni, entre outros, cujas obras, sob meu ponto de vista, tornam possíveis a leitura de Bishop a partir de uma abordagem não utilizada frequentemente quando se investigam as obras dessa poeta. Após concluídas as análises, constato que os discursos presentes nos poemas e cartas de Bishop revelam seu ímpeto colonizador. Isto se torna evidente em sua ênfase acerca de detalhes exóticos e negativos a respeito de aspectos sociopolíticos e culturais do Brasil durante as décadas de 1950 a 1970. Diante disso, parece estar claro que as várias audiências de Bishop, compreendendo seus leitores norte-americanos das décadas de 1950 a 1970, até seus escritores e/ou críticos de poesia contemporâneos, têm tido acesso a uma imagem do Brasil que é socialmente retrógrada, politicamente corrupta, moralmente depravada e culturalmente ociosa e exagerada. Além disso, foi observado também que a perspectiva de Bishop em relação ao nosso país oscilava de acordo com o nível de satisfação do seu relacionamento com a brasileira Maria Carlota (Lota). Entretanto, é importante ressaltar que, para alcançar essa conclusão, o leitor e/ou pesquisador precisa proceder a uma leitura paralela das cartas escritas no mesmo período da publicação dos poemas, visto ser perceptível que sua obra não se distancia muito de sua biografia.

Palavras-chave: Elizabeth Bishop; *Poemas do Brasil*; *Uma Arte: As cartas de Elizabeth Bishop*; Pós-colonialismo.

COSTA, Alex Santana. The Art of (de)colonizing: Reports of Brazil in Elizabeth Bishop's poems and letters. Dissertation (Master's Program in Letters). Graduate Program in Letters (PPGML). Foundation Federal University of Rondônia – UNIR. 101p. Porto Velho, 2013.

ABSTRACT

In this study, I investigate the discourse of the North-American poet and writer Elizabeth Bishop, revealed through some of her poems and letters allusive to Brazil. I intend to analyze the texts from contextualized contemporaneous principles and criteria and verify whether there are possible imperial contents on Bishop's works which can be discussed and deconstructed. In order to make my analysis possible, I translated those poems and letters into Portuguese language, as well as organized all the theoretical content necessary to the theoretical ground of this research. My analysis is supported by postcolonial critics such as Frantz Fanon, Aimé Césaire, Edward Said, Albert Memmi, Octave Mannoni, among others, whose works make possible for me to read Bishop from an approach not usually used when investigating Bishop's works. After concluding the analyses, I argue that the discourses presented in Bishop's poems and letters reveal her colonizer urge. This is visible in her emphasis on the exotic and negative details in respect to Brazilian social-political and cultural aspects during the decades of 1950 to 1970. Considering this it seems to be clear that many Bishop's audiences, comprehending her North-American readers from the decades of 1950 to 1970, until her contemporaneous writers and/or poetry reviewers, have had access to an image of Brazil which is socially retrograde, politically corrupted, morally depraved and culturally lazy and exaggerated. Moreover, it was observed too that Bishop's perspective related to our country oscillated according to the satisfaction level of her relationship with Brazilian Maria Carlota (Lota). Nevertheless, it is important to state that to understand this conclusion, the reader and/or the researcher need to carry out a parallel reading of the letters written at the same period of the publication of poems. One can see that her work is not so far from her biography.

Keywords: Elizabeth Bishop; *Poemas do Brasil*; *One Art: Elizabeth Bishop's Letters*; Post-colonialism.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	10
SEÇÃO I – Elizabeth Bishop e alguns cenários sociopolíticos do Brasil de 1950 a 1969: uma nova terra, uma nova mulher, a serem amadas, exploradas, rejeitadas e odiadas.	17
SEÇÃO II – Pressupostos Teóricos do Pós-colonialismo: colonização versus descolonização.	29
2.1. Pós-Colonialismo: discurso e prática anticolonial.	29
2.2. Novos Olhares sobre a Amazônia.	33
2.3. O híbrido e a colonização psicológica.	36
SEÇÃO III – Análise Pós-Colonial dos Poemas e Cartas Selecionados.	39
3.1. The Riverman (O Ribeirinho) – o discurso idealizado e as estratégias de colonização. ..	39
3.2. The Shampoo (O Xampu) – o deslumbramento com a terra a partir da paixão pela mulher.	53
3.3. Manuelzinho – as máscaras da colonização e as estratégias de descolonização.	57
3.4. Going to the bakery (Ida à padaria) – o Rio de Janeiro sob o olhar de Elizabeth Bishop. ..	68
3.5. One Art (Uma Arte) – complexos inconscientes.	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	95
REFERÊNCIAS.	99

APRESENTAÇÃO

Meu primeiro contato com poemas de Elizabeth Bishop aconteceu no VII Congresso Internacional da ABECAN e I Congresso Latino-Americano de Estudos Canadenses, eventos sediados pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, em novembro de 2003. Enquanto eu aguardava o momento de apresentar um artigo que desenvolvi a partir do meu plano de trabalho vinculado ao PIBIC/UNIR/CNPq, intitulado “Crenças brasileiras e canadenses nos escritos de Cyril Dabydeen”, sob orientação do Prof. Dr. Miguel Nenevé, uma professora doutora da Universidade Federal da Bahia – UFBA apresentava seu trabalho intitulado “The North of Brazil and the Mythical North of Bishop’s work¹”.

Como meu foco era o pós-colonialismo na literatura, intrigava-me a maneira tão ingênua como essa professora apresentava o discurso de Bishop acerca de aspectos sócio-culturais brasileiros presentes na obra dessa poeta. Talvez inconscientemente, fiz uma comparação, durante minha apresentação, entre o discurso de Bishop (que denominei de colonizador) com os poemas descolonizadores de Dabydeen, com vistas a esclarecer à audiência local que é possível um poema, mesmo sendo considerado uma manifestação artística, disseminar um discurso generalizador, opressor e preconceituoso acerca de uma sociedade, um povo e/ou uma nação inteira.

Mesmo obtendo êxito no que concerne ao amplo entendimento do público a respeito da proposta descolonizadora dos poemas de Dabydeen, e revelando, ainda que superficialmente, uma faceta obscura de Bishop, fui abordado, após o término das apresentações, por uma professora doutora da UFSC, que também participava do evento. Esta me conduziu até um *stand* onde estavam sendo vendidas algumas obras de escritores que tinham algum vínculo com o Canadá, e praticamente me obrigou a comprar *Poemas do Brasil*, obra bilíngue lançada pela editora Companhia das Letras, cuja introdução, seleção de poemas e tradução foram efetuadas pelo poeta e tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto.

Um aspecto interessante era o bordão repetido por ela durante nosso diálogo (monólogo), afirmando veementemente que minha opinião sobre Elizabeth Bishop mudaria completamente a partir da leitura dessa obra que eu estava prestes a adquirir, como se eu fosse à época um exímio conhecedor da obra de Elizabeth Bishop.

Sem outra alternativa, adquiri o mencionado livro, que foi lido e relido por completo e nas entrelinhas durante os três dias de viagem de ônibus de Belo Horizonte a Porto Velho-RO,

¹ O Norte do Brasil e o Norte Mítico da obra de Bishop (tradução minha).

sob a única perspectiva que me permitia analisar o teor colonialista presente nesse livro, a pós-colonial. A partir dessa leitura, aquele olhar prematuro que lancei sobre Bishop pela primeira vez ganhou criticidade, encontrando mais subsídio para reforçar a proposição de que seus poemas sobre o Brasil, em suma, trazem à tona um discurso preconceituoso, tendencioso e estereotipado acerca desse país, utilizado por ela como mola propulsora para seu despontar como poeta e escritora reconhecida em âmbito internacional.

É importante ressaltar que a presente dissertação será redigida em primeira pessoa do singular, tendo em vista que o objeto deste estudo suscitará análises subjetivas, muito embora o referencial teórico possa sustentar cientificamente as críticas que serão apresentadas no decorrer deste estudo.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, subsidiado pelos pressupostos teóricos de alguns escritores do pós-colonialismo, investigarei o discurso da poeta e escritora estadunidense Elizabeth Bishop em alguns de seus poemas e cartas sobre o Brasil, não com o intuito de analisá-lo a partir de princípios e critérios contemporâneos descontextualizados com sua condição de produção e valores sócio-culturais de época, mas como proposta de trazê-lo à tona impregnado desses valores que, talvez, ainda persistam em nossa sociedade moderna, com vistas a tentar conter sua perpetuação; uma vez que já vem sendo, há décadas, difundido nos variados relatos de literatura de viagem sobre nosso país, como se toda a sua biodiversidade, manifestações sócio-culturais e notória complexidade tivessem sido ampla e verossimilmente mapeadas, registradas e analisadas pelos diversos escritores estrangeiros que aqui estiveram e, intrigantemente, como se ele e nele praticamente tudo continuasse estático, retrógrado e, portanto, ainda perdido no tempo.

Na orelha do livro *Poemas do Brasil*, há uma citação interessante da editora acerca da importância e prestígio que os poemas de Bishop e a própria poeta aos poucos foram ganhando no âmbito literário:

Desde a morte de Elizabeth Bishop em 6 de outubro de 1979, sua poesia só fez crescer em importância. Hoje ela é considerada em seu país a grande poeta surgida entre Wallace Stevens e John Ashbery. A discreta miss Bishop foi pouco a pouco suplantando todos os poetas de sua geração, e isso com uma obra que se resume a uma centena de poemas. Boa parte desses poemas – aqueles em que há referências, mesmo oblíquas, ao Brasil, país em que Bishop viveu pouco menos de um terço de sua vida – acha-se cuidadosamente traduzida neste volume por um dos melhores poetas e tradutores da atualidade, Paulo Henriques Britto (BISHOP, 1999).

Não diferentemente, na contracapa do livro *One Art*, Robert Lowell, um dos melhores amigos de Bishop, diz que “Quando as cartas de Elizabeth Bishop forem publicadas (conforme elas serão), **ela será reconhecida não apenas como uma das melhores, mas como um dos escritores mais produtivos do nosso século** (BISHOP, 1994 – tradução e grifo meus)”. Corroborando Lowell, a editora, Farrar, Straus and Giroux, expõe também nessa mesma capa da referida obra que

[...]

Por um lado, **as cartas de Elizabeth Bishop constituem sua autobiografia; elas registram seu amor por Lota Soares**, que terminou com o trágico suicídio de Lota, bem como seu relacionamento intenso com sua primeira mentora, Marianne Moore, e, mais tarde, com Robert Lowell. Para Bishop, escrever cartas era, em sentido mais amplo, uma diversão e uma necessidade, uma personificação das

ligações entre pessoas, mas também uma faceta da sua arte, evocando o mundo em palavras.

Uma arte leva-nos para além da sofisticação formal e reserva que caracterizam sua poesia, exibindo ao pleno o presente à amizade, a busca pela perfeição, e o **espírito apaixonado, questionador e rigoroso que fizeram dela uma grande artista** (BISHOP, 1994 – tradução e grifo meus).

Dessa forma, se de fato “as cartas de Elizabeth Bishop constituem sua autobiografia”, é muito provável que sua leitura nos revele a condição de produção de muitos de seus poemas, especialmente aqueles que fazem alusão ao Brasil, que são objeto desta pesquisa.

Um outro aspecto interessante a ser levado em consideração é o legado deixado por Bishop à literatura mundial, que vem surpreendentemente despertando o interesse de leitores, críticos, artistas e até cineastas de várias partes do mundo, impulsionados talvez pelo centenário do nascimento desta poeta que, inevitavelmente, traz à tona os cenários sociopolítico e cultural do Brasil do anos 1950 a 1979, bem como sua intensa relação de amor com Maria Carlota Costellat de Macedo Soares (Lota), como expôs Roberto Pompeu de Toledo em seu artigo intitulado “Uma casa para Elizabeth”, publicado na Revista Piauí n.º 59:

O romance entre as duas, que começa com arrebatamento duplicado pela voraz carência de uma e outra, alimenta-se da coincidência dos temperamentos artísticos, entra em declínio com as recíprocas crises de insegurança e depressão, e termina em tragédia, com o suicídio de Lota em Nova York, já suscitou livros (o mais recente dos quais a ficção *A Arte de Perder*, do americano Michael Sledge), peças de teatro (*Um Porto para Elizabeth Bishop*, de Marta Góes, monólogo interpretado por Regina Braga) e filme (do diretor Bruno Barreto, em preparação). E mais ainda continua a suscitar nos simpósios e publicações que vêm se sucedendo este ano, o do centenário do nascimento da poeta (TOLEDO, 2011, p.54).

Retornando aos comentários da contracapa de *One Art* acerca desta obra, vale ressaltar que, conforme escreveu Tom Pauling, *The Times Literary Supplement*,

A publicação das cartas selecionadas de Elizabeth Bishop é um evento histórico, uma pitada de **como descobrir um novo planeta ou assistir ao surgimento de um continente tumultuado, brilhante e triunfante** proveniente do oceano negro... Deixe-nos celebrar o surgimento deste **trabalho extraordinário, excepcional e maravilhoso** (tradução e grifo meus).

Além disso, para Michael Dirda, do *The Washington Post Book World*, “Essas cartas, engraçadas, tocantes e ocasionalmente angustiantes, fazem-nos lembrar que **essa grande poeta** foi também **uma mulher notável**. Não se esqueça disso” (tradução e grifo meus).

Face ao exposto, situo a relevância deste estudo na questão de Elizabeth Bishop ter alcançado prestígio e sucesso internacional escrevendo principalmente sobre o Brasil e deste para o mundo. E ainda questionar que se sua audiência em geral “conheceu” nosso país por

meio do seu olhar arguto e implacável de “grande escritora” estrangeira, então que espécie de Brasil eles tiveram acesso? Faz-se importante proceder a uma análise de cunho pós-colonial de alguns poemas de *Poemas do Brasil*, buscando nas cartas de *One Art* as circunstâncias de sua elaboração, com vistas a tentar revelar quais eram as intenções dessa poeta para com a composição desses referidos poemas.

Esta volta ao passado que proponho ser importante realizar, adentrando – ainda que profanamente – na intimidade das cartas de Elizabeth Bishop alusivas aos seus poemas sobre o Brasil, que tem como escopo primordial buscar explicações e fundamentações para fazer possíveis retificações na forma como o discurso dessa poeta vem sendo interpretado por leitores e críticos, é uma perspectiva de leitura vista por Fanon como tentativa de descolonização da mente, citada por Bonnici, esclarecendo que:

Jamais se pode esquecer que a **descolonização é o processo oposicionista contra a dominação, “uma verdadeira criação de homens novos ... não se originando de algum poder sobrenatural, porque o objeto que foi colonizado torna-se pessoa durante o mesmo processo em que se liberta”** (BONNICI, 2000, p.22 – grifo meu).

Essa prática descolonizadora é também defendida por Nenevé e Proença ao afirmarem que a literatura pós-colonial

promove a volta do povo à história, possibilita visão múltipla sobre um povo e uma região que muitas vezes foram subjugados a um discurso hegemônico. **Desta forma, a literatura local pode renovar conceitos, abrir perspectivas para novas visões e opiniões sobre a história, a cultura e o viver de um povo e de uma região** (NENEVÉ, COOPER e PROENÇA, 2001, p.78 – grifo meu).

Considerando essa perspectiva, creio que esta pesquisa torna-se mais relevante na medida em que permite ao leitor uma reflexão abrangente sobre questões que envolvem ideologia e manifestações culturais bastante discutidas no âmbito do multiculturalismo² e que, no entanto, não vêm recebendo a devida atenção da crítica literária, que tem optado por cerrar seus olhos aos discursos imperialistas produzidos em alguns países desenvolvidos a respeito das nações que lhes serviram quase que exclusivamente como inspiração para sua produção discursiva.

Não é inusitado afirmar que os aspectos socioculturais do Brasil vêm sendo estereotipados há séculos na literatura mundial, afetando inclusive a própria literatura

² Estratégias e políticas usadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade em sociedades multiculturais (Stuart Hall).

nacional e, conseqüentemente, até a visão que o Brasil industrializado tem do norte e/ou nordeste do país, por exemplo. Isso é evidente no discurso de brasileiros que residem nas grandes metrópoles, que, não diferentemente de muitos estrangeiros, veem, por exemplo, a Amazônia apenas como colônia interna do Brasil e, portanto, um lugar a ser explorado para garantir o progresso do seu “Brasil civilizado”.

Sob perspectiva semelhante ao discurso acima exposto, Edward Said explica que “Há os Ocidentais” – representados neste estudo pela Bishop – “e há os orientais” – nesse contexto, Lota/Brasil e os nativos brasileiros presentes nos poemas de Bishop. “Os primeiros dominam; ao passo que os últimos devem ser dominados” (SAID, 1979, p.36 – tradução minha).

Portanto, uma análise pós-colonial de obras escritas por estrangeiros sobre o Brasil, como *One Art* e *Poemas do Brasil*, desponta como contradiscurso consistente para, a princípio, propor aos leitores e críticos brasileiros que passem a observar como a imagem de seu país e suas complexidades vêm sendo registradas e disseminadas por escritores estrangeiros às mais variadas audiências; e, principalmente que compreendam a magnitude desses discursos, que podem ser imperialistas, cujo propósito maior pode estar exclusivamente ligado à ideia e/ou necessidade de subjugação do “Outro”.

Além dessa compreensão fundamental, é necessário, principalmente aos mais críticos que, em seguida, possam desenvolver estratégias eficazes de resistência à colonização, sobretudo a psicológica; ou seja, a que não ocorre necessariamente através da força física, mas a que vem ocorrendo sutilmente, pelo “conhecimento” superestimado e subjugador. Estou falando acerca da “única dominação da qual já não se escapa mais”, “... da estadunidense. Quero dizer da única que não se escapa completamente ileso” (CESAIRE, 2010, p. 84).

Considerando o ímpeto inicial para compreender os poemas e cartas de Elizabeth Bishop em sua totalidade, com vistas a tentar produzir análises mais amplas e significativas, havia incluído não só a análise pós-colonial de suas versões em língua inglesa, mas também as traduções realizadas pelo poeta e escritor brasileiro Paulo Henriques Britto, inserindo a teoria da tradução pós-colonial no referencial teórico do presente estudo.

Entretanto, com receio de tornar a pesquisa excessivamente abrangente e talvez inexecutável, levando em consideração os prazos estabelecidos pelo Programa, decidi juntamente com meu orientador executar um recorte na proposta inicial constante no anteprojeto submetido na ocasião da inscrição no processo seletivo desse programa *stricto sensu*. A partir de então, o objetivo geral deste estudo passou a ser analisar, com base nos

pressupostos teóricos do pós-colonialismo, os discursos produzidos pela poeta e escritora estadunidense Elizabeth Bishop em alguns poemas do seu livro *Poemas do Brasil* e em suas cartas selecionadas em *One Art*, utilizando apenas aquelas que direta ou indiretamente sejam alusivas aos referidos poemas.

Especificamente, pretendo investigar o conteúdo das referidas cartas e de alguns de seus poemas sobre o Brasil, com o intuito de procurar identificar de que forma o discurso construído por Bishop afetou ou ainda afeta a imagem desse país no cenário mundial, propondo uma discussão mais abrangente sobre como o Brasil vem sendo registrado/retratado por escritores estrangeiros por meio da literatura de viagem. Outrossim, creio que esta pesquisa possa permitir uma conscientização de leitores brasileiros acerca da importância e necessidade de uma leitura crítica de obras estrangeiras sobre o nosso país e, conseqüentemente, a desenvolver estratégias de contra-ataque aos discursos colonialistas estabelecidos nessas obras.

No âmbito metodológico, esta pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva qualitativa. A princípio, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca das obras dos principais escritores do pós-colonialismo.

Em seguida, iniciei a releitura e seleção de poemas em inglês do livro bilíngüe *Poemas do Brasil*, extraindo um de cada capítulo criado pelo tradutor Paulo Henriques Britto, que os numerou de 1 a 5, denominando-os, respectivamente, *Descoberta*, *Paixão*, *Distanciamento*, *Rejeição* e *Perda*. A partir dessa releitura, investiguei cuidadosamente as cartas constantes na obra *One Art* escritas na mesma época da publicação dos poemas que selecionei e que, portanto, ao fazerem alusão a eles, foram utilizadas como contexto histórico de sua produção, cujo propósito é fundamentar as análises desses poemas, dando relevo à busca pelas intenções mais transparentes disponibilizadas por Bishop em seus momentos cotidianos e informais, sempre que escrevia uma correspondência a sua médica e amigos brasileiros e estrangeiros.

Depois de selecionar os poemas e as cartas, realizei sua tradução literal; ou seja, como propõe Francis Aubert (1987), uma “tradução ao pé da letra”, com o intuito de preservar a versão original em língua inglesa da forma mais precisa possível, desprovida de interferências de cunho cultural e ideológico pelo tradutor.

Após concluídas essas etapas, iniciei a análise dos conteúdos de Bishop tanto nos cinco poemas quanto nas vinte e duas cartas selecionadas sob a ótica das teorias do pós-colonialismo, investigando o teor do seu discurso produzido sobre o Brasil, com vistas a revelar como esse país é representado às audiências nacional e internacional, observando se há a presença de um discurso autêntico/novo ou se trata-se apenas de mais uma repetição dos

discursos já elaborados e difundidos anteriormente sobre essa nação, cujo efeito principal tem sido o de promover a exploração e desvirtuação do “outro” como extremamente diferente e inferior.

Os poemas e cartas selecionados e analisados foram os seguintes:

Poemas

1. The Riverman / O Ribeirinho – publicado em abril de 1959 em *The New Yorker*, posteriormente incluído em *Questions of Travel*. (Bishop, 1999, p.57) – Consta no capítulo intitulado “Descoberta” de *Poemas do Brasil*;
2. The Shampoo / O Xampu. – Mais um poema escrito no momento do primeiro contato da poeta com o Brasil. Foi incluído numa carta a Marianne Moore de agosto de 1952, e publicado em *The New Republic* em julho de 1955, depois de ser rejeitado por *The New Yorker* e por *Poetry*. Incluído em *A Cold spring*.(Bishop, 1999, p.57) – Consta no capítulo intitulado “Paixão” de *Poemas do Brasil*;
3. Manuelzinho – Publicado em *The New Yorker* em maio de 1956, incluído em *Questions of Travel*. (Bishop, 1999, p.57) – Consta no capítulo intitulado “Distanciamento” de *Poemas do Brasil*;
4. Going to the bakery / Ida à Padaria – Iniciado em 1960, enviado para *The New Yorker* em maio de 1966, reescrito e reenviado à revista, publicado em agosto de 1966. Incluído nos *Complete poems*, de 1969. (Bishop, 1999, p.57-58) – Consta no capítulo intitulado “Rejeição” de *Poemas do Brasil*;
5. One Art – Publicado em *The New Yorker* em abril de 1976, e editado em livro em *Geography III*. (Bishop, 1999, p.58) – Consta no capítulo intitulado “Perda” de *Poemas do Brasil*.

Cartas Selecionadas e Analisadas

Cartas alusivas ao poema “The Riverman”:

1. To Dr. Anny Baumann – [Rio de Janeiro] July 9, 1959;
2. To Howard Moss – September 8, 1959;
3. To Pearl Kazin – September 9, 1959.

Cartas alusivas ao poema “The Shampoo”:

1. To Marianne Moore – Samambaia, Petrópolis – March 3, 1952;
2. À Pearl Kazin – Domingo seguinte, dia 19 de julho de 1953.

Cartas alusivas ao poema “Manuelzinho”:

1. To May Swenson – January 27, 1956;
2. To Pearl Kazin – April 23, 1961;
3. To Robert Lowell – Rio de Janeiro – October 11, 1963;
4. To U.T. e Joseph Summers – 61 Perry Street – New York – October 20, 1967;
5. To Frani Blough Muser – St. Valentine’s Day, 1970.

Cartas alusivas ao poema “Going to the Bakery”:

1. To Alfred Kazin, Samambaia, Petrópolis, December 10th or 11 th or 12th [1951];
2. To Joseph and U.T. Summers, Petrópolis, Brazil, November 26, 1957;
3. To Pearl Kazin, April 23, 1961, Sunday p.m.;
4. To Randall Jarell Rio de Janeiro, March 20, 1965;
5. To Dr. Anny Baumann, Rio de Janeiro, November 9, 1965;
6. To Frani Blough Muser, December 19 (no, 20), 1965;
7. To Dr. Anny Baumann, Rio de Janeiro, September 1, 1966.

Cartas alusivas ao Poema “One Art”

1. To Pearl Kazin, February 22, 1954;
2. To Frani Blough Muser, December 19 (no 20), 1965;
3. To U.T. and Joseph Summers – September 23, 1967 – Saturday p.m.;
4. To Maria Osser, January 4, 1968;
5. To Robert Giroux, April 19, 1976.

**SEÇÃO I – ELIZABETH BISHOP E ALGUNS CENÁRIOS SOCIOPOLÍTICOS DO
BRASIL DE 1950 A 1969: UMA NOVA TERRA E UMA NOVA MULHER
A SEREM AMADAS, EXPLORADAS, REJEITADAS E ODIADAS**

Elizabeth Bishop nasceu em Worcester, estado de Massachusetts, no dia 8 de fevereiro de 1911. Antes de completar um ano de idade, seu pai, William Thomas Bishop, morre, acarretando em sua mãe, Gertrude Bulmer Bishop “uma sucessão de surtos psicóticos, o que na época implicava internação num hospital para o resto da vida” (BISHOP, 1999, p.9). Devido a esse acontecimento, a “menina ficou então entregue aos cuidados dos avós maternos, que moravam em Great Village, uma pequena aldeia de pescadores na Nova Escócia. Ali Elizabeth se viu cercada de carinho e proteção familiar” (BISHOP, 1999, p.9-10).

No entanto, quando tinha seis anos de idade, seus avós paternos levaram-na de volta para Worcester. Porém, sentindo falta da afetuosidade dos avós canadenses, a pequena Elizabeth “reagiu sofrendo terríveis crises de asma, uma doença que a partir de então a afligiria periodicamente, e mais uma vez mudou de lar, passando a morar com os tios” (BISHOP, 1999, p.10).

Vivendo concomitantemente em diáspora, Bishop parecia sempre estar à procura de um lugar para chamar de lar, e sentir-se acolhida como um dia se sentiu na casa dos avós maternos, na Nova Escócia. No entanto, como expõe Paulo Henriques Britto,

Foi só aos quarenta anos, no Brasil, que voltou a experimentar a sensação de possuir um verdadeiro lar; não por coincidência, foi aqui que ela começou a escrever as narrativas em prosa em que rememora a infância na Nova Escócia. Assim, o extremo norte da vida da poeta, representado pelo Canadá, e seu extremo sul, o Brasil, passaram a tocar-se na sua imaginação (BISHOP, 1999, p.10).

Antes de desembarcar em Santos, em dezembro de 1951, Bishop “passara por um período de grande sofrimento mental, em Yaddo, uma colônia de escritores e artistas no interior do estado de Nova York, e em Washington, D.C., onde atuou um ano como consultora de poesia na Biblioteca do Congresso” (BISHOP, 1999, p.10). O que assolava a poeta estadunidense era certamente a solidão, conduzindo-a a buscar constante alento no álcool, seu companheiro inseparável por (quase) toda vida, juntamente com as contínuas crises asmáticas. De acordo com Britto, “pelo menos em uma ocasião chegou a perguntar a um amigo se deveria suicidar-se. Assim, a longa viagem de navio era uma mudança de ares ansiosamente aguardada” (BISHOP, 1999, p.10).

Segundo Britto, quando Bishop chegou à cidade do Rio de Janeiro, “foi recebida por Maria Carlota Costellat de Macedo Soares (Lota), que ela conhecera havia alguns anos em Nova York através de uma amiga comum, a dançarina norte-americana Mary Morse, que morava com Lota” (BISHOP, 1999, p.12). Britto acrescenta ainda que “As duas a levaram para conhecer Petrópolis, onde Lota estava construindo uma casa a pouca distância da cidade, na antiga Fazenda Samambaia. O apartamento de Lota, no Leme, foi emprestado a Elizabeth até que chegasse a hora de seguir viagem” (BISHOP, 1999, p.12).

Um aspecto intrigante trazido à tona por alguns críticos é que Bishop teria decidido viajar ao Brasil por já estar apaixonada por Lota desde que a conhecera em Nova Iorque. Mais intrigante ainda é o fato de a mediadora desse encontro ser a amante de Lota à época, Mary Morse. No entanto, o início do relacionamento amoroso entre Elizabeth e Maria Carlota foi marcado por um acontecimento digno de conto de fadas, com direito a “fruto proibido”, conforme explica Britto:

Um dia, caminhando pela rua, viu um homem vendendo cajus e resolveu provar uma daquelas frutas desconhecidas. O resultado foi uma violenta reação alérgica; [...] Durante o período de convalescência, Elizabeth viu-se cercada de uma abundância de cuidados e manifestações afetuosas de comiseração que só havia experimentado antes na casa dos avós canadenses: [...] E, no meio dessa azáfama de tratamentos médicos e mezinhas caseiras, Lota confessou que estava apaixonada por ela. A viagem de circunavegação jamais seria retomada (BISHOP, 1999, p.12-13).

É importante ressaltar que, mesmo estabelecendo uma forte ligação com Lota e, conseqüentemente com o Brasil que lhe interessava, Bishop “jamais deixou de sentir-se uma exilada. E a consciência de que o Brasil não é seu lugar vem acompanhada de um profundo desânimo com relação às perspectivas do país” (BISHOP, 1999, p.18). A respeito disso, Britto expõe um trecho de uma carta que Elizabeth escreveu em 1954, observando que,

Como país, acho que o Brasil *não tem saída* – não é trágico como o México, não, mas apenas letárgico, egoísta, meio autocomplacente, meio maluco”. Seu olhar estetizante observa “como tudo é muito malfeito, sem acabamento [...]. O mesmo se aplica às pessoas: [...] o nível geral de beleza é muito baixo”. Além disso, ela sente falta da “limpeza reluzente” dos Estados Unidos – pois no Rio “Todas as multidões, ônibus, bondes, lojas, *cozinhas* são tão sujos, escuros, sebosos! (BISHOP, 1999, p.18-19).

Além de sua paixão revelada por Petrópolis, especificamente pela Fazenda Samambaia, Bishop demonstra um grande interesse pela natureza brasileira, que inspirou o seu “desejo de visitar a Amazônia. Antes mesmo de ir lá, com base na leitura de um livro do

antropólogo norte-americano Charles Wagley, já escrevera um poema baseado na lenda do boto, “The riverman³” (BISHOP, 1999, p.27).

Mesmo construindo estreito laço de afetividade com Petrópolis, é em Ouro Preto/MG que Elizabeth realiza seu sonho, adquirindo um casarão do século XVIII, batizado por ela “de Casa Mariana, por ficar na estrada que leva a Mariana e para homenagear a poeta Marianne Moore, amiga de Bishop e sua primeira mentora literária” (BISHOP, 1999, p.34).

A aquisição do referido casarão exige de Bishop constantes viagens em torno de Ouro Preto (com vistas a iniciar o processo de restauração do imóvel), Rio de Janeiro (esperando pela atenção de Lota, cujo foco está na obra do Parque do Flamengo) e Seattle,

onde aceita um convite para dar aulas no final de 1965. **Em Seattle tem um caso com uma jovem recém-separada**, mãe de um menino ainda pequeno: **é o primeiro sinal concreto de que ela já não tem muitas ilusões quanto ao futuro de sua relação com Lota**. Em desabafos epistolares, **diz que a companheira é mandona, intratável: “É muito difícil viver com uma pessoa com quem você não consegue falar”** (BISHOP, 1999, p.34 – grifo meu).

Após aproximadamente um ano da morte de Lota, em sucessivas idas a Ouro Preto, Bishop estabelece laços de amizade com José Alberto Nemer e, logo em seguida, com sua irmã Linda, que

iriam se tornar os melhores amigos de Elizabeth Bishop, em Ouro Preto. Ouro Preto é, digamos, a fase dois da permanência de Bishop no Brasil. A fase um desenvolve-se entre Rio de Janeiro e Petrópolis. É o período entre 1951 e 1967 em que a poeta viveu com **Lota Macedo Soares, conhecida primeiro por ser de ilustre família, em seguida por ter emprestado seu talento de arquiteta e urbanista sem diploma à montagem do Parque do Flamengo, e hoje em dia, sobretudo, por ter sido amante de Bishop** (TOLEDO, 2011, p.54 – grifo meu).

O romance conturbado entre Bishop e a paisagista brasileira, de acordo com Toledo (2011, p.54), “entra em declínio com as recíprocas crises de insegurança e depressão, e termina em tragédia, com o suicídio de Lota em Nova York”, ocorrido no dia 25 de setembro de 1967. Doze anos depois, no dia 6 de outubro de 1979, “Elizabeth preparava-se para ir a um concerto, no apartamento de Boston. Já tinha calçado e amarrado um sapato, faltava amarrar o outro. Debruçou-se para fazê-lo e caiu fulminada. Aneurisma. Tinha 68 anos (TOLEDO, 2011, p.60).

Com relação à casa Mariana, foi destinada em testamento à Alice Methfessel, “a última companheira, que morava com Elizabeth em Boston. Quando soube que Alice queria

³ O ribeirinho.

vender a casa, Linda entrou em contato com seu advogado e fechou negócio (TOLEDO, 2011, p.60).

Passados trinta e dois anos, em virtude do centenário do nascimento de Bishop, completado em fevereiro de 2011, esse romance vem ganhando relevo no âmbito literário dentro e fora do país, suscitando “livros (o mais recente dos quais a ficção *A Arte de Perder*, do americano Michael Sledge), peças de teatro (*Um Porto para Elizabeth Bishop*, de Marta Góes, monólogo interpretado por Regina Braga) e filme (do diretor Bruno Barreto, em preparação) (TOLEDO, 2011, p.54). Ressalto que o mencionado filme, intitulado “Flores Raras”, inspirado no livro *Flores Raras e Banalíssimas*, de Carmem Lucia de Oliveira, já foi lançado.

Devido a seu perfeccionismo, bem como, talvez, por consequência de problemas relativos ao alcoolismo, Elizabeth Bishop publicou pouco em vida. Suas principais obras foram *North & South*⁴ – nas livrarias só em 1947; *A cold spring*⁵ – Publicado em 1955; *Question of travel*⁶ – Publicado em 1965, com dedicatória à Lota; *Geography III*⁷ – Publicado em 1976, dedicado à sua nova companheira Alice Methfessel, com quem viveu até morrer, três anos depois, de um aneurisma cerebral – nesse livro está seu mais famoso poema, “Uma arte”; e *The Complete Poems: 1927-1979*⁸, que inclui essas quatro obras citadas, bem como outros poemas, premiando Bishop com o “National Book Award”⁹, em 1970.

Bishop também ganhou vários outros prêmios, que lhe renderam alguns dólares e prestígio no âmbito da poesia moderna do século XX, dentre os mais importantes estão o “Prêmio Pulitzer”, recebido quando ela vivia no Brasil, em 1956, pelos livros *North & South* e *A cold spring*. Já, seu livro *Geography III*, premiou-a com o “National Book Critics Circle Award”¹⁰, em 1977. Entretanto, sua conquista mais importante foi ter sido a primeira Americana a receber o “Books Abroad/Neustadt International Prize for Literature”, em 1976, sendo até hoje o único americano a ter recebido tal prêmio. No seu currículo ainda consta o ofício de professora de poesia no Massachusetts Institute of Technology¹¹ – MIT até os últimos dias de sua vida.

Conforme citado anteriormente, Bishop esteve no Brasil desde dezembro de 1951 até meados da década de 1970, quando já residia em Boston e fazia viagens esporádicas a Ouro

⁴ Norte & Sul.

⁵ Uma primavera gelada.

⁶ Questões de viagem.

⁷ Geografia III.

⁸ Os Poemas Completos: 1929-1979.

⁹ Prêmio Livro Nacional.

¹⁰ Prêmio Nacional do Círculo dos Críticos Literários.

¹¹ Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

Preto/MG, para visitar e tentar vender sua casa colonial. Portanto, acredito ser relevante apresentar um breve contexto histórico do Brasil nesse período, citando apenas os principais acontecimentos sóciopolíticos ocorridos no mencionado período que, direta ou indiretamente, podem ter influenciado sua escrita sobre esse país, registrados por essa poeta estadunidense em alguns de seus poemas e cartas.

Dentre os principais eventos ocorridos na década de 1950, no Brasil, Bishop destaca em uma carta a Austin Olney, da Houghton Mifflin – Domingo, [?] de agosto de 1954, o suicídio do presidente Getúlio Vargas, sucedido em 24 de agosto de 1954:

Só recebi sua carta alguns dias atrás no Rio – aliás foi a última correspondência que recebi antes da **crise política da qual o senhor certamente já ouviu falar**. Não pude lhe enviar nada antes, e espero que esta chegue a suas mãos. Avise-me se receber, por favor. **Está havendo uma onda de antiamericanismo aqui e, como sempre, dizem que a correspondência enviada para os Estados Unidos está sendo destruída etc.** [...] Eu estava no Rio, muito mal de saúde, **quando a explosão política aconteceu. A amiga com quem moro também tem envolvimento político**, de modo que não tenho tido tempo de pensar em “trabalho”, como o senhor certamente há de entender. **Estou no meu estúdio na serra no momento com uma 22 a meu lado** – por mais incrível que pareça. (Por favor não espalhe isso. O Brasil tem sido muito bom comigo). [...] [P.S.] **Incluí o comentário a respeito da arma só para assustar, mas por favor não conte para ninguém [...]** **O Brasil e meus amigos brasileiros têm sido muito bons comigo. Tão bons que durante dois dias esconderam de mim o fato de que estava havendo manifestações antiamericanas, com medo de ferir minha suscetibilidade!** E até agora ainda **não consegui que eles me mostrassem uma cópia da carta escrita pelo Vargas antes de se suicidar, na qual, imagino, ele deve acusar os Estados Unidos**. Este regime estava tão podre que alguma coisa tinha que acontecer (BISHOP, 1995, p.316-317 – grifo meu).

Elizabeth também discorre sobre as altas taxas de juros no Brasil, em correspondência à sua Tia Grace, em 5 de julho de 1956:

[...]
Estou investindo dinheiro no Brasil – pequei emprestado no meu banco nos Estados Unidos e apliquei aqui, onde os juros são fantasticamente altos; dá para pagar o empréstimo e ainda ganhar um bom dinheiro. Como não entendo de investimentos, um amigo meu que dizem que sabe ganhar muito dinheiro é que está fazendo tudo para mim. Imagino que deve dar certo, **e então um dia vou ter bastante para viver aqui com moeda brasileira, e mandar mais \$\$\$ de volta para os Estados Unidos**. Nunca pensei em fazer uma coisa dessas antes. Acho que deve ser o “lado Bishop”, como diria a tia F. – o lado do vovô B.! Tudo que eu tenho de *artístico*, disso não tenho dúvida, não pode ter vindo de lá de jeito *nenhum*, apesar de o meu pai ter sido bom aluno no colegial, ou seja lá o que for que ela vive me dizendo! Mas a gente devia era dar graças aos céus por não sermos infelizes do jeito que ela é (BISHOP, 1995, p.340 – grifo meu).

Em duas cartas à sua médica, Dra. Anny Baumann, em 1958, Bishop explana, sem mencionar o nome do Presidente Juscelino Kubitschek (eleito em 1955), sobre a construção

da nova capital federal, Brasília, bem como sobre um artigo que redigiu sobre essa cidade, mas que foi rejeitado pela *New Yorker*:

Carta à doutora Anny Baumann – 22 de maio de 1958

[...]

Como você talvez tenha lido nos jornais, estão construindo uma nova capital, chamada Brasília, nos confins do interior. Os melhores arquitetos, toneladas de mármore de Carrara, um lago artificial, um conjunto completo de edifícios governamentais etc. – num lugar onde antes não havia nem mesmo uma estrada. Amigos nossos que já estiveram lá dizem que no momento está igualzinho às cidades do faroeste dos Estados Unidos – quer dizer, tal como aparecem no cinema. Lota e os amigos dela são violentamente contrários à idéia – e de fato parece uma maluquice, quando se leva em conta que bairros inteiros do Rio estão sem água há meses, a toda hora falta gás e luz etc. Assim mesmo, pretendo fazer uma viagem a Brasília em breve – pode-se ir de avião – para ver se escrevo um artigo. É a única capital que foi construída a partir do zero, além de Nova Delhi, e eu gostaria de conhecê-la (BISHOP, 1995, p.385).

Carta à doutora Anny Baumann – 4 de dezembro de 1958.

... A *New Yorker* não aceitou meu artigo sobre Brasília. Enquanto eu trabalhava nele, senti uma leve certeza de que eles não aceitariam; o material simplesmente não ficou harmonioso, Huxley não disse nada de interessante – e senti que foi uma burrice minha despendar tanto tempo nele. No entanto, o prejuízo maior é que nós tínhamos esperança de começar a garagem com os proventos! Agora, trabalharei em algo mais próximo as minhas tendências naturais ... (BISHOP, 1994, p.369 – Tradução minha)

No âmbito esportivo, Bishop, em carta a May Swenson de 3 de julho de 1958, fala sobre a primeira conquista da copa do mundo de futebol pelo Brasil, ironizando que “Todo mundo acha que isto significa que virão ‘dias melhores para o Brasil’”:

[...]

Ontem nos divertimos ouvindo [pelo rádio] a volta da seleção brasileira de futebol da Suécia – eles finalmente ganharam o campeonato mundial e todo o Brasil está em êxtase – até os bancos fecharam. **É muito mais importante para eles do que seria um Sputnik.** Parece que o time foi apresentado ao rei da Suécia, e um deles perdeu a cabeça e tentou abraçar o rei, à maneira brasileira. Eles são mesmo umas gracinhas – **uns homens baixinhos, de todos os tons do negro ao branco, e se abraçam e se beijam e choram de entusiasmo quando fazem um gol etc. – e correm muitíssimo depressa.** A Lota estava voltando do Rio e levou horas num engarrafamento – foi uma multidão ao aeroporto, e os pobres jogadores não podiam nem mesmo sair do avião – ficaram trancados lá dentro. Doze jatos os acompanharam. **Todo mundo acha que isto significa que virão “dias melhores para o Brasil”, Deus sabe por que, ou de que modo – e este é um bom exemplo do jeito de ser deste povo tolo porém simpático.** Nossa cozinheira chegou a usar ramos de salsa e *ossos*, veja só, para enfeitar o cozido com a imagem do jogador predileto dela (BISHOP, 1995, p.386 – grifo meu).

Já em correspondência a sua tia Grace, datada de 15 ou 16 de novembro de 1959, Elizabeth retoma o tema inflação no Brasil e aproveita para criticar sarcasticamente a política brasileira, destacando a eleição de um rinoceronte para vereador do Rio de Janeiro:

[...]

A inflação aqui está tão terrível que realmente não sei no que vai dar. Pela primeira vez, está faltando *carne* – o preço da carne subiu tanto que está mais ou menos equivalente a metade do preço nos Estados Unidos, o que é caríssimo para aqui, e como mesmo os pobres comem carne de vaca todos os dias, junto com arroz e feijão preto – e não há *mais nada*, não há a variedade que nós temos –, é um problema sério. [...]

Talvez você tenha visto (deu na televisão em N.Y.) que um *rinoceronte* [“Cacareco”] foi eleito vereador no Rio. É um rinoceronte do jardim zoológico que é famoso aqui, e a coisa começou como brincadeira, aí as pessoas resolveram levar a sério e votar nele mesmo, para mostrar o que elas acham dos políticos corruptos. Ele recebeu mais de 200 mil votos – depois pararam de contar. Achei isso uma atitude muito boa – e muito brasileira. Nossa amiga Mary Morse (que acaba de voltar de N.Y.) foi assistir a um musical, e uma das piadas era: “Pois é, quer dizer que o Macmillan foi eleito na Inglaterra e um rinoceronte foi eleito no Brasil” (BISHOP, 1995, p.409).

Com relação à década de 1960, Bishop revela, ainda que sutilmente, em carta a seu amigo e poeta Robert Lowell, datada de 22 de abril de 1960, o grande interesse dos Estados Unidos pela América do Sul, em especial pela Amazônia. Expõe também sobre seu receio de “virar uma poeta que só escreve sobre a América do Sul”:

[...] A Rockfeller há anos tem interesse pela América do Sul, e estou pensando em conseguir dinheiro para viajar por aqui e terminar um livro de contos sobre o Brasil. Mas não sei para quem escrever, de modo que qualquer informação será bem-vinda. Três pessoas que eu recomendei ganharam bolsas Guggenheim este ano, e estou começando a ficar com pena de mim” [...]

[...] Quero voltar à Amazônia. Sonho todas as noites – não sei por que fiquei tão mexida. Eu lhe contei que tenho tirado *slides*? [...]

Mas eu fico preocupada quando penso no que fazer com todo este material exótico ou pitoresco ou encantador, e **não quero virar uma poeta que só escreve sobre a América do Sul. É uma das minhas maiores preocupações agora – como usar tudo isso e continuar morando aqui, a maior parte do tempo – e no entanto continuar sendo uma puritana da Nova Inglaterra e da Nova Escócia** (BISHOP, 1995, p.414-415 – grifo meu).

No dia 5 de outubro de 1960, em carta à doutora Anny Baumann, Elizabeth explana sobre a candidatura de Carlos Lacerda ao governo do estado da Guanabara, criado após a transferência da capital para Brasília. Além disso, a poeta estadunidense expõe a eleição para presidente do Brasil, cujo candidato apoiado por ela e Lota era Jânio Quadros, que poria de vez um fim nos “vestígios da ditadura”:

[...] **Estou lhe mandando, de brincadeira, um maço de cartazes de propaganda do Carlos Lacerda. Ele é candidato a governador do novo estado da Guanabara;** quando você receber esta carta, espero que ele já esteja eleito. Tudo leva a crer que o Carlos vai ganhar. [...]

Quando a capital foi transferida para Brasília, transformaram o antigo Distrito Federal em estado – o estado da Guanabara – cuja capital é o Rio. Nós ainda continuamos no *estado* do Rio, quer dizer, aqui em Petrópolis, mas a

cidade do Rio de Janeiro não fica mais no estado do Rio, se é que dá para entender. (De modo que a Lota não pode votar no Carlos!) [...] A maior parte do programa dele é excelente, e estamos torcendo para que o dinheiro dê e ele consiga se eleger. **Segunda foi o dia da eleição aqui para presidente também – e a Lota levou todos os vizinhos para votar no carro dela. Aqui não existem máquinas de votar, por isso só daqui a uns dez dias os resultados vão ser conhecidos. Há uma possibilidade terrível de um general particularmente pateta [o marechal Lott] ser eleito – mas se ele não for, vai ser a primeira mudança geral em mais de trinta anos, e os vestígios da ditadura vão finalmente ser varridos. Se o general for mesmo eleito, acho que a Lota vai emigrar! [...]**

Acabamos de receber notícia do Rio de que [Jânio] Quadros (o candidato à Presidência que a Lota quer que seja eleito) está com 1 milhão de votos de vantagem por enquanto. O Carlos também está ganhando, mas por menos votos do que nós esperávamos [...] (BISHOP, 1995, p.423 e 425 – grifo meu).

Em carta a Marianne Moore, datada de 5 de janeiro de 1961, Bishop escreve sobre a vitória de John Kennedy à presidência dos Estados Unidos, bem como discorre acerca dos resultados das eleições brasileiras, com vitória de Carlos Lacerda para governador da Guanabara:

Por aqui, todos estão muito animados com os resultados das eleições brasileiras – e as americanas também (se bem que creio que você não deve estar [Kennedy fora eleito, e M. M. sempre vota no Partido Republicano]) [...] Nosso amigo Carlos Lacerda – que passou um ano exilado em Nova York por conta de resquícios do governo Vargas – finalmente chegou ao poder, como governador da Guanabara. Eu e Lota jantamos com ele quando fomos ao Rio, e a Lota já foi ao “palácio” várias vezes. O Carlos quer que ela trabalhe com ele, encarregando-se do ajardinamento de um trecho novo de avenidas ao longo da baía, onde vão construir cafés, restaurantes, alamedas, talvez um aquário etc. – ele quer que a Lota supervisione todo o trabalho. [...] **O Carlos é ótima pessoa – brilhante, trabalhador, esforçado e absolutamente honesto. Ele está tentando construir escolas, dar alguma solução para as favelas e o abastecimento de água – problemas urgentes a respeito dos quais ninguém faz nada há anos.** [...] (BISHOP, 1995, p.425-426 – grifo meu).

No dia 26 de agosto de 1961, em correspondência de Samambaia (Petrópolis) à sua tia Grace, da Nova Escócia, Canadá, Bishop explana sobre a renúncia do presidente Jânio Quadros, que fora eleito há pouco tempo. Esse evento abalou a todos, inclusive a Lota, visto que, para Bishop, o vice-presidente, João Goulart, que assumiria o cargo, “é um vigarista dos bons, da velha gangue da ditadura”:

[...]

Ontem houve uma grande confusão política aqui. **O presidente Quadros renunciou.** Deus sabe o que vai acontecer agora – **sem dúvida o Exército vai dar um jeito de se meter.** Ele era um excelente economista, o presidente, mas meio amalucado, disso não tenho dúvida – mas **o problema é o vice-presidente [João Goulart] é um vigarista dos bons, da velha gangue da ditadura.** A Lota está **muitíssimo abalada – todo mundo está** – ficamos o tempo todo penduradas do rádio. Agora tenho que ler os jornais que ela trouxe do Rio. Talvez a gente saia do Brasil – quem sabe? Não tenho muito mais a dizer – **o país “continua tranquilo”, mas pode haver uma guerra civil. Não me pergunte por quê – a coisa é mesmo**

muito confusa. Porém aqui nunca há muito derramamento de sangue. Disso não há o menor perigo. **Eu fico é morrendo de pena de todos os meus amigos brasileiros e deste país. [...] O vice-presidente deve voltar hoje [da China]. Nós o detestamos, e temos muito medo do que ele possa vir a fazer,** mas pelo visto conseguiu-se ao menos evitar uma guerra civil (BISHOP, 1995, p.437-438 – grifo meu).

Dois anos depois, em carta a Robert Lowell de 26 de agosto de 1963, Manhã de domingo de sol, bem cedo, Elizabeth expõe uma atitude, para ela, ameaçadora e covarde do presidente João Goulart, que “convocou um comício-monstro” com 15 mil homens do exército e aproximadamente 9 mil trabalhadores, com vistas a relembrar o “fatídico aniversário do suicídio de Getúlio Vargas”, causando um mal-estar intencional no então governador da Guanabara, Carlos Lacerda:

[...]

Sexta-feira foi o fatídico aniversário do suicídio de Vargas. O presidente Goulart convocou um comício-monstro aqui, bem à frente da ópera [Teatro Municipal]. Caminhões, trens, barcas etc. cheios de trabalhadores foram despejados na cidade, uma divisão do Exército – 15 mil homens – e tanques para todos os lados – uma atmosfera horrível. Puro despeito, mas nada. **O Exército tomou a cidade e Carlos Lacerda recolheu-se ao palácio, deslocando a polícia do Rio para algum outro lugar.** (Você consegue imaginar o presidente Kennedy ameaçando um rival seu com o exército americano e convocando um comício-monstro na frente de uma assembléia legislativa? Pois foi isso que aconteceu aqui.) Todos LOUCOS. **Porém, foi um grande fiasco, para o alívio da maioria das pessoas. O Goulart é um covarde, e os brasileiros têm um mínimo de senso de *fair-play* e muito senso de ridículo.** Quinze mil soldados cercando cerca de 9 mil trabalhadores importados foi demais, até mesmo para os jornais favoráveis ao governo (BISHOP, 1995, p.457 – grifo meu).

No dia 11 de outubro de 1963, em correspondência enviada do Rio de Janeiro a Robert Lowell, Bishop descreve um acontecimento inusitado envolvendo o governador Carlos Lacerda e seus supostos seguranças, que, fugindo de uma suposta tentativa de assassinato e/ou sequestro, foram procurar guarida na casa de Lota, deixando Bishop muito apreensiva e vulnerável. A poeta estadunidense sugere que o suposto mandante da frustrada ação contra Carlos é João Goulart:

Há duas noite atrás, por volta das nove horas da noite, recebemos um telefonema misterioso do governador. Ele estava na *nossa* casa – nenhum nome poderia ser mencionado – tivemos de informar várias pessoas. Mary foi muito corajosa – viu um carro subindo rápido e chamou o pobrezinho do Manuelzinho (de cueca – já tinha ido para a cama) e subiu. **Todas as luzes ligadas na nossa casa e homens estranhos no terraço. Mary gritou com eles, então quem apareceu foi o Carlos Lacerda – todos estavam armados.** Ela subiu e bebeu uísque com eles (& ele quase nunca bebe, portanto, obviamente estava nervoso). **Pensamos (mas não sabemos) que ele partia em direção a sua casa e estava provavelmente sendo seguido – ou encontrou sua casa cercada, ou algo parecido. Além disso, houve uma tentativa de sequestro contra ele na semana passada. Pára-quedaistas**

saltaram sobre o hospital que ele estava visitando! – Extrema loucura, é claro. **Realmente não acho certo que nossa casa seja usada como um “esconderijo”;** **isso nos coloca em uma situação terrível. Mas suponho que ele tenha de ir para alguma lugar. Bem, para você ver quão péssimas vão as coisas por aqui** (BISHOP: 1994, p.421 – tradução e grifo meus).

O presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, foi assassinado em novembro de 1963. No entanto, foi no dia 25 de janeiro de 1964, manhã de sábado, que Elizabeth Bishop relatou em carta a Loren MacIver sobre como “O Brasil ficou emocionadíssimo com a morte de Kennedy. Foi terrível, todo mundo chorando na rua. Ainda agora, quando os motoristas de táxi percebem que sou americana, viram para trás – ameaçando nossas vidas – e fazem pequenos discursos formais para mim (BISHOP, 1995, p.467).

Retomando o cenário político brasileiro de 1964, em carta à doutora Anny Baumann, Rio de Janeiro, 7 de abril de 1964, Bishop discorre sobre o famoso golpe militar de março de 1964, que depôs o presidente João Goulart. Além disso, a poeta estadunidense solicita a sua médica que “não creia nas notícias vindas da França”, visto que, para ela, “De Gaulle está usando o Brasil como uma outra arma anti-americana”, ao passo que “*Le Monde* diz que tudo foi maquinado pela Standard Oil!”:

Minhas cartas, duas delas, foram postadas um dia antes que nossa “revolução” começou. **O presidente Goulart finalmente foi longe demais. Alguns bravos gerais e os governadores do três estados mais importantes se uniram, e depois de péssimas quarenta e oito horas, tudo estava terminado.** Lota foi muito brava – ou então extremamente curiosa! As reações têm sido realmente populares, graças a Deus. **A parada anticomunista originalmente planejada tornou-se a parada da vitória – mais de um milhão de pessoas na chuva torrencial. Foi completamente espontâneo e não é possível que todos fossem direitistas reacionários ricos! Carlos Lacerda está feliz, é claro. Agora, vem a parte depressiva. Só não acredite no que os jornais dos Estados Unidos dizem e definitivamente não creia nas notícias vindas da França. No momento, De Gaulle está usando o Brasil como uma outra arma anti-americana. *Le Monde* diz que tudo foi maquinado pela Standard Oil!** (BISHOP: 1994, p.424-425 – tradução e grifo meus).

Em carta à doutora Anny Baumann, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1965, Bishop retrata que após “a vitória arrasadora dos adversários da ‘revolução’ em onze estados, o atual governo decretou que as eleições presidenciais serão decididas pelo Congresso (estou simplificando a coisa, mas a idéia é mais ou menos essa)”. Devido a isso, “a candidatura do Carlos gorou. Ele vai “se aposentar” da política em caráter definitivo quando terminar seu mandato dia 5 de dezembro – vai se tornar ‘empresário’”. Acrescenta que a “atmosfera está muito carregada e a situação está preta – quer dizer, para a Lota –, mas provavelmente para todo mundo”, uma vez que a “‘Fundação’ dela foi oficializada – pelo Carlos –, mas agora o grande problema é *dinheiro*. Além disso, ela vem sendo atacada de uma maneira terrível,

indecente, pelo Roberto Burle Marx e umas outras pessoas” (BISHOP, 1995, p.480-481).

Cerca de um ano depois, em carta a Ashley Brown, Rio de Janeiro, datada de 3 de outubro de 1966, Bishop expõe que “Hoje é dia de eleições, e imagino que os senadores devem estar empossando o Costa y [sic] Silva neste momento. Não tem havido perturbações ‘anti-revolucionárias’ por aqui até agora, e espero que tudo se dê de modo pacífico”. Relata ainda que “Não *consigo* entender a situação – acho que ninguém consegue, pelo visto. Só sei que tudo parece piorar cada vez mais [...]” (BISHOP, 1995, p.498).

Ainda no âmbito da política carioca, em correspondência enviada a Arthur Gold e Robert Fizdale, Petrópolis, no dia 18 de março de 1967, Bishop afirma que “Depois das últimas eleições locais, o partido no poder tem tentado fazer o possível no sentido de desfazer tudo que ela realizou – nada contra a Lota pessoalmente (aliás, o novo governador ofereceu a ela o mesmo cargo que ela ocupava antes, e ela recusou) – só política”. Esclarece que isso demonstra ser “uma falta de visão deles, porque o parque é extremamente popular – duas praias que vivem cheias – menos quando chove muito – e coretos, e pistas de dança, e campos de *futebol* [em port.], e um teatro de marionetes – tudo coisas de que o Rio estava muito precisado”. Elizabeth nunca escondeu sua repulsa pelo Rio, acrescentando que é “uma cidade que não oferece nada aos pobres e ao que resta da classe média agora – só cinema, na verdade” (BISHOP, 1995, p.505).

Considerando que os protestos nos Estados Unidos e ao redor do mundo contra a Guerra do Vietnã ganham proporção no final da década de 1960, Bishop, em carta a Louise Crane, datada de 10 de março de 1969, revela seu posicionamento, afirmando “ser contra jogar bombas e incendiar bibliotecas e toda espécie de violência”. Acrescenta ser “uma dessas pessoas de sorte que realmente estavam interessadas em aprender a maior parte das coisas que eram ensinadas, e eu não sentia que estavam me empurrando para os braços da IBM ou do Exército”. Com ar depressivo, relata que “(Aqui a gente ouve os aviões indo e voltando do Vietnã, passando bem por cima do prédio, todas as noites.) Toda essa situação é terrível” (BISHOP, 1995, p.562).

Em correspondência enviada a Robert Lowell, 15 (aliás, já é 16) de dezembro de 1969, Bishop exterioriza todo seu ódio pelo Brasil, refletido mais uma vez pela morte da mulher amada, cuja culpa recai exclusivamente sobre essa nação, para ela “capaz de matar qualquer um que seja honesto e tenha padrões de exigência elevados”:

[...] acho que eu poderia ter trabalhado no livro sobre o Brasil e até mesmo conseguido dizer algumas coisas simpáticas. Agora esqueci que coisas eram essas! Acho que foi porque durante muito tempo a Lota era minha intermediária, ao menos

em Petrópolis, e lá fui feliz de verdade por muitos anos. **Agora fico achando que foi o país dela que a matou – e é capaz de matar qualquer um que seja honesto e tenha padrões de exigência elevados e queira fazer alguma coisa boa – e meu único desejo é sair daqui. Mas VIVER de quê? [...]** (BISHOP, 1995, p.568).

A seguir, apresentarei os pressupostos teóricos do Pós-colonialismo, bem como seus principais representantes no âmbito da literatura, cujas obras voltadas ao combate às várias facetas da colonização subsidiaram as análises dos poemas e cartas selecionados neste estudo.

SEÇÃO II – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DO PÓS-COLONIALISMO: COLONIZAÇÃO VERSUS DESCOLONIZAÇÃO

2.1. Pós-Colonialismo: discurso e prática anticolonial.

No princípio, o termo pós-colonial era erroneamente interpretado como sendo algo relacionado a um período histórico, cujo nascimento teria ocorrido após o processo de colonização liderado pelos europeus nos séculos anteriores. Devido a essa interpretação, alguns escritores pós-coloniais preferem grafar o termo “poscolonial” sem o hífen. Entretanto, atualmente, os dois termos são utilizados sob o mesmo sentido e significado de discurso anticolonial.

Podemos afirmar, então, que, como denominação e com o significado de discurso anticolonial, o pós-colonial surgiu no final da década de 1970 e princípio de 1980, cujo marco inicial é a obra de Edward Said, “Orientalism¹²”. Porém, para alguns críticos, o pós-colonial surgiu na conhecida obra de Frantz Fanon, *The Wretched of the Earth*¹³ (1961), sua teoria em *Orientalism*, de Edward Said (1978) e seu senso crítico em *The Empire Writes Back*¹⁴, de Ashcroft, Griffiths e Tiffins (1989)” (BEGUM, 2000: p.17-18 – tradução minha).

Para Bonnici, “a importância da teoria pós-colonial reside no fato de que o Ocidente jamais analisou suficientemente o problema do imperialismo,[...]” Acrescenta que “autores tradicionais, definindo pós-colonialismo, usam o termo “colonial para descrever o período pré-independência e os termos “moderno ou “recente para assinalar o período após a emancipação política” (BONNICI, 2000, p.32).

Além disso, Bonnici explana que “se se aceita o pós-colonialismo como estratégia de leitura, existe a possibilidade de se descobrir posições semelhantes em outros textos canônicos.” Sendo assim, “essa possibilidade não se limita a textos britânicos. Ela se abre para outras literaturas que têm o passado colonial”, como os Estados Unidos, neste estudo representado por Elizabeth Bishop. Acrescenta que “pode ser muito frutífera uma releitura do cânone literário brasileiro à luz das teorias pós-coloniais, já que a literatura brasileira tem um corpo literário razoável, escrito desde o período colonial até o pré-modernismo” (BONNICI, 2000, p.45-46).

Considerando no pós-colonialismo “seu aspecto de releitura”, estratégia de

¹² Orientalismo.

¹³ Os Condenados da Terra.

¹⁴ O Império Escreve de Volta (contra-ataca).

descolonização pretendida por esta pesquisa, “**abrem-se dimensões novas capazes de renovar o nosso modo de analisar e interpretar o texto literário**” (BONNICI, 2000, p.46 – grifo meu).

Apesar de escrito uma década após a Segunda Guerra Mundial – período em que as colônias europeias na África e Ásia, por exemplo, lutavam por emancipação – “Discurso sobre o colonialismo” propõe análises e discussões muito contemporâneas sobre o processo de colonização, sugerindo aos povos de países marginalizados do século XXI uma postura crítica acerca de como encarar e lidar com as múltiplas facetas e abordagens possivelmente adotadas pelo colonizador moderno.

Corroborando esse discurso, o tradutor Cláudio Antonio Ribeiro escreve, na introdução da referida obra, que

A tragédia histórica do Haiti, as invasões do Iraque e do Afeganistão, as ‘novas’ guerras africanas, a ocupação militar da Colômbia, demonstram o quanto é atual o ‘Discurso sobre o colonialismo’, escrito pelo grande poeta e político de esquerda da Martinica, Aimé Césaire, entre os anos de 1948 e 1955 (CÉSAIRE, 2010, p.10).

Como podemos observar, todos esses eventos supracitados foram liderados pelos Estados Unidos da América, que, como já alertava Césaire (2010, p.83), é o “bárbaro moderno” que julgava ter chegado “*a hora de saquear todas as colônias do mundo*”. E como seria essa colonização? Através da dependência econômica e financeira, das pressões diplomáticas e militares, da invasão cultural e tecnológica e da aliança com frações das classes dominantes locais.

No entanto, não é apenas os Estados Unidos o alvo das críticas do escritor da Martinica ao longo desse ensaio pós-colonial, mas também a Europa e seus principais colonizadores. Logo no início do seu trabalho, Césaire ironiza a civilização europeia dizendo que “Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que suscita seu funcionamento é uma civilização decadente”. Em seguida afirma que “Uma civilização que escolhe fechar os olhos ante seus problemas mais cruciais é uma civilização ferida” (2010, p.15). Para esclarecer de quais problemas está se referindo, Césaire expõe que

O fato é que a civilização chamada ‘europeia’, a civilização ‘ocidental’, tal como foi moldada por dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas que sua existência originou: o problema do proletariado e o problema colonial (CÉSAIRE, 2010, p.15).

Com vistas à diferenciação entre Colonização e Civilização, Aimé Césaire expõe

veementemente que colonizar não é o mesmo que evangelizar, “nem empreitada filantrópica, nem vontade de fazer retroceder as fronteiras da ignorância, da enfermidade, da tirania; nem a expansão de Deus, nem a extensão do Direito”. É, entretanto, um processo de exploração pela força, “com a maléfica sombra projetada por trás por uma forma de civilização que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente, a estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial” (CÉSAIRE, 2010, p. 17).

O diferencial nessa obra é o fato de Césaire não se limitar a expor exclusivamente as investidas coloniais europeias como simples fatos históricos descontextualizados, como a própria história já vem fazendo ao longo de décadas. Ele procura trazer à tona a colonização praticada pela Europa sob um viés não apenas material, mas cultural, visto que muitas culturas foram subjugadas e até exterminadas há séculos.

Para tanto, o escritor da Martinica faz uma viagem ao passado sangrento do velho continente, trazendo ao leitor citações absurdamente preconceituosas e estigmatizadas de líderes políticos, militares, missionários cristãos, cientistas e escritores ocidentais, que juntos tentaram justificar e legitimar a colonização; alegando a suposta existência de raças superiores (europeus brancos) e inferiores (negros, indígenas, orientais, etc). No entanto, essa colonização estava camuflada por uma ideia imaginária que tinha como objetivo (uma farsa!) civilizar os povos tachados por eles como selvagens e bárbaros.

Aimé Césaire rechaça incisivamente essa falsa ideia construída pela Europa acerca dos povos ditos inferiores e colonizados. Propõe ainda que

ninguém coloniza inocentemente, que tampouco ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização e, portanto, à força, já é uma civilização enferma, moralmente ferida, que irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, é que chama a seu Hitler, quero dizer, seu castigo” (CÉSAIRE, 2010, p.26-27).

Dessa forma, o escritor caribenho deixa claro que a colonização tem "descivilizado" as potências capitalistas dominantes, contaminando-as com abordagens brutais e a insensibilidade moral empregados no processo de conquista e gestão dos territórios e povos marginalizados. Acrescenta ainda que

Entre colonizador e colonizado só há lugar para o trabalho forçado, para a intimidação, para a pressão, para a polícia, para o tributo, para o roubo, para a violação, para a cultura imposta, para o desprezo, para a desconfiança, para o silêncio dos cemitérios, para a presunção, para a grosseria, para as elites descerebradas, para as massas envilecidas (CÉSAIRE, 2010, p. 31).

Em contrapartida à desigualdade de direitos entre diferentes raças, Césaire sugere que

a questão da igualdade das raças, dos povos ou das culturas, têm unicamente sentido se trata de uma igualdade de direito, não de uma igualdade de fato. [...] existem diferenças de nível, de potência e de valor entre diversas culturas, sejam as suas causas biológicas ou históricas. Estas acarretam uma desigualdade de fato (CÉSAIRE, 2010, p. 77).

Corroborando esta citação, Boaventura Souza Santos esclarece que “As pessoas têm direito a serem iguais sempre que a diferença as tornar inferiores; contudo, têm também direito a serem diferentes sempre que a igualdade colocar em risco suas identidades” (SOUSA SANTOS, 2001).

É justamente para subsidiar as lacunas presentes nessa arena de práticas e discursos conflituosos que Aimé Césaire propõe que não sejamos de forma alguma neutros, pois não há discurso neutro no âmbito da colonização e tampouco nas práticas pós-coloniais de descolonização. Daí, o alerta que o escritor da Martinica faz no final desse seu célebre ensaio: “A única dominação da qual já não se escapa mais é da estadunidense. Quero dizer da única que não se escapa completamente ileso” (CÉSAIRE, 2010, p. 84).

Para Said, o “Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 1990, p.15).

Essa dominação a que se refere Said também pode ocorrer através da propagação de relatos estereotipados acerca de povos de países subdesenvolvidos, cujas vozes são emudecidas para que se possa valer o discurso do colonizador, conforme relata Pratt:

Nos Andes, a maioria dos viajantes via em primeira mão tais espetáculos como os mineiros indígenas vivendo suas vidas em indescritível miséria em direção certa à morte nas minas frígidas e contaminadas com mercúrio da Cordilheira dos Andes. Tais **contraprovas apresentavam um pequeno problema ao olhar imperial generalizador**. Precisava-se apenas ver uma pessoa descansando para relacionar o testemunho, a sua maneira, ao traço de ociosidade. Um outro precisava apenas constatar alguma sujeira para relacioná-la ao traço de impureza. **Este poder discursivo generalizador é intransponível até que aqueles que são vistos sejam também ouvidos** (PRATT, 2003, p. 153 – tradução e grifo meus).

Sob uma ótica psicológica, Mannoni expõe que essa

a **rejeição do mundo está associada ao desejo de dominar**, um desejo que é de origem infantil e que a adaptação social deixou de disciplinar. **A razão do colonizador está relacionada a onde pretende chegar** – se ele diz que foi um desejo de viajar ou o desejo de escapar de sua terra natal ou dos “antigos

parapeitos”, ou se ele diz que só queria uma vida mais livre – não tem consequência alguma, qualquer que seja a variante oferecida, a **verdadeira razão ainda é o que chamei de muito vagamente de vocação colonial** (MANNONI, 1964, p.108 – tradução e grifo meus).

Para compreender o ímpeto do colonizador, é importante destacar que os diversos discursos elaborados pelo viajante expatriado acerca de outras sociedades, para ele inferiores em comparação com a sua, podem ter relação direta ou indireta com seu passado social, histórico e ideológico absorvidos no seu país de origem, constituindo em si uma vocação para dominar. Muitas vezes esse expatriado não percebe que, em terras diferentes da sua, precisa aprender a separar sua memória da nostalgia, para que seus relatos sobre o “Outro” não se restrinjam a descrições preconceituosas, uma vez que, conforme explica Jameela Begum, a “memória não está sempre no passado. Ela não é estática. Por um lado ela reflete um relacionamento profundo com o passado e, pelo outro, com o presente. [...] Ela se torna cada vez mais crítica desde que se separe da nostalgia¹⁵” (BEGUM, 2000, p.15 - tradução minha).

2.1. Novos olhares sobre a Amazônia.

Trazendo a discussão pós-colonial a uma das mais aclamadas e (re)inventadas regiões do planeta, Gondim afirma que a “Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante, escreve Enclides da Cunha. Ele mesmo, no entanto, deixou-se envolver pela “esfinge”, extrapolando que, realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis” (GONDIM, 1994, p.139). Acrescenta que a Amazônia

desvenda e esconde a utopia do Novo Mundo. Desde o século XVI até o fim do século XX, quando já se anuncia o XXI, há muito de utopia no que se pensa e diz sobre a Amazônia. São muitos, em todo o mundo, que ainda sonham com a ilusão de que ali se escondem exotismos, deslumbramentos, maravilhas. Muito do que se diz sobre a Amazônia, em prosa e verso, nas mais diversas línguas, expressa a ilusão do outro mundo. Ocorre que a Amazônia tornou-se o emblema de uma utopia situada na natureza (GONDIM, 1994, p.139).

Para Alberto Lins Caldas,

Como “natureza” vende-se o imaginário ocidental sobre o paradisíaco: lugar onde mora o homem adâmico, as mulheres ‘ainda inocentes e limpas’, os seres intocados do Édem, a pureza do sagrado: vende-se a proximidade com o criador. O

¹⁵ Memory, however, is not always in the past. It is not static. It reflects a deep relationship with the self on one hand and with the present on the other. [...] And it increasingly becomes critical as it separates itself from nostalgia (BEGUM, 2000, p.15).

descanso como uma purificação do profano nas “águas calientes” do sagrado: sem esses “sonhos mínimos”, realizados ou não, como suportar o trabalho? [...] Como “história” vendem-se os “povos primitivos”, os “nativos”, as “comunidades simples”, os “menos complexos”, os “intocados pela civilização”, os que foram domesticados das suas asperezas por todos os tipos de colonialismo e recebem-nos de braços (e pernas?) abertos. E tudo com segurança, conforto e prazer (CALDAS in NENEVÉ & PROENÇA, 2001, p.11-12).

A partir desse contexto, pode-se inferir que se nós, intelectuais amazônicos e/ou amazônidas, não nos posicionarmos frente aos discursos colonialistas que vêm sendo disseminados acerca da Amazônia às audiências dos grandes centros do Brasil e do mundo, dificilmente conseguiremos desconstruir essa imagem de região exótica e retrógrada, que impunemente vem se tornando uma metonímia.

Em consonância com o que estou dizendo, Nenevé surpreende-se acerca dos “discursos produzidos por colegas da universidade, alunos da pós-graduação bem como paulistas a quem relatávamos o projeto acadêmico a ser realizado”. Acrescenta que “desde o primeiro momento, pela emergência de uma série de representações bastante negativas ou incongruentes a respeito da região. Tais representações mostravam-se carregadas de significados, baseados em imagens estereotipadas, caricaturais e fragmentadas sobre a Amazônia”. Expõe o que comumente podemos observar nos mais variados programas de televisão: discurso de muitos paulistas revelando que, sem sombra de dúvidas, desconhecem a “Região Norte do país, do ponto de vista da geografia, da cultura, do cotidiano, da história, enfim dos principais aspectos constitutivos dessa região brasileira” (NENEVÉ, COOPER & PROENÇA, 2001, p.71).

Ainda sob essa ótica, Nenevé relata que

Uma série de textos, reportagens, livros, artigos, filmes sobre a Amazônia aparecem na mídia. Em algumas ocasiões os seus autores são traídos por um discurso que revela a crença na superioridade do povo do “primeiro mundo” em relação aos povos da América do Sul, do Brasil e da Amazônia. O exótico, o estranho e o sensual também são bastante explorados pelos autores que revelam que vêm para o Brasil, com uma bagagem de leitura sobre os perigos da selva Amazônica, portanto, com um conceito preestabelecido sobre esta região. Assim, embora observando “in loco”, vêem o que querem ver, escrevem sobre a Amazônia aquela verdade que querem divulgar ao mundo. [...] Quando os escritores mencionam as pessoas, as mencionam como pessoas de costumes estranhos, entes sujos, preguiçosos, sem iniciativa, que precisam da presença de pessoas “superiores” para elevar seu nível de vida (NENEVÉ, COOPER & PROENÇA, 2001, p. 100).

Ainda mais impactante, e subsídio fundamental ao estudo que me proponho a desenvolver, é a explanação reveladora de Nenevé ao apresentar que

A partir da associação da Amazônia com o meio-ambiente construída no final dos anos 80, esta região, o Brasil, a América, enfim os “outros” são reinventados dando oportunidade para que além do meio-ambiente outros temas permeiem as obras. Percebe-se, portanto, a existência do discurso colonial teorizada por Pratt, Said e outros. Talvez seja possível afirmar que para satisfazer a necessidade de dominação e para manter a autoridade do primeiro mundo sobre a Amazônia, constrói-se um discurso sobre o homem, a cultura e o comportamento da região. É assim que estamos sujeitos a olhares, a críticas, a julgamentos que “mantêm o controle” e a autoridade sobre nós. A preocupação ecológica, portanto, não é o único “motif” nos livros sobre a Amazônia. Autores americanos que vieram à Amazônia após a morte de Chico Mendes tinham interesse em contar ao mundo o que acontecia por estas regiões. Além da preocupação ecológica, percebe-se que há interesse em escrever sobre o “Wild West”, sobre o exótico, o violento, o estranho, o misterioso (NENEVÉ, COOPER & PROENÇA, 2001, p.101).

Corroborando essa perspectiva, Márcio Souza diz que “muitas hipóteses imaginosas foram levantadas a propósito da ocupação humana da Amazônia. As mais curiosas, por exemplo, falam das audaciosas viagens de certos navegantes do Oriente Próximo, como os fenícios, hebreus e árabes, sem esquecer o suposto comércio que os habitantes da desaparecida Atlântida teriam mantido com a região” (SOUZA, 2009, p.28-29).

Em trechos do poema “Pantomime, a play¹⁶”, de sua obra *Born in Amazonia*¹⁷, o poeta da República da Guiana, Cyril Dabydeen, semelhante a Frantz Fanon, convida os povos da Amazônia a revisitar o passado de suas nações visando a resgatar suas histórias e fortalecer suas vozes, como estratégia de descolonização:

Nós estamos juntos. face a face. nós estamos,
acredite em mim.
fale mais uma vez. você deve, eu falarei...
eu sou finalmente eu mesmo. eu sou. tu és.
escreveremos mais estórias.
ou histórias. Memorize a face do sol. Nós
memorizaremos. mais e mais.
não tenha dúvida quanto a isto. é a nossa única chance¹⁸
(DABYDEEN, 1995, p.63-65 – tradução minha).

Fazendo alusão à figura do colonizador, Dabydeen apresenta-nos o poema “The actor¹⁹”, no qual o colonizador é retratado como um “ator”, que a princípio age como um deus

¹⁶ Pantomime, uma peça – faz alusão à obra *Remembrance & Pantomime: Two Plays*, do escritor de Trinidad e Tobago, Derek Walcott, em que faz uma espécie de paródia da conhecida obra *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, utilizando o recurso da mímica proposto por Hommi K. Bhabha como estratégia de descolonização.

¹⁷ Nascido na Amazônia.

¹⁸ we are together. face to face. we are, / believe me. / speak one more time. you must, i will... / i am finally my own self. i am. you are. will write further stories. / or histories. Memorize the face of the sun. we / do. over and over. / make no mistake about it. it is our only change (Dabydeen, 1995, p.63-65).

¹⁹ O ator.

para enganar o colonizador, porém, após conquistar sua confiança, traz à tona suas reais intenções, promovendo uma verdadeira carnificina para garantir que sua exploração da colônia retire até a última gota do que ela tem a oferecer:

O ator em ti, eu pensava que estava morto
 era o monstro que se tornou um deus.
 O ator em ti, que se enfureceu em nossa direção
 tornando as cidades um amontoado de corpos,
 causando-nos uma morte maior do que uma morte humana
 Em direção à boca, o vampiro
 em ti suga-me até secar-me²⁰
 (DABYDEEN, 1995, p.75 – tradução minha).

2.2. O híbrido e a colonização psicológica.

Esse discurso estático e imperialista, de acordo com o crítico indo-britânico Hommi Bhabha, é a “herança cultural da escravidão ou do colonialismo” que “é posta *diante* da modernidade não para resolver suas diferenças históricas em uma nova totalidade, nem para renunciar a suas tradições. É para introduzir um outro locus de inscrição e intervenção, um outro lugar de enunciação híbrido, “inadequado”, através daquela cisão temporal – ou entre-tempo” (BHABHA, 2010, p. 333-334).

Com vistas a explicar e esclarecer os objetivos do discurso colonial, Bhabha acrescenta que o discurso colonial “busca legitimação para suas estratégias através da produção de conhecimentos do colonizador e do colonizado que são estereotipados mas avaliados antiteticamente.” Assim sendo, “O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução.” Observa ainda que “Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes de seus sujeitos (por exemplo, efeitos de classe, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, sistemas diversos de colonização, e assim por diante)”, está se “referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma “nação sujeita”, apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade” (BHABHA, 2010, p.111).

Além disso, acredita que “apesar do ‘jogo’ no sistema colonial que é crucial para seu exercício de poder, o discurso colonial produz o colonizado como uma realidade social que é

²⁰ The actor in you I thought was dead / was the monster that turned into a god. / The actor in you that raged from inside / making cities one corpse after another, / Causing us die more than a human death / Coming to the mouth, the vampire / in you suck me dry (DABYDEEN, 1995, p.75).

ao mesmo tempo um “outro” e ainda assim inteiramente apreensível e visível”. Para Bhabha, esse discurso colonial “emprega um sistema de representação, um regime de verdade, que é estruturalmente similar ao realismo. E é com o fim de intervir no interior desse sistema de representação que Edward Said propõe uma semiótica do poder ‘orientalista’, em que “os diversos discursos europeus que constituem ‘o Oriente’ como uma zona do mundo unificada em termos raciais, geográficos, políticos e culturais” são examinados.

Para tentar compreender as várias facetas do processo de colonização, é importante estarmos atentos àquela que não ocorre pela força, a psicológica, exercida sutilmente com todo o amor e devoção pelos “doutores, missionários e outros”, que “dificilmente podem ser considerados observadores desinteressados, devido ao fato de eles virem com a ideia de mudar, converter, civilizar²¹” (MANNONI, 1964, p.31 – tradução minha).

Como exemplo de colonização psicológica, a escritora guianense Pauline Melville elabora a seguinte “representação” em *A história do Ventríloquo* (1999) por meio do diálogo entre os colonizadores Rosa e Wormoal a respeito de alguns nativos da República da Guiana:

Mas você próprio também contamina os índios, quando passa uns tempos com eles. (Rosa) / Receio que esteja certa. Nós tentamos apenas observar, mas só com nossa presença alteramos as coisas. [...] Nós, os europeus, temos acesso a todos os livros e documentos que faltam a eles. E o que faço com esse conhecimento? Torno-me um catedrático e enriqueço as culturas europeia e norte-americana com ele. (Wormoal – Rosa) / Você faz o conhecimento parecer uma nova forma de poder colonialista. (Rosa) / Mas é claro que sim. A informação é o novo ouro. Você, como pessoa versada no assunto, devia saber disso. Meu conhecimento sobre os índios é uma forma de possuí-los – admito. Nós lutamos pelo território intelectual. / Mas é melhor que roubar-lhes as terras, não é mesmo? (Wormoal – Rosa) (MELVILLE, 1999, p. 77).

Não seria exatamente assim que está ocorrendo principalmente na Amazônia? Estão produzindo uma gama de “conhecimento” estereotipado a nosso respeito, ao passo que as nossas práticas contradiscursivas não fluem na mesma intensidade.

Dessa forma, ao permitirmos a colonização passivamente, deixando que o colonizador esteja sempre no comando, aceitando que dele demanda inteligência, alta tecnologia, progresso e, portanto, justa posição de comandante, corroboraremos sua afirmação de que, conforme expõe Memmi, o colonizador vê o colonizado como “um débil”, sugerindo “com isso que tal deficiência reclama proteção. [...] Quando o colonizador acrescenta, para não cair na solicitude, que o colonizado é um retardado perverso, de maus instintos, ladrão, um pouco sádico, legitima sua polícia e sua justa severidade (MEMMI, 1989, p. 79). Ou ainda muito

²¹ In spite of all their love and devotion, the doctors, missionaries, and so on can hardly be called disinterested observers, if only because they came with the Idea of changing, converting, civilizing (Mannoni, 1964, p.31).

mais deturpador, assistindo a nossa região e/ou nação sendo retratada por esse colonizador como “o lugar de encontro dos selvagens, um país repleto de superstições e fanatismo, destinado à desgraça, amaldiçoado pelas pragas derramadas por Deus, um país de canibais – em suma, o país dos negros²²” (FANON, 1990, p.170 – tradução minha).

²² For colonialism, this vast continent was the haunt of savages, a country riddled with superstitions and fanaticism, destined for contempt, weighed down by the curse of God, a country of cannibals – in short, the Negro’s country (FANON, 1990, p.170).

**SEÇÃO III – ANÁLISE PÓS-COLONIAL DOS POEMAS E CARTAS
SELECIONADOS**

3.1. The Riverman (O ribeirinho) – o discurso idealizado e as estratégias de colonização.

<u>THE RIVERMAN</u>	<u>O RIBEIRINHO</u>
<p>[A man in a remote Amazonian village decides to become a sacaca, a witch doctor who works with water spirits. The river dolphin is believed to have supernatural powers; Luandinha is a river spirit associated with the moon; and the pirarucú is a fish weighing up to four hundred pounds. These and other details on which this poem is based are from Amazon Town, by Charles Wagley]</p>	<p>[Um homem em uma remota vila Amazônica decide se tornar um sacaca, um curandeiro que trabalha com os espíritos da água. Acredita-se que o boto tenha poderes sobrenaturais; Luandinha é um espírito do rio associado à lua; e o pirarucu é um peixe que chega a pesar duzentos quilos. Estes e outros detalhes em que se baseia este poema são oriundos de Amazon Town, de Charles Wagley]</p>
<p>I got up in the night for the Douphin spoke to me. He grunted beneath my window, hid by the river mist, but I glimpsed him – a man like myself. I threw off my blanket, sweating; I even tore off my shirt. I go out of my hammock and went through the window naked. My wife slept and snored. Hearing the Dolphin ahead, I went down to the river and the moon was burning bright as the gasoline-lamp mantle with the flame turned up too high, just before it begins to scorch.</p> <p>I went down to the river. I heard the Dolphin sigh as he slid into the water. I stood there listening till he called from far outstream. I waded into the river and suddenly a door in the water opened inward, groaning a little, with water bulging above the lintel.</p>	<p>Levantei durante a noite porque o Boto falou comigo. Ele rosnou sob a minha janela, oculto pela névoa do rio, mas eu o olhei de relance – um homem como eu. Tirei meu cobertor, suando; Ainda rasguei minha camisa. Levantei da minha rede e saí nu pela janela. Minha esposa dormia e roncava. Ouvindo o Boto adiante, Desci até o rio e a lua estava queimando ardentemente como um candeeiro à gasolina com a chama visivelmente tão alta, bem próximo de começar a chamuscar.</p> <p>Desci até o rio. Ouvi o Boto suspirar enquanto ele deslizava para dentro d'água. Fiquei estático, escutando até que ele me chamasse lá de longe fora do fluxo de água. Andei sobre a água para dentro do rio e de repente uma porta na água se abriu para dentro,</p>

<p>I looked back at my house, white as a piece of washing forgotten on the bank, and I thought once of my wife, but I knew what I was doing.</p> <p>They gave me a shell of cachaça and decorated cigars. The smoke rose like mist through the water, and our breaths didn't make any bubbles. We drank cachaça and smoked the green cheroots. The room filled with gray-green smoke and my head couldn't have been dizzier. Then a tall, beautiful serpent in elegant white satin,</p> <p>with her big eyes green and gold like the lights on the river steamers – yes, Luandinha, none other – entered and greeted me. She complimented me in a language I didn't know; but when she blew cigar smoke into my ears and nostrils I understood, like a dog, although I can't speak it yet. They showed me room after room and took me from here to Belém and back again in a minute. In fact, I'm not sure where I went, but miles, under the river.</p> <p>Three times now I've been there. I don't eat fish any more. There is fine mud on my scalp and I know from smelling my comb that the river smells in my hair. My hands and feet are cold. I look yellow, my wife says, and she brews me stinking teas I throw out, behind her back. Every moonlight night I'm to go back again.</p> <p>I know some things already, but it will take years of study, it is all so difficult. They gave me a mottled rattle</p>	<p>rangendo um pouco, com água enchendo acima do caixilho. Olhei para trás em direção a minha casa, branca como um pedaço de roupa lavada esquecido na beira do rio, e eu pensei uma vez na minha esposa, mas eu sabia o que eu estava fazendo.</p> <p>Eles me deram uma concha de cachaça E charutos decorados. A fumaça subia feito névoa através da água, e nossas respirações não formavam bolhas. Tomamos cachaça e fumamos os charutos verdes. A sala encheu-se com fumaça verde-acinzentada e minha cabeça não podia ter ficado mais zozna. Então uma serpente alta e bonita de cetim branco e elegante,</p> <p>com seus enormes olhos verdes e dourados como os faróis de navios a vapor sobre o rio – sim, Luandinha, nenhuma outra – entrou e cumprimentou-me. Ela me saudou em uma língua que eu não conhecia; mas quando ela soprou fumaça de charuto nos meus ouvidos e narinas Eu entendi, feito um cachorro, embora eu ainda não consiga falar esta língua. Eles me mostraram sala após sala e levaram-me daqui até Belém e voltamos num minuto. Na verdade, não tenho certeza aonde fui, mas fui longe, sob o rio.</p> <p>Agora, tenho estado lá por três vezes. Não como mais peixe. Há uma fina camada de lama no meu couro cabeludo e eu sei, ao cheirar meu pente, que o rio impregnou meu cabelo com seu odor Meus pés e mãos estão frios. Minha esposa diz que pareço amarelo, e ela prepara chás fedorentos para mim que eu joga fora, pelas suas costas. Toda noite de lua cheia Eu volto lá outra vez.</p>
--	---

and a pale-green coral twig
and some special weeds like smoke.
(They're under my canoe.)
When the moon shines on the river,
oh, faster than you can think it
we travel upstream and downstream,
we journey from here to there,
under the floating canoes,
right through the wicker traps,
when the moon shines on the river
and Luandinha gives a party.
Three times now I've attended.
Her rooms shine like silver
with the light from overhead,
a steady stream of light
like at the cinema.

I need a virgin mirror
no one's ever looked at,
that's never looked back at anyone,
to flash up the spirits' eyes
and help me recognize them.
The storekeeper offered me
a box of little mirrors,
but each time I picked one up
a neighbor looked over my shoulder
and then that one was spoiled –
spoiled, that is, for anything
but the girls to look at their mouths in,
to examine their teeth and smiles.

Why shouldn't I be ambitious?
I sincerely desire to be
a serious sacaca
like Fortunato Pombo,
or Lúcio, or even
the great Joaquim Sacaca.
Look, it stands to reason
that everything we need
can be obtained from the river.
It drains the jungles; it draws
from trees and plants and rocks
from half around the world,
it draws from the very heart
of the earth the remedy
for each of the diseases –
one just has to know how to find it.
But everything must be there
in that magic mud, beneath
the multitudes of fish,

Já sei de algumas coisas,
mas ainda levará anos de estudo,
porque é tudo tão difícil.
Eles me deram um chocalho mosqueado
e um raminho de coral verde-pálido
e uma ervas especiais (maconha) feito fumo.
(Elas estão debaixo da minha canoa.)
Quando a lua brilha sobre o rio,
oh, mais rápido do que você possa pensar
nós viajamos rio acima e rio abaixo,
viajamos daqui pra lá,
por debaixo das canoas flutuantes,
através das armadilhas de bambu,
quando a lua brilha sobre o rio
e Luandinha dá uma festa.
Já estive presente por três vezes.
Suas salas brilham como prata
com a luz acima de sua cabeça,
uma sólida corrente de luz
como no cinema.

Preciso de um espelho virgem
um que ninguém tenha olhado,
que nunca tenha olhado pra ninguém,
para observar nos olhos dos espíritos
e me ajudar a reconhecê-los.
O vendedor me ofereceu
uma caixa de espelinhos,
mas cada vez que eu pegava um
alguém próximo se olhava por cima do meu
ombro
e logo aquele espelho se estragava –
para ser sincero, não servia para nada
a não ser para as moças olharem dentro de
suas bocas,
para examinar seus dentes e sorrisos.

Por que eu não deveria ser ambicioso?
Eu sinceramente desejo ser
um sacaca de verdade
como Fortunato Pombo,
ou Lúcio, ou ainda
o grande Joaquim Sacaca.
Veja, isso faz sentido
que tudo que precisamos
pode ser obtido do rio.
Ele drena as florestas; ele retira
das árvores, plantas e rochas
de todos os arredores do mundo
ele arranca, do próprio coração

deadly or innocent,
 the giant pirarucús,
 the turtles and crocodiles,
 tree trunks and sunk canoes,
 with the crayfish, with the worms
 with tiny electric eyes
 turning on and off and on.
 The river breathes in salt
 and breathes it out again,
 and all is sweetness there
 in the deep, enchanted silt.

When the moon burns white
 and the river makes that sound
 like a primus pumped up high –
 that fast, high whispering
 like a hundred people at once –
 I'll be there below,
 as the turtle rattle hisses
 and the coral gives the sign,
 travelling fast as a wish,
 with my magic cloak of fish
 swerving as I swerve,
 following the veins,
 the river's long, long veins,
 to find the pure elixirs.
 Godfather and cousins,

your canoes are over my head;
 I hear your voices talking.
 You can peer down and down
 or dredge the river bottom
 but never, never catch me.
 When the moon shines and the river
 lies across the earth
 and sucks it like a child,
 then I will go to work
 to get you health and money.
 The Dolphin singled me out;
 Luandinha seconded it.

(BISHOP: 1999, p.76; 78; 80; 82; 84; 86; 88)

da terra, o remédio
 para cada uma das doenças –
 é só descobrir como encontrá-lo.
 Mas tudo deve estar lá
 naquele lodo mágico, debaixo
 dos cardumes de peixe,

letais ou inofensivos,
 os gigantescos pirarucus,
 as tartarugas e crocodilos,
 troncos de árvores e canoas submersas,
 com o camarão-d'água-doce, com os piraquês
 com olhos elétricos minúsculos
 ligando e desligando e ligando.
 O rio respira sal
 E expira-o novamente,
 e tudo é doçura lá
 no fundo, sedimento encantado.

Quando a lua arde branca
 e o rio emite aquele som
 de chama de fogão acesa no máximo –
 que sussurra rápido e alto
 como cem pessoas de uma só vez –
 Eu estarei lá embaixo,
 enquanto chia o chocalho de tartaruga
 e o coral dando o sinal,
 viajando rápido feito um desejo,
 com meu manto mágico de peixes
 mudando de direção enquanto eu desvio,
 seguindo as veias,
 as longas e longas veias do rio,
 para encontrar os elixires puros.
 Padrinhos e primos,

suas canoas estão sobre minha cabeça;
 Eu ouço suas vozes conversando.
 Vocês podem olhar bem pra baixo
 ou dragar o fundo do rio
 mas nunca, nunca me apanhar.
 Quando a lua brilha e o rio
 se estende pela terra
 e a suga como uma criança,
 então irei trabalhar
 para conseguir saúde e dinheiro a vocês.
 O Boto me escolheu;
 e Luandinha apoiou essa escolha.

Em carta a sua médica e amiga, Dra. Anny Baumann, [Rio de Janeiro] 9 de julho de 1959, Bishop ratifica o exposto na epígrafe deste poema. No entanto, nota-se sua ironia e descaso para com a Amazônia, quando diz não se importar de ter escrito esse poema sem nunca ter visto a Amazônia:

A New Yorker acabou de me enviar um telegrama dizendo que estão me comprando um poema bem longo (bom para mim) [“O Ribeirinho”]. Não sei quando eles pretendem publicá-lo, mas talvez você se interesse porque é sobre a Amazônia. Nunca vi a Amazônia, mas não importa! Finalmente, tenho elaborado novamente um grupo de poemas, graças a Deus. Este sobre a Amazônia é o que gosto menos, por isso achei que o deveria ter enviado primeiro – os outros são melhores, eu acho, ou espero, e todos juntos deveriam ser suficientes para um novo livro em meados do ano que vem (BISHOP, 1994, p.373 – tradução minha).

Em seu livro *Poemas do Brasil*, o poema em tela é apresentado em um capítulo que trata da fase de “Descobrimento” do Brasil por essa poeta. Não obstante, ao longo dessa análise poderemos inferir que seu discurso não se difere muito dos que já vêm sendo construídos acerca dessa região, como explana Gondim:

A Amazônia desvenda e esconde a utopia do Novo Mundo. Desde o século XVI até o fim do século XX, quando já se anuncia o XXI, há muito de utopia no que se pensa e diz sobre a Amazônia. São muitos, em todo o mundo, que ainda sonham com a ilusão de que ali se escondem exotismos, deslumbramentos, maravilhas. Muito do que se diz sobre a Amazônia, em prosa e verso, nas mais diversas línguas, expressa a ilusão do outro mundo. Ocorre que a Amazônia tornou-se o emblema de uma utopia situada na natureza (GONDIM, 1994).

Escrever sobre a Amazônia poderia ser menos quimérico e fantasioso se os muitos escritores que se propõem a investigá-la/explorá-la estivessem interessados em buscar vislumbrá-la e compreendê-la por meio de um viés amplo e multicultural, despreendendo-se daquela antiga ótica colonialista direcionada a detalhes descontextualizados, em que abunda o exotismo na fauna e flora e a incivilidade e o misticismo, nas comunidades locais. Como exemplo contrário a este discurso estereotipado, apresentarei, sob uma perspectiva pós-colonial, o poema “The Riverman / O Ribeirinho”, escrito por Elizabeth Bishop a partir da leitura da obra *Amazon Town*, de Charles Wagley, como ela mesma menciona na epígrafe desse poema.

Subsidiado pelos pressupostos teóricos de alguns escritores do pós-colonialismo, investigarei se há indícios de imperialismo no discurso de Bishop, visando a tentar conter sua perpetuação, uma vez que, de acordo com os variados relatos literários proferidos sobre a Amazônia ao longo da história, ela e nela tudo continua estático, o que justifica facilmente o

discurso colonizador concernente à necessidade de trazer o progresso para essa região “tão atrasada” e promover, enfim, seu desenvolvimento. Como exemplo disso, Gondim expõe que a “Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante, escreve Enclides da Cunha. Ele mesmo, no entanto, deixou-se envolver pela ‘esfinge’, extrapolando que, realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis” (GONDIM, 1994, p.139).

Foi exatamente sob esta perspectiva que Charles Wagley escreveu sobre a Amazônia e Bishop ratificou neste poema. Enquanto ele esteve nessa região e tentou produzir um discurso sobre o que viu, sentiu, fingiu, etc. Bishop, por sua vez, sequer vivenciou o que escreveu. Portanto, no poema que analisaremos, há várias citações de alguns mitos amazônicos, porém, observaremos que sua significação e funcionamento na sociedade que lhe deu vida são desconsiderados e/ou reduzidos a meras credices que para Bishop fazem parte do imaginário popular dos ribeirinhos que habitam às margens dos muitos rios que compõem a Amazônia.

No início de “O Ribeirinho”, Elizabeth Bishop, narrando em primeira pessoa do singular, faz sua primeira interferência na construção das personagens do boto e do ribeirinho, apresentando-os a sua audiência como sendo homossexuais: “Levantei durante a noite / **porque o Boto falou comigo.** / [...] mas eu o olhei de relance – **um homem como eu.** [...] e **saí nu pela janela.** / **Minha esposa dormia e roncava.** / Ouvindo o Boto adiante,/ Desci até o rio” (BISHOP, 1999, p.76 – grifo meu).

No entanto, segundo Candace Slater, na Amazônia, “**Os relatos sobre o boto contados por homens quase sempre dão ênfase à sua virilidade** e comportamento alegremente enganador, e muitos possuem uma mensagem de cautela subentendida”. Acrescenta que “Embora o Boto não precise demonstrar nenhum motivo particular para suas ações despuoradas, **os homens, muito mais que as mulheres, costumam encarar sua perseguição a um ou outro membro da comunidade (normalmente uma mulher)**, como uma espécie de “**retribuição a um comportamento pouco apropriado**” (SLATER, 2001, p.246-247 – grifo meu). Entretanto, embora não ocorra com frequência, há incidência de histórias narradas por homens da Amazônia envolvendo algum tipo de relação de domínio e/ou encantamento com o boto macho.

É importante ressaltar que, de acordo com os resultados das entrevistas realizadas por Slater com ribeirinhos amazônicos, há as “histórias contadas pelos homens sobre os Botos fêmeas” que, para ela, “reforçam as definições dos papéis predeterminados para os dois sexos. Menos sociáveis que suas contrapartes masculinas, as Mulheres-Boto não só preferem encontros privados, face a face, como pensam muito em casamento”. Além disso, “apesar de

considerarem as Mulheres-Boto como ‘mulheres fogosas’, esses apelos à ajuda dos homens combinam com a idéia das mulheres como seres passivos, que necessitam de ajuda” (SLATER, 2001, p.247). Este aspecto corrobora muito o complexo machista comumente presente nas comunidades ribeirinhas da Amazônia constatado pela pesquisa realizada pela referida pesquisadora, que não se restringiu a escrever sobre essas comunidades a partir de seu olhar, mas também a partir da voz do outro, entrevistado por ela.

Diante disso, pode-se inferir que Bishop transfere sua homossexualidade para as personagens do boto e do ribeirinho, como se elas representassem sua companheira Lota e ela própria, respectivamente, tentando assumir sua sexualidade em um país distante do seu, onde, talvez, as pessoas pudessem exteriorizar seus desejos mais íntimos, como assim faziam os muitos colonizadores europeus ao contatarem com os/as nativos/as das terras que resolverem conquistar. Sob esta perspectiva, creio que esse discurso de Bishop não se diferencia dos que já vem sendo produzidos sobre a Amazônia e seus povos, como é perceptível na citação a seguir, do escritor Alberto Lins Caldas:

Como “natureza” vende-se o imaginário ocidental sobre o paradisíaco: lugar onde mora o homem adâmico, as mulheres ‘ainda inocentes e limpas’, os seres intocados do Édem, a pureza do sagrado: vende-se a proximidade com o criador. O descanso como uma purificação do profano nas “águas calientes” do sagrado: sem esses “sonhos mínimos”, realizados ou não, como suportar o trabalho? (ALBERTO LINS CALDAS in NENEVÉ & PROENÇA, 2001, p.11-12).

É a respeito deste tipo de discurso idealizado, produzido para impressionar uma audiência tão distante e fazer garantir o financiamento das grandes expedições dos bravos viajantes europeus, em sua maioria, que precisamos, enquanto intelectuais colonizados, reavaliá-lo não com o intuito de marginalizar sua natureza histórica, mas para que seja apenas exemplo de uma época em que a liberdade e o respeito ao outro/diferente inexistia. Para tanto, faz-se necessário resgatá-lo para reconstruí-lo com vistas a coibir seu legado às sociedades que ainda vislumbram o diferente como pobre, bárbaro, feio, ignorante e subdesenvolvido, com olhos imperiais e mãos usurpadoras. É o que também podemos inferir a partir do seguinte ponto de vista de Hommi Bhabha:

A herança cultural da escravidão ou do colonialismo é posta *diante* da modernidade *não* para resolver suas diferenças históricas em uma nova totalidade, nem para renunciar a suas tradições. É para introduzir um outro lócus de inscrição e intervenção, um outro lugar de enunciação híbrido, “inadequado”, através daquela cisão temporal – ou entre-tempo (BHABHA, 2010, p. 333-334).

E como estratégia de descolonização, reiterando o que fora explanado anteriormente,

Fanon propõe que esta prática deve partir dos próprios povos ditos colonizados:

O intelectual colonizado que escreve para seu povo deve fazê-lo com o intuito de resgatar o passado e abrir perspectivas para o futuro... que ele deve sentir a necessidade de falar para sua nação, de compor a frase que expressa o coração do seu povo e se tornar o representante de uma nova realidade em ação. (FANON, 1963, p. 179-187 - tradução nossa).

Retomando a análise de “O Ribeirinho”, e subsidiado por essa voz que ecoa desde décadas anteriores, observo a maneira como Bishop constrói o herói do seu poema, focando no seu ímpeto desbravador de colonizador, aqui, fantasiado de ribeirinho, abrindo mão de sua casa, sua esposa, disposto a mudar sua vida e adentrar em uma aventura por dentro d’água:

Andei sobre a água para dentro do rio / **e de repente uma porta / na água se abriu para dentro**, rangendo / um pouco, com água / enchendo acima do caixilho. / **Olhei para trás em direção a minha casa**, / branca como um pedaço de roupa lavada / esquecido na beira do rio, / **e eu pensei uma vez na minha esposa**, / **mas eu sabia o que eu estava fazendo** (BISHOP, 1999, p.78 – grifo meu).

Além disso, proponho destacar neste trecho o recurso utilizado por Bishop para alimentar o imaginário e a curiosidade de sua audiência estadunidense, o fantástico e o místico momento em que uma porta se abre para dentro da água, não muito distante de relatos de escritores anteriores sobre a utópica Atlântida, como bem expõe o escritor amazônida Márcio Souza:

Muitas hipóteses imaginosas foram levantadas a propósito da ocupação humana da Amazônia. As mais curiosas, por exemplo, falam das audaciosas viagens de certos navegantes do Oriente Próximo, como os fenícios, hebreus e árabes, sem esquecer o suposto comércio que os habitantes da desaparecida Atlântida teriam mantido com a região (SOUZA, 2009, p.28-29).

Em sequência, seguindo os passos do boto, a poeta norte-americana, representando o ribeirinho insatisfeito (colonizador), relata seu primeiro contato com as supostas criaturas residentes no interior do rio:

Eles me deram uma concha de cachaça / E charutos decorados. / A fumaça subia feito névoa / através da água, e nossas respirações / não formavam bolhas. / **Tomamos cachaça e fumamos / os charutos verdes**. A sala / encheu-se com fumaça verde-acinzentada / e minha cabeça não podia ter ficado mais zozna. / **Então uma serpente alta e bonita** / de cetim branco e elegante, / com seus **enormes olhos verdes e dourados** / como os faróis de navios a vapor sobre o rio – / **sim, Luandinha, nenhuma outra** – / entrou e cumprimentou-me (BISHOP, 1999, p.78;80 – grifo meu).

Nesse contato, recomendo a inferência de que o ribeirinho estava participando de

algum ritual organizado pelas criaturas do fundo do rio. Trata-se novamente do uso de um discurso místico, cuja intenção pode ser a de convencer o leitor de que nesse lugar as pessoas têm hábitos e costumes extravagantes e estranhos. Os participantes estão se embriagando e fumando “os charutos verdes”, provavelmente maconha e, por consequência desta, idealizam o surgimento de uma “serpente alta e bonita, de cetim branco e elegante, com seus enormes olhos verdes e dourados e verdes como os faróis de navios a vapor – sim, Luandinha”? Para muitos estudiosos da poesia de Bishop, ela está apenas trazendo à tona mitos e credices amazônicas, o que caracterizaria, sob um viés pós-colonial proposto por Fanon, uma importante prática de descolonização, pois apresenta ao mundo literário aspectos sócio-culturais de uma sociedade diferente para uma outra que se considera mais desenvolvida em vários aspectos, para não dizer, em todos estes.

No entanto, considerando que Bishop compôs o poema em tela sem ter estado em solo amazônico anteriormente, também sugiro que ela pode estar inferindo que se as pessoas nessa região veem criaturas como a Luandinha, é porque estão sob o efeito alucinógeno da maconha. Portanto, o que seria proposta de descolonização torna-se tentativa de uma colonização psicológica, pois, como argumenta Octave Mannoni, em uma situação colonial, o colonizador não percebe o mundo do outro (colonizado), um mundo em que os outros têm de ser respeitados e não modificados, convertidos ou civilizados: “Apesar de todo seu amor e devoção, os doutores, missionários e outros dificilmente podem ser considerados observadores desinteressados, devido ao fato de eles virem com a ideia de mudar, converter, civilizar” (MANNONI, 1964, p.31 - tradução minha).

Nos versos que seguem, Bishop continua retratando o encontro do ribeirinho com as criaturas do rio adentro, bem como as aventuras que elas lhe proporcionaram, pois assim é a vida de um colonizador, repleta de aventura, adrenalina e obstáculos que nunca lhes serão intransponíveis:

Ela me saudou / em uma língua que eu não conhecia; / mas quando ela soprou fumaça de charuto / nos meus ouvidos e narinas / **Eu entendi, feito um cachorro,** / **embora eu ainda não consiga falar esta língua.** /Eles me mostraram sala após sala / e levaram-me daqui até Belém / e voltamos num minuto. / **Na verdade, não tenho certeza aonde fui, / mas fui longe, sob o rio** (BISHOP, 1999, p. 80 – grifo meu).

Além de revelar a tendência que o colonizador tem para conquistar e dominar os lugares mais inusitados e remotos do planeta, estes versos também denunciam o descaso que Bishop sempre teve com a língua portuguesa e deixa claro que ela é de fato o ribeirinho desse poema:

... apesar dos quase vinte anos que conviveu com ele (o português) no dia-a-dia, Bishop jamais conseguiu dominar seus recursos. [...] Bishop confessa numa carta a Drummond: ‘Falo mal o português’. Em 1966, declara a Ashley Brown numa entrevista: ‘Depois de tantos anos, **sou como um cachorro: entendo tudo que me dizem, mas não falo muito bem** (BISHOP, 1999, p.40 – grifo meu).

Talvez por não ter visitado a Amazônia antes de escrever “O Ribeirinho”, a poeta estadunidense segue discorrendo versos contendo importantes informações sobre essa região sem fazer referência aos seus propósitos de criação e utilização por determinadas comunidades amazônicas, ignorando, assim, seu contexto social, político e cultural:

[...] Minha esposa diz que pareço amarelo, / e ela prepara chás fedorentos para mim / que eu joga fora, pelas suas costas. / Toda noite de lua cheia / Eu volto lá outra vez. [...] / **Já sei de algumas coisas**, / mas ainda levará anos de estudo, / porque é tudo tão difícil. / Eles me deram um chocalho mosqueado / e um raminho de coral verde-pálido / **e umas ervas especiais feito fumo**. / (Elas estão debaixo da minha canoa.) / Quando a lua brilha sobre o rio, / oh, mais rápido do que você possa pensar / nós viajamos rio acima e rio abaixo, / viajamos daqui pra lá, / por debaixo das canoas flutuantes, / através das armadilhas de bambu, / quando a lua brilha sobre o rio / e **Luandinha dá uma festa**. / **Já estive presente por três vezes**. / **Suas salas brilham como prata / com a luz acima de sua cabeça, / uma sólida corrente de luz / como no cinema** (BISHOP, 1999, p.80;82 – grifo meu).

Como exemplos, ressalto a citação superficial de Bishop acerca dos “chás”, para ela, “fedorentos”, utilizados por muitos nativos dessa região com vistas a curar doenças e/ou amenizar inúmeras dores, bem como o conhecimento desses povos acerca da manipulação de “ervas”, não necessariamente a maconha, como parece propor Bishop ao dizer “ervas feito fumo”; além, é evidente, dos mitos naturalmente construídos, assimilados e transferidos às gerações locais futuras, como o mito da “Luandinha”, também conhecido pela Amazônia como “Honorato Cobra Grande” e “Boiuna”.

Também é importante observar a comparação que “o Ribeirinho de Bishop” faz entre “As salas... e um rio de luz constante” que estava vislumbrando como sendo “igualzinho no cinema”; comparação verossimilmente duvidosa, uma vez que o cinema talvez inexistisse em comunidades ribeirinhas amazônicas à época em que Bishop compôs esse poema, e ainda, talvez, inexistia até os dias atuais.

Portanto, o que se pode constatar nesses versos de “O Ribeirinho” é uma tentativa frustrada de alguém com muito talento e imaginação acreditar que poderia descrever uma região tão complexa como a Amazônia e sua pluralidade cultural sem tê-la conhecido de perto e, principalmente, a partir do olhar de outrem que não a compreendeu satisfatoriamente. Resta ao leitor procurar se maravilhar com o retrato da Amazônia pintado por Bishop ou iniciar uma

consubstanciada crítica às lacunas deixadas por essa poeta nesse mosaico cubista amazônico, em que história, povos e cultura são servidos à audiência internacional em bandeja de prata, para continuarem a ser degustados com muito prazer, como bem retrata o escritor Alberto Lins Caldas:

Como “história” vendem-se os “povos primitivos”, os “nativos”, as “comunidades simples”, os “menos complexos”, os “intocados pela civilização”, os que foram domesticados das suas asperezas por todos os tipos de colonialismo e recebem-nos de braços (e pernas?) abertos. E tudo com segurança, conforto e prazer (CALDAS in NENEVÉ & PROENÇA, 2001, p.12).

Em carta a Howard Moss, datada de 8 de setembro de 1959, a própria Bishop revela que esse poema “não é um tipo de que poema que **ela realmente aprova**”. Certamente a incomodava muito o fato de tê-lo elaborado a partir da visão de outrem, o que acaba o tornando talvez um dos piores aos seus olhos por ser uma espécie de recriação:

[] Obrigada pelos seus comentários generosos acerca do meu **poema amazônico – não é um tipo de poema que eu realmente aprovo**, mas talvez ele agrade – e eu tenho mais alguns em andamento que eu gosto mais, creio eu. Espero sinceramente que as peças estejam indo bem – talvez agora nós consigamos assistir a elas (BISHOP, 1994, p.374 – tradução e grifo meus).

Nesta perspectiva, Edward Said explana sobre a recriação do Oriente (neste caso, a Amazônia) pelo Ocidente (aqui representado por Bishop/Estados Unidos da América), esclarecendo a tradição do Orientalismo, que

pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (SAID, 1990, p.15).

É exatamente com o intuito de iniciar sua dominação, a princípio, sobre os “espíritos” locais, que o colonizador de Bishop, ao que parece, representado na figura do Ribeirinho, após adquirir determinados conhecimentos dos nativos, tenta fazer prevalecer sua autoridade sobre estes, assim como propõe Albert Memmi acerca das estratégias de colonização adotadas pelo colonizador em sua situação de colonização:

Quando o colonizador afirma, em sua linguagem, que o colonizado é um débil, sugere com isso que tal deficiência reclama proteção. [...] Quando o colonizador acrescenta, para não cair na solicitude, que o colonizado é um retardado perverso, de maus instintos, ladrão, um pouco sádico, legitima sua polícia e sua justa severidade (MEMMI, 1989, p. 79).

Para tanto, o Ribeirinho em epígrafe coloca em prática seu plano de dominação, afirmando precisar de

um espelho virgem / um que ninguém tenha olhado, / que nunca tenha olhado pra ninguém, / para observar nos olhos dos espíritos / e me ajudar a reconhecê-los. / O vendedor me ofereceu / uma caixa de espelinhos, / mas cada vez que eu pegava um / alguém próximo se olhava por cima do meu ombro / e logo aquele espelho se estragava – / para ser sincero, não servia para nada / a não ser para as moças olharem dentro de suas bocas, / para examinar seus dentes e sorrisos (Bishop, 1999, p. 82;84).

No entanto, como a estratégia do espelho falhou, o Ribeirinho declara sua grande ambição, se tornar um “sacaca de verdade” para manipular as ervas, elixires, dominar os rios e todas as suas criaturas, como o boto, a Luandinha, o pirarucu, etc, deixando sua máscara cair por terra, e seus olhos imperiais revelarem suas reais intenções:

Por que eu não deveria ser ambicioso? / Eu sinceramente desejo ser / um sacaca de verdade / como Fortunato Pombo, / ou Lúcio, ou ainda / o grande Joaquim Sacaca. / Veja, isso faz sentido / que tudo que precisamos / pode ser obtido do rio. / Ele drena as florestas; ele retira / das árvores, plantas e rochas / de todos os arredores do mundo / ele arranca, do próprio coração / da terra, o remédio / para cada uma das doenças – / é só descobrir como encontrá-lo. / Mas tudo deve estar lá / naquele lodo mágico, debaixo / dos cardumes de peixe, / letais ou inofensivos, / os gigantescos pirarucus, / as tartarugas e crocodilos, / troncos de árvores e canoas submersas, / com o camarão-d’água-doce, com os puraquês / com olhos elétricos minúsculos / ligando e desligando e ligando. / O rio respira sal / E expira-o novamente, / e tudo é doçura lá / no fundo, sedimento encantado (BISHOP, 1999, p. 84;86 – Grifo meu).

Percebe-se que o contato com os nativos proporcionou ao colonizador a aquisição de uma gama de conhecimento, fazendo com que ele aspirasse ser como “Fortunato Pombo”, “Lúcio” e “ou ainda o grande Joaquim Sacaca”, personagens nativos presentes na obra *Amazon Town*, de Charles Wagley. No entanto, muito embora faça citações da fauna e conhecimentos locais, seu discurso retoma o âmbito do misticismo e fantástico para justificar sua incapacidade de sobrepor sua cultura e, principalmente, de concretizar seu plano de dominação, tema muito bem explorado no diálogo a seguir, das personagens Rosa e Wormoal de *A história do Ventríloquo*, de Pauline Melville:

Mas você próprio também contamina os índios, quando passa uns tempos com eles. (Rosa) / Receio que esteja certa. Nós tentamos apenas observar, mas só com nossa presença alteramos as coisas. [...] Nós, os europeus, temos acesso a todos os livros e documentos que faltam a eles. E o que faço com esse conhecimento? Torno-me um catedrático e enriqueço as culturas europeia e norte-americana com ele. (Wormoal – Rosa) / Você faz o conhecimento parecer uma nova forma de poder colonialista. (Rosa) / Mas é claro que sim. A informação é o novo ouro. Você, como pessoa versada no assunto, devia saber disso. Meu conhecimento sobre os índios é uma

forma de possuí-los – admito. Nós lutamos pelo território intelectual. / Mas é melhor que roubar-lhes as terras, não é mesmo? (Wormoal – Rosa) (MELVILLE, 1999, p. 77).

Nesta passagem, há um claro exemplo de colonização psicológica estudada por Mannoni, a dominação pelo conhecimento que, ao contrário do que sugere Wormoal, é mais deturpadora que roubar as terras de alguém; pois faz brotar no cerne do colonizado um complexo de inferioridade e, conseqüentemente, uma necessidade de proteção seguida de desvalorização de sua própria cultura em detrimento de uma outra taxada, de alguma forma, como superior.

Foi, talvez, o que acabou ocorrendo a partir do encontro colonial entre os ribeirinhos nativos e o eu lírico do poema analisado neste estudo. Vejamos, nos versos em destaque a seguir, a proposta de liderança, proteção e prosperidade apresentada pelo colonizador, com o consentimento do Boto e da Luandinha:

Padrinhos e primos, [] / suas canoas estão sobre minha cabeça; / Eu ouço suas vozes conversando. / Vocês podem olhar bem pra baixo / ou dragar o fundo do rio / mas nunca, nunca me apanhar. / Quando a lua brilha e o rio / se estende pela terra / e a suga como uma criança, / então irei trabalhar / para conseguir saúde e dinheiro a vocês. / O Boto me escolheu; / e Luandinha apoiou essa escolha (BISHOP, 1999, p.86;88).

Face às explanações apresentadas, ganha relevo minha proposição de que esse é mais um exemplo de discurso superficial e estereotipado acerca da Amazônia, uma vez que teve como base de inspiração a famosa obra *Amazon Town*, do antropólogo norte-americano Charles Wagley, que retratou à audiência internacional uma Amazônia exclusivamente exótica, inóspita, retrógrada e povoada de selvagens e feiticeiros.

Além disso, subsidiado pelos pressupostos dos principais teóricos do pós-colonialismo e escritores locais, ousou propor que a posição discursiva de Bishop é colonizadora, nesse poema; uma vez que seu propósito visa a perpetuar uma imagem estereotipada que muitos escritores (inclusive brasileiros de outras regiões) já vêm construindo ao longo de décadas a respeito dessa importante região do planeta, desconsiderando sua importante pluralidade étnica e cultural, como afirmam Nenevé e Proença:

Os discursos produzidos por colegas da universidade, alunos da pós-graduação bem como paulistas a quem relatávamos o projeto acadêmico a ser realizado, surpreenderam-nos, desde o primeiro momento, pela emergência de uma série de representações bastante negativas ou incongruentes a respeito da região. Tais representações mostravam-se carregadas de significados, baseados em imagens estereotipadas, caricaturais e fragmentadas sobre a Amazônia. O discurso de muitos paulistas revelava, sem dúvida, desconhecimento da Região Norte do país, do ponto

de vista da geografia, da cultura, do cotidiano, da história, enfim dos principais aspectos constitutivos dessa região brasileira (2001, p.71).

Dessa forma, é importante uma releitura de obras literárias cujo foco é a Amazônia com um olhar mais crítico e acurado, desprovido de “inocência” e exclusiva atenção a seu teor artístico e métrico. Pois, caso continuemos com esse tipo de leitura descompromissada, será muito difícil subvertermos a perspectiva que até hoje muitos leitores e escritores insistem em lançar sobre a região amazônica, perspectiva que Fanon já advertia, afirmando que aos olhos do colonizador a colônia é “o lugar de encontro dos selvagens, um país repleto de superstições e fanatismo, destinado à desgraça, amaldiçoado pelas pragas derramadas por Deus, um país de canibais – em suma, o país dos negros” (FANON, 1990, p.170 – tradução minha).

3.2. The Shampoo (O Xampu) – o deslumbramento com a terra a partir da paixão pela mulher.

<u>The Shampoo</u>	<u>O Xampu</u>
<p>The still explosions on the rocks, the lichens, grow by spreading, gray, concentric shocks. They have arranged to meet the rings around the moon, although within our memories they have not changed.</p> <p>And since the heavens will attend as long on us, you've been, dear friend, precipitate and pragmatical; and look what happens. For Time is nothing if not amenable.</p> <p>The shooting stars in your black hair in bright formation are flocking where, so straight, so soon? — Come, let me wash it in this big tin basin, battered and shiny like the moon.</p> <p style="text-align: right;">(BISHOP: 1999, p.92)</p>	<p>As silenciosas explosões nas rochas, os líquens, crescem por expansão, cinzentas e concêntricas colisões.</p> <p>Eles combinaram de se encontrar com os anéis ao redor da lua, muito embora no interior das nossas memórias eles não tenham mudado.</p> <p>E até que os céus nos atendam enquanto isso, você tem sido, cara amiga, precipitada e pragmática; e veja o que acontece. Porque o Tempo não é nada, senão o responsável.</p> <p>As estrelas cadentes em teu cabelo negro em reluzente formação estão se agrupando onde, tão contínuas, tão cedo? — Venha, permita-me lavá-lo nesta imensa bacia de lata, amassada e brilhante como a lua.</p>

De acordo com o escritor pós-colonial Frantz Fanon, fazendo alusão ao poema “Madrugada Africana, de Keita Fodeba, “A compreensão do poema não é somente um esforço intelectual mas um esforço político (Fanon, 1979, p.193). Creio ser muito relevante iniciar a análise de “O xampu” corroborando esta citação, visto que este poema de Bishop marca seu estágio de deslumbramento pelo Brasil a partir de sua paixão declarada por Maria Carlota (Lota).

Em uma carta à Marianne Moore, datada do dia 3 de março de 1952 e enviada de Samambaia, Petrópolis, Bishop expõe no trecho a seguir ter fracassado como crítica de literatura e, logo em seguida, fala sobre um poema que pretende terminar e incluir em um livro:

Você não faz ideia que alívio é para mim saber que você reagiu bem ao meu

fracasso como crítica de literatura (resenhista) e como fico ainda mais feliz acerca disso. Estou realmente contente porque tudo acabou bem. **O “poema” no qual estou trabalhando está ficando muito longo e agora que ele não é mais uma resenha, tenho esperanças de que ele realmente se torne algo melhor; Também tenho esperanças de conseguir terminá-lo a tempo de incluí-lo no livro.** E agora posso excluir todas as partes técnicas, explicações, etc., que teriam de ter passado por uma revisão. Espero que você goste²³ (Tradução e grifo meus).

No segundo grifo dessa carta, Bishop relata que o poema “está ficando muito longo”, que tem “esperanças de que ele realmente se torne algo melhor” para poder incluí-lo em um livro (*A cold spring*). Como essa poeta despendia às vezes anos para concluir um poema, acredito que tenha revisado tanto “O xampu”, que acabou reduzindo-o significativamente para conseguir publicá-lo em uma revista.

Em correspondência a sua amiga Pearl Kazin, datada de 19 de julho de 1953, a poeta estadunidense apresenta o poema em epígrafe, informando que o encaminhará para publicação. No entanto, Bishop não esmiúça detalhes acerca do seu teor romântico e sexual, apenas explana sobre bacias de lata” e o fato de a “senhora White não” ter conseguido “entender” o poema:

Eis o poeminha [“The shampoo”] que a senhora White não conseguiu entender. Mas eu mudei três palavras depois que ela o devolveu. Será que eu tenho obrigação moral de devolver para eles por causa das três palavras antes de mandar para outra publicação? [Foi publicado em *The New Republic*, julho de 1955.] E você se lembra daquelas bacias de lata, de todos os tamanhos, que são tão comuns aqui?²⁴ (BISHOP: 1995: p.280 – tradução de Paulo H. Britto).

Esse poema foi publicado na revista *The New Republic*, em julho de 1955, não tendo sido aceito anteriormente por outras revistas, cujos motivos não são revelados nessa carta. A respeito dos nomes dessas revistas, Paulo Henriques Britto esclarece na nota introdutória aos poemas constantes em *Poemas do Brasil* que “O Xampu” foi “rejeitado por *The New Yorker* e por *Poetry*. Incluído em *A Cold spring*” (BISHOP, 1999, p.57).

Na primeira estrofe do poema em epígrafe, o eu lírico (a voz que narra) direciona seu olhar para a cumplicidade dos líquens e das rochas, que permitem seu crescimento por

²³ **To Marianne Moore – Samambaia, Petrópolis – March 3, 1952.**

You have no idea what a relief it is to me that you are so nice about my failure as a reviewer and how much happier I am about it now. I am really glad it has worked out this way. The “poem” I’m working on is turning out to be quite long and now that is isn’t a review any more I have hopes of its really turning into something better; I also have hopes of getting it done soon enough to go into the book. And now I can just leave out all the necessary mechanical parts, explanations, etc., that would have had to have gone into a review. I hope you’ll like it (BISHOP: 1994, p.237).

²⁴ A Carta endereçada à Pearl Kazin, no dia 19 de julho de 1953, Domingo seguinte, não consta na edição americana que estou analisando, apenas na versão em língua portuguesa.

expansão a partir de “concêntricas colisões” e “silenciosas explosões”, que podem fazer alusão a sensações de êxtase sexual. Outrossim, como se fossem um casal apaixonado, o eu lírico expõe que “eles combinaram de se encontrar com os anéis ao redor da lua”, podendo significar uma sensação de clímax total. Esclarecendo essa perspectiva, já não são os líquens e as rochas que figuram no cenário de exuberância da paisagem natural da Fazenda Samambaia, na segunda estrofe, mas Bishop e Lota envolvidas em uma atmosfera sutilmente voluptuosa. Trazendo à tona seus princípios cristãos, Bishop parece estar aguardando uma suposta aprovação de Deus para mergulhar no seu romance com Lota: “E até que os céus nos atendam”. Sugere que Lota não corrobora da mesma crença, pois “tem sido, cara amiga, / precipitada e pragmática; / e veja o que acontece.”

Além disso, o eu lírico também atribui ao “Tempo” a responsabilidade pela atitude precipitada e intencional de sua amada, muito embora deixe transparecer ao leitor uma leve sensação de aprovação e êxtase provocada por essa atitude (in)esperada. Talvez o “Tempo” grafado em letra maiúscula faça alusão a alguma divindade, como, por exemplo, o “Cupido” da mitologia grega, sendo, para o eu lírico, o culpado por ter cravado suas flechas de amor sem o consentimento de ambas. Entretanto, é na terceira e última estrofe do poema em tela, que o leitor pode perceber que o eu lírico (Bishop) revela estar tomando banho com sua amada (Lota) em uma “imensa bacia de lata, / amassada e brilhante como a lua”, lavando os cabelos dela, cujas “estrelas cadentes” que estão “em reluzente formação” são seus primeiros cabelos brancos, que, para ele, chegaram “tão cedo” e que, para o tradutor e poeta Paulo Henriques Britto, “são indícios da brevidade da existência humana” (BISHOP, 1999, p.15).

A partir desse viés, constata-se que “O xampu” revela o retrato de um Brasil bucólico e natural, como uma espécie de “Jardim do Éden”, onde do “solo fez o SENHOR Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p.4 - Gênesis 2:9).

Foi esse ambiente de beleza, prazer e felicidade que propiciou a Bishop uma forte conexão tanto com a nova terra quanto com a nova mulher que conheceu anteriormente em Nova Iorque. Também é importante ressaltar que se acredita ter sido por causa de um caju (seria o fruto da “árvore do conhecimento do bem do mal?” que Bishop acabou ficando no Brasil e com Lota, conforme expõe Britto:

Um dia, caminhando pela rua, viu um homem vendendo cajus e resolveu provar uma daquelas frutas desconhecidas. O resultado foi uma violenta reação alérgica; seu rosto ficou tal modo inchado que durante algum tempo ela não podia sequer abrir os olhos. Durante o período de convalescência, Elizabeth viu-se cercada de

uma abundância de cuidados e manifestações afetuosas de comisseração que só havia experimentado antes na casa dos avós canadenses: [...] E, no meio dessa azáfama de tratamentos médicos e mezinhas caseiras, Lota confessou que estava apaixonada por ela. A viagem de circunavegação jamais seria retomada (BISHOP, 1999, p.12-13).

Mesmo diante das análises expostas, o leitor pode questionar: – O que há de pós-colonial nesse poema? A resposta reside no fato de “O xampu” retratar apenas um ponto de partida exótico que atraiu o olhar artístico de Elizabeth Bishop em um momento de extrema felicidade presente no seu relacionamento com Lota, assim como os primeiros cenários naturais de Porto Seguro detiveram a atenção de Pero Vaz de Caminha. No entanto, seu olhar maravilhado torna-se implacável exatamente em 1961, quando sua relação com Maria Carlota é posta à prova a partir do convite de Carlos Lacerda²⁵ à Lota (que era urbanista e paisagista nata), para que arquitetasse e coordenasse a construção da obra faraônica do Parque do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro.

Após aceitado o convite, Lota mudou-se para o Rio de Janeiro, onde já tinha um apartamento no Leme, levando Elizabeth Bishop na bagagem. A partir de então, as duas passavam a semana inteira no Rio, retornando à Fazenda Samambaia, em Petrópolis, apenas em raros finais de semana, o que obrigava a poeta estadunidense a estabelecer relações sociais mais intensas com os amigos intelectuais de Lota, em sua maioria, pertencentes à elite carioca, bem como com políticos ligados a Carlos Lacerda. Além disso, Bishop ainda tinha de conviver com o clima quente do litoral, superpopulação nas ruas e praias, bem como outros problemas sociais inerentes às cidades grandes, tais como sujeira, barulho, etc. Foi o retorno ao lugar que ela mesma comparou, à primeira vista, com sendo uma mistura de Cidade do México com Miami, melhor retratado no poema “Ida à padaria”. No capítulo “Bishop no Brasil”, de *Poemas do Brasil*, Britto retrata bem essa mudança de cenário que acabou abalando o relacionamento entre Elizabeth e a paisagista brasileira:

Os sentimentos contraditórios que o Brasil despertava em Bishop talvez pudessem ter sido contornados indefinidamente se ela tivesse permanecido o resto da sua vida em Samambaia com Lota. Mas o tumultuado momento histórico brasileiro que teve início junto com a década de 60 pôs fim ao esplêndido isolamento da poeta no sítio de Petrópolis, obrigando-a a encarar de frente um mundo a que ela jamais desejou pertencer. E assim, o estranhamento que o Brasil sempre lhe inspirou foi se intensificando cada vez mais, até se transformar em repulsa [...] A distância entre natureza e realidade urbana não poderia ser maior: a mesma lua que, em “The Shampoo”, selara uma ligação amorosa com o mundo “natural” de samambaia através das pedras ornadas de líquens agora contempla de longe o asfalto da avenida Copacabana, e “as coisas mais cotidianas” que ela vê “são novas pra ela” (BISHOP, 1999, p.29 e 32 – grifo meu).

²⁵ Governador do Estado da Guanabara.

3.3. Manuelzinho – as máscaras da colonização e as estratégias de descolonização.

<u>Manuelzinho</u>	<u>Manuelzinho</u>
<p data-bbox="229 398 783 432">[Brazil. A friend of the writer is speaking.]</p> <p data-bbox="220 472 738 1200">Half squatter, half tenant (no rent) — a sort of inheritance; white, in your thirties now, and supposed to supply me with vegetables, but you don't; or you won't; or you can't get the idea through your brain — the world's worst gardener since Cain. Tilted above me, your gardens ravish my eyes. You edge the beds of silver cabbages with red carnations, and lettuces mix with alyssum. And then umbrella ants arrive, or it rains for a solid week and the whole thing's ruined again and I buy you more pounds of seeds, imported, guaranteed, and eventually you bring me a mystic three-legged carrot, or a pumpkin "bigger than the baby".</p> <p data-bbox="220 1240 727 1641">I watch you through the rain, trotting, light, on bare feet, up the steep paths you have made — or your father and grandfather made — all over my property, with your head and back inside a sodden burlap bag, and feel I can't endure it another minute; then, indoors, beside the stove, keep on reading a book.</p> <p data-bbox="220 1682 612 1899">You steal my telephone wires, or someone does. You starve your horse and yourself and your dogs and family. Among endless variety, you eat boiled cabbage stalks.</p> <p data-bbox="220 1939 580 2078">And once I yelled at you so loud to hurry up and fetch me those potatoes your holey hat flew off,</p>	<p data-bbox="826 398 1417 432">[Brasil. Uma amiga da escritora está falando.]</p> <p data-bbox="820 472 1377 1274">Meio posseiro, meio inquilino (sem pagar aluguel) — uma espécie de herança; branco, agora com seus trinta anos de idade, e designado a fornecer-me legumes, mas você não o faz; ou não fará; ou não é capaz de por isso na sua cabeça — o pior jardineiro do mundo desde Caim. Inclinados sobre mim, seus jardins defloram meus olhos. Você orla os canteiros de repolhos prateados com cravos vermelhos, e alfaces misturadas com escudinha. E então as saúvas chegam, ou chove uma semana inteira e arruína tudo outra vez e eu compro para você quilos de sementes, importadas, com garantia, e conseqüentemente você me traz uma mística cenoura trípede, ou uma abóbora “maior que um bebê”.</p> <p data-bbox="820 1314 1430 1787">Vejo você na chuva, caminhando rapidamente, iluminado, com pés descalços, ao longo dos caminhos íngremes que você tem criado — ou seu pai e avô criaram — por toda a minha propriedade, com sua cabeça e costas dentro de um saco de estopa encharcado, e sinto que não posso tolerar isso sequer um minuto; então, dentro de casa, ao lado do forno, detenho-me na leitura de um livro.</p> <p data-bbox="820 1827 1294 2045">Você rouba meus fios telefônicos, Ou alguém o faz. Você passa fome e faz seu cavalo passar fome, e seus cachorros e sua família. Em meio a uma variedade sem fim, Você come caule de repolho cozido.</p>

you jumped out of your clogs,
leaving three objects arranged
in a triangle at my feet,
as if you'd been a gardener
in a fairy tale all this time
and at the word "potatoes"
had vanished to take up your work
of fairy prince somewhere.

The strangest things happen to you.
Your cows eats a "poison grass"
and drops dead on the spot.
Nobody else's does.

And then your father dies,
a superior old man
with a black plush hat, and a moustache
like a white spread-eagled sea gull.
The family gathers, but you,
no, you "don't think he's dead!"
I look at him. He's cold.
They're burying him today.
But you know, I don't think he's dead".
I give you money for the funeral
and you go and hire a bus
for the delighted mourners,
so I have to hand over some more
and then have to hear you tell me
you pray for me every night!

And then you come again,
sniffing and shivering,
hat in hand, with that wistful
face, like a child's fistful
of bluets or white violets,
improvident as the dawn,
and once more I provide
for a shot of penicillin
down at the pharmacy, or
one more bottle of
Electrical Baby Syrup.
Or, briskly, you come to settle
what we call our "accounts,"
with two old copybooks,
one with flowers on the cover,
the other with a camel.
Immediate confusion.
You've left out the decimal points.
Your columns stagger,
honeycombed with zeros.
You whisper conspiratorially;

E uma vez gritei com você
tão alto para apressar-se
e trazer-me aquelas batatas
que seu chapéu furado voou,
você saltou dos seus tamancos,
deixando três objetos dispostos
em um triângulo a meus pés,
como se você fosse um jardineiro
em um conto de fadas todo esse tempo
que ao som da palavra "batatas"
tivesse sumido para assumir seu trabalho
de príncipe encantado em algum lugar.

As coisas mais estranhas acontecem com você.
Sua vaca come "capim veneno"
e cai morta.

Nenhuma outra vaca morre.

E então seu pai morre,
Um velho excepcional (de alta classe)
com um chapéu preto de luxo, e um bigode
como uma gaiivota branca com asas de águia.

A família se reúne, exceto você,
não, você diz "não acho que ele esteja morto!"
Eu olho para ele. Ele está gelado.

Eles vão sepultá-lo hoje.

Mas você sabe, que eu não acho que ele esteja
morto."

Eu dou dinheiro a você para o funeral
e você vai e loca um ônibus
para alegria dos enlutados,
então eu tenho que te entregar mais dinheiro
e em seguida tenho de ouvir você dizer-me
que você ora por mim toda noite!

E então você vem novamente,
fungando e tremendo de medo,
chapéu na mão, com aquele
rosto melancólico, como um punhado
de violetas brancas de uma criança,
imprudente como o nascer do sol,
e mais uma vez eu custeio
uma injeção de penicilina
lá na farmácia, ou
mais uma garrafa de
Xarope Infantil Elétrico.

Ou, rapidamente, você vem saldar / esclarecer
o que nós chamamos de nossas "contas,"
com dois cadernos velhos,
um com flores na capa,

the numbers mount to millions.
Account books? They are Dream Books.
In the kitchen we dream together
how the meek shall inherit the earth —
or several acres of mine.

With blue sugar bags on their heads,
carrying your lunch,
your children scuttle by me
like little moles aboveground,
or even crouch behind bushes
as if I were out to shoot them!
— Impossible to make friends,
though each will grab at once
for an orange or a piece of candy.

Twined in wisps of fog,
I see you all up there
along with Formoso, the donkey,
who brays like a pump gone dry,
then suddenly stops.
— All just standing, staring
off into fog and space.
Or coming down at night,
in silence, except for hoofs,
in dim moonlight, the horse
or Formoso stumbling after.
Between us float a few
big, soft, pale-blue,
sluggish fireflies,
the jellyfish of the air...

Patch upon patch upon patch,
your wife keeps all of you covered.
She has gone over and over
(forearmed is forewarned)
your pair of bright-blue pants
with white thread, and these days
your limbs are draped in blueprints.
You paint — heaven knows why —
the outside of the crown
and brim of your straw hat.
Perhaps to reflect the sun?
Or perhaps when you were small,
your mother said, "Manuelzinho,
one thing: be sure you always
paint your straw hat".
One was gold for a while,
but the gold wore off, like plate.
One was bright green. Unkindly,

o outro, com um camelo.
Confusão imediata.
Você tem omitido as vírgulas decimais.
Suas colunas tortas,
feito um favo de mel com zeros.
Você sussurra conspiratoriamente;
os números chegam a milhões.
Livros de cálculo? Eles são Livros dos Sonhos.
Na cozinha sonhamos juntos
Sobre como o manso possuirá a terra —
ou muitos hectares da minha.

Com sacos de açúcar azul sobre suas cabeças,
carregando seu almoço,
suas crianças fogem de mim
feito toupeirinhas fora da toca,
ou ainda se escondem atrás do mato
como se eu fosse sair para atirar nelas!
— Impossível fazer amizade com elas,
embora cada uma pegará imediatamente
uma laranja ou um pedaço de bombom.

Trançado em fiapos de névoa,
Vejo todos vocês lá do alto
na companhia de Formoso, o burro,
que zurra feito uma bomba em poço seco,
em seguida, pára rapidamente.
— Todos em pé, olhares perdidos
em direção à névoa e ao espaço.
Ou descendo à noite,
em silêncio, exceto os cascos,
em vago luar, o cavalo
ou Formoso tropeçando em seguida.
Entre nós flutuam um pouco
grandes, suaves, azuis-claros,
preguiçosos vaga-lumes,
as águas-vivas do ar...

Remendo sobre remendo sobre remendo,
sua esposa mantém todos vocês vestidos.
Ela tem remendado várias vezes
(melhor prevenir que remediar)
suas calças azul-brilhante
com linha branca, e recentemente
seus membros estão adornados em cópias
heliográficas.
Você pinta — Só Deus sabe o por quê —
o lado de fora do topo
e da aba do seu chapéu de palha.
Talvez para refletir o sol?

<p>I called you Klorophyll Kid. My visitors thought it was funny. I apologize here and now. You helpless, foolish man, I love you all I can, I think. Or do I? I take off my hat, unpainted and figurative, to you. Again I promise to try.</p> <p>(Bishop: 1999, p.110; 112; 114; 116; 118; 120)</p>	<p>Ou talvez quando você era garoto, sua mãe dizia, “Manuelzinho, não esqueça: esteja certo de que você sempre deve pintar seu chapéu de palha”. Um foi dourado por uns tempos, mas o ouro desgastou, como o troféu. O outro era verde-vivo. Cruelmente, Eu chamei você de Kid Klorofila. Meus hóspedes acharam engraçado. Peço desculpas agora mesmo.</p> <p>Seu fraco, seu estúpido, Eu te amo o máximo que eu posso, Eu acho. Ou amo mesmo? Tiro meu chapéu, sem tinta e metafórico, para você. Novamente, prometo tentar.</p>
---	---

Neste poema, Bishop transfere seu olhar da natureza para direcioná-lo ao ser humano, Manuelzinho, homem simples que morava de favor junto com sua família no sítio de Lota (identificada no poema como uma amiga da poeta), em Petrópolis. De acordo com Britto, eles “não eram propriamente empregados da proprietária, mas como viviam de favor em sua terra, prestavam-lhe pequenos serviços” (BISHOP, 1999, p.19).

A poeta estadunidense utiliza a fala de sua amiga (uma brasileira tão colonizadora quanto a própria poeta) como uma espécie de máscara, a ser utilizada como recurso de colonização explícita, para poder pela primeira vez extravasar “de modo claro num poema os sentimentos contraditórios que lhe inspira o “atraso” brasileiro. Trata-se de uma mistura de apreço, afeto, condescendência e irritação, conforme exemplifica Albert Memmi no que concerne à construção da figura do colonizado pelo colonizador. Sem dúvida, o componente mais intenso é a irritação” (BISHOP, 1999, p.20, grifo nosso).

Manuelzinho é o protótipo do “primitivo”. Tudo o que ele faz, faz errado; se sobrevive, é graças a sua patroa e protetora, que alternadamente lhe dá dinheiro e lhe passa descomposturas, que ao mesmo tempo o despreza e sente-se culpada por desprezar um homem tão inofensivo: Seu tonto, seu incapaz, gosto de você demais, eu acho. Mas gosto mesmo? (BISHOP, 1999, p.20).

Por meio da carta enviada à May Swenson no dia 27 de janeiro de 1956, Bishop diz que a “**New Yorker aceitou um poema bastante longo [“Manuelzinho”]** – para grande surpresa minha, foi decerto algo impraticável para eles”. Um detalhe importante nesta correspondência é a própria poeta revelar que “**Supõe-se ser Lota falando, e eu realmente espero que você**

goste dele” (BISHOP, 1994, p.315 – Tradução e grifos meus). Assim sendo, como “supor” não é o mesmo que “ser”, infere-se que Bishop pretende se utilizar de Lota como escudo.

A máscara utilizada por Bishop para pintar o retrato do posseiro apenas embasa a nossa ideia de que a colonização tem múltiplas facetas e que o leitor precisa estar consciente ou ser conscientizado a respeito disso para que seja possível criar estratégias de descolonização:

[Brasil. Uma amiga da escritora está falando.]

Meio posseiro, meio inquilino (sem pagar aluguel) — / uma espécie de herança; branco, / agora com seus trinta anos de idade, e **designado / a fornecer-me legumes, / mas você não o faz; ou não fará; ou não é capaz de por isso na sua cabeça** — / o pior jardineiro do mundo desde Caim (BISHOP, 1999, p.110 – tradução e grifo meus).

Talvez esse subterfúgio (a máscara) utilizado pela poeta norte-americana seja um forte indício de que não estava inconsciente acerca da sua visão e atitude frente às complexidades do Brasil. Certamente, Bishop estava ciente de que denegrir implicitamente a pessoa do brasileiro seria muito mais grave que desdenhar dos cenários.

Trajando a máscara, Bishop descreve Manuelzinho (o colonizado) como seu fornecedor de legumes, tratando-o como seu servo. Porém, não imaginava que o posseiro não estava interessado em lhe servir: **“mas você não o faz; ou não fará; ou não é capaz de por isso na sua cabeça — / o pior jardineiro do mundo desde Caim”**. Fazendo alusão ao Caim da Bíblia Sagrada, Bishop retrata Manuelzinho como um ser humano egoísta, ingrato, avarento e invejoso.

Ao leitor, resta imaginar que Lota Macedo Soares, a Lota (companheira de Bishop) seria Abel (irmão de Caim), enquanto a poeta norte-americana seria a própria figura divina, a quem Caim (na figura de Manuelzinho) deveria servir com o que há de melhor para poder ser abençoado:

Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu e deu à luz a Caim; então, disse: Adquiri um varão com o auxílio do SENHOR. / Depois, deu à luz a Abel, seu irmão. Abel foi pastor de ovelhas, e Caim, lavrador. Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao SENHOR. / Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. Agradou-se o SENHOR de Abel e de sua oferta; / ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou. Irou-se, pois, sobremaneira, Caim, e descaiu-lhe o semblante (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p.5 - Gênesis 4:1-5).

O complexo de superioridade de Bishop ganha forma neste trecho do poema. Essa visão de que o colonizado, por “inocência” e/ou por “irracionalidade”, não sabe lidar com as

riquezas de que dispõe é puramente colonizadora:

Inclinados sobre mim, seus jardins / defloram meus olhos. Você orla / os canteiros de repolhos prateados / com cravos vermelhos, e alfaces / misturadas com escudinha. E então / as saúvas chegam, / ou chove uma semana inteira / e arruína tudo outra vez (BISHOP, 1999, p.110 – tradução minha).

O que a poeta ignora é o fato de Manuelzinho estar agindo dessa forma com vistas a resistir à colonização que ela tenta impor sobre ele. Por causa dessa resistência implícita, Bishop não hesita em estereotipá-lo ainda mais:

Você rouba meus fios telefônicos, / Ou alguém o faz. Você passa fome / e faz seu cavalo passar fome, / e seus cachorros e sua família. / **Em meio a uma variedade sem fim,** / **Você come caule de repolho cozido.** [] / **E uma vez gritei com você / tão alto para apressar-se / e trazer-me aquelas batatas / que seu chapéu furado voou,** / você saltou dos seus tamancos, (BISHOP, 1999, p112 – tradução e grifo meus).

Em uma carta endereçada à Frani Blough Muser, datada de 1970, ocasião do Dia de São Valentino, Bishop revela o que para ela é característica inerente a Manuelzinho, o empregado/inquilino de Samambaia:

De fato eu tinha uma Linda luminária acima da porta frontal – a aproximadamente três metros de altura – e que durou quase um mês. Certa manhã, ela se foi, com a fiação e tudo – só restou um buraco. [...] É curioso – este lugar é tão diferente de **Petrópolis. Morei lá por mais de 15 anos – e fui roubada apenas uma vez, e pensando nisso, aquele ladrão era Mineiro – que prova alguma coisa**²⁶ (BISHOP, 1994, p.512-513 – tradução e grifo meu).

Para explicar melhor essa visão colonizadora demonstrada pela poeta norte-americana, podemos citar Said quando este diz que

há os Ocidentais, e há os Orientais. Os primeiros dominam; os últimos devem ser dominados... O crime era que o Oriental era um Oriental,... A outra característica das relações entre europeu e oriental era que a Europa estava sempre em uma posição de força, para não dizer de dominação (...) Muitos termos foram usados para expressar a relação: Balfour e Cromer, tipicamente, usavam muitos. O Oriental é irracional, depravado, inocente, ‘diferente’; por outro lado, o Europeu é racional, virtuoso, maduro, ‘normal’ (SAID, 1990, p.36;39-40).

²⁶ **To Frani Blough Muser – St. Valentine’s Day, 1970.**

I had a really beautiful lantern over the front door – about ten feet up – and that lasted almost a month. One morning it was gone, with wiring and all – just a hole. [...] It’s queer – this place is so very different from Petrópolis. I lived there mostly for over 15 years – and I was robbed just once, and come to think of it, that thief was a *Mineiro* – which proves something (BISHOP: 1994, p.512-513).

Pensando como o tunisiano Albert Memmi, que expõe o olhar do colonizador ao incomodar-se com suposta “falta de anseios do colonizado, sua inaptidão para o conforto, para a ciência, para o progresso, sua espantosa familiaridade com a pobreza²⁷ (MEMMI, 1965, p.83)”, posso afirmar que a perspectiva de Bishop sobre Manuelzinho reflete a imagem que o colonizador tem do colonizado; sendo que para o primeiro, o segundo não tem qualidades, visto ser do ímpeto do colonizador enfatizar que o colonizado seja um conformado, e que, por isso, não sente necessidade de obter uma vida confortável.

Por sua vez, o caribenho e estudioso pós-colonial, Aimé Césaire, alerta-nos sobre como subverter a nossa condição imposta de civilização submissa, propondo uma atitude crítica frente a quaisquer tentativas de colonização utilizadas pelo colonizador, como, por exemplo, acreditar que apenas com a “ajuda” do colonizador conseguiremos resolver os problemas mais cruciais da nossa sociedade: “Uma civilização que prova ser incapaz de resolver seus problemas, é uma civilização decadente... Uma civilização que opta por fechar seus olhos aos problemas mais cruciais, é uma civilização acometida²⁸” (CÉSAIRE, 1972, p.9).

Retomando os pressupostos teóricos do escritor pós-colonial Albert Memmi, ressalto que na relação colonial pode haver também uma troca de interesses entre colonizador e colonizado; na grande maioria dos casos, com o colonizador se sobressaindo. Memmi ilustra também que o colonizador vê o colonizado como um fraco, um coitado que necessita de “proteção”:

Quando o colonizador afirma, em sua linguagem, que o colonizado é um débil, sugere com isso que tal deficiência reclama proteção. Daí, sem rir – escutei-o freqüentemente – a noção de protetorado. É do próprio interesse do colonizado ser excluído das funções de direção; e que essas pesadas responsabilidades sejam reservadas ao colonizador. Quando o colonizador acrescenta, para não cair na solicitude, que o colonizado é um retardado perverso, de maus instintos, ladrão, um pouco sádico, legitima sua polícia e sua justa severidade (MEMMI, 1989, p.79).

Com base na reflexão de Memmi, podemos argumentar que Bishop enxergava Manuelzinho partindo da perspectiva de Lota. Para a poeta, ele era um inútil, desprovido de inteligência. Mas sua figura simples também causava em Bishop, no mínimo, desconforto

²⁷ It is the same for the colonized’s lack of desires, his ineptitude for comfort, science, progress, his astonishing familiarity with poverty (MEMMI, 1965, p.83).

²⁸ “A civilization that proves incapable of solving the problems it creates is a decadent civilization... A civilization that chooses to close its eyes to its most crucial problems is a stricken civilization” (CÉSAIRE, 1972, p.9).

pelo fato de estar humilhando um homem aparentemente tão inofensivo:

Seu fraco, seu estúpido, / Eu te amo o máximo que eu posso, / Eu acho. Ou amo mesmo? / Tiro meu chapéu, sem tinta / e metafórico, para você. / Novamente, prometo tentar (BISHOP, 1999, p.120 – tradução e grifo meus).

Parafraseando Fanon, creio que Elizabeth comporta-se (in)conscientemente frente às atitudes de Manuelzinho não “como uma mãe doce e bondosa que protege seu filho contra um ambiente hostil, mas sob a forma de uma mãe que a todo momento impede um filho fundamentalmente perverso de se suicidar, de dar livre curso a seus instintos maléficos.” Visto que a “mãe colonial defende o filho contra ele mesmo, contra seu ego, contra sua fisiologia, sua biologia, sua infelicidade ontológica” (FANON, 1979, p.175).

Em se tratando da troca de interesses entre colonizador e colonizado, observada por Memmi (1989), Bishop, nos versos a seguir do poema em tela, denuncia a astúcia do posseiro quando lhe é conveniente, sugerindo que propositalmente faz anotações equivocadas de seu saldo devedor no caderno de débitos que possui junto a sua patroa. Isto remete ao que ocorria com muitos seringueiros durante os ciclos da borracha ocorridos na Amazônia, chegando a “adquirir” dívidas surreais com os proprietários de seringais, de acordo com a contabilidade destes:

E então você vem novamente, / fungando e tremendo de medo, / chapéu na mão, com aquele / rosto melancólico, como um punhado / de violetas brancas de uma criança, / imprudente como o nascer do sol, / **e mais uma vez eu custeio / uma injeção de penicilina / lá na farmácia, ou / mais uma garrafa de / Xarope Infantil Elétrico.** / Ou, rapidamente, **você vem saldar** / o que nós chamamos de nossas “contas”, / com dois cadernos velhos, [...] **confusão imediata.** / **Você tem omitido as vírgulas decimais.** Suas colunas tortas, / feito um favo de mel com zeros. / **Você sussurra conspiratoriamente; / os números chegam a milhões. / Livros de cálculo? Eles são Livros dos Sonhos. / Na cozinha sonhamos juntos / Sobre como o manso herdará a terra – / ou muitos hectares da minha** (BISHOP, 1999, p.114;116 – tradução e grifo meus).

Em sequência, a poeta norte-americana ainda apresenta uma breve lista de produtos custeados por ela a Manuelzinho, que, aos seus olhos é um ingrato e oportunista. Além disso, utiliza ironicamente trecho da passagem bíblica “Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz. [] O ímpio maquina contra o justo, e contra ele range os dentes” (BÍBLIA SAGRADA, 1993, p.394 - Salmos 37:11-12), para sugerir que o jardineiro está à espreita de roubar-lhe “muitos hectares” da sua terra. Se considerarmos que Bishop conhecia por completo esses versículos do livro de Salmos, certamente assumiria o papel do justo, ao passo que Manuelzinho seria o ímpio.

É evidente que Bishop ignora o mundo de Manuelzinho, bem como sua forma de vida; desrespeitando seus sentimentos e extraíndo dele os aspectos mais negativos, como se tentasse justificar que sua vida era miserável porque era o mínimo que um país como o Brasil poderia oferecer a uma pessoa que para ela era o retrato do atraso brasileiro:

As coisas mais estranhas acontecem com você. / Sua vaca come “capim veneno” / e cai morta. / Nenhuma outra vaca morre. / E então seu pai morre, / [...] Eu dou dinheiro a você para o funeral / e você vai e loca um ônibus / para alegria dos enlutados, / então eu tenho que te entregar mais dinheiro / e em seguida tenho de ouvir você dizer-me / que você ora por mim toda noite! (BISHOP, 1999, p.114 – tradução e grifo meus).

No entanto, ratifico que Elizabeth não conseguia perceber que esse comportamento do jardineiro era, na verdade, uma estratégia de resistência à vida humilhante de servidão que ela e/ou Lota estava tentando impor sobre ele:

E uma vez gritei com você / tão alto para apressar-se / e trazer-me aquelas batatas / que seu chapéu furado voou, / você saltou dos seus tamancos, / deixando três objetos dispostos / em um triângulo a meus pés, / como se fosse um jardineiro / em um conto de fadas todo esse tempo / que ao som da palavra “batatas” / tivesse sumido para assumir seu trabalho / de príncipe encantado em algum lugar (BISHOP, 1999, p.112 – tradução e grifo meus).

Aqui, acredito ser necessária uma crítica à postura colonizadora de Bishop em relação a Manuelzinho, uma vez que o discurso da poeta não aponta apenas a pessoa do Manuelzinho, mas o povo brasileiro de uma forma geral, representado pela figura do posseiro. Seria uma espécie de reinterpretação do discurso colonial, com a finalidade de descolonizar a mente dos leitores; promovendo transformações na forma como eles interpretam obras do cânone europeu, uma vez que, de acordo com Dussel, em *O encobrimento do outro*,

A "conquista" é um processo militar, prático, violento que inclui dialeticamente o Outro como o "si-mesmo". O Outro, em sua distinção, é negado como Outro e é sujeitoado, subsumido, alienado a se incorporar à Totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como "encomendado", como "assalariado" (nas futuras fazendas), ou como africano escravo (nos engenhos de açúcar ou outros produtos tropicais). A subjetividade do "conquistador", por seu lado, foi se constituindo, desdobrando lentamente na práxis (DUSSEL: 1993, p.44).

Por sua vez, Thomas Bonnici acredita que a “reinterpretação de obras do cânone europeu” seja a primeira estratégia de descolonização. Como, por exemplo, “a relação entre Próspero e Calibã”, que

é considerada o paradigma das relações centro-margem ou a realidade pós-colonial. Enquanto a dominação da realidade, a linguagem, a arrogância e a posse de território alheio executadas por Próspero são metáforas do domínio colonizador, a submissão forçada, o castigo, a rebeldia e o uso da linguagem para amaldiçoar pertencem ao colonizado Calibã (BONNICI, 2000, p.23).

Próspero, figura do colonizador na obra *The Tempest*, de Shakespeare, é incorporado por Bishop no poema em epígrafe, ao passo que Calibã é representado, mesmo que de forma muito mais passiva, por Manuelzinho. Nessa obra de Shakespeare, o colonizado tem voz e tenta de todas as formas se libertar da presença e domínio do colonizador. Muito diferente de Manuelzinho, que sequer tem voz para tentar lutar contra a colonização. No entanto, por meio das irritações de Bishop com relação às atitudes dele, o leitor pode chegar à conclusão de que o posseiro também se utilizava de suas ferramentas de descolonização.

É justamente a respeito de uma leitura mais crítica de “Manuelzinho” realizada por algum crítico literário que Bishop demonstra certo incômodo e tenta prestar esclarecimentos aos seus amigos U.T. e Joseph Summers, em uma carta enviada de Nova York, datada de 20 de outubro de 1967:

Eu gostaria de saber quem foi o crítico que se equivocou na compreensão de “Manuelzinho” – mas eu já fui muito acusada desse tipo de coisa, particularmente na época da consciência-social – “Cootchie,” etc., eram considerados “condescendentes,” ou era porque eu vivia em um mundo (eu era obviamente MUITO RICA) onde as pessoas tinham Empregados, imagine, e outras coisas. Na verdade, os brasileiros gostam demais do “Manuelzinho”. Eu tive vários amigos que leem inglês que me dizem: “Meu Deus (ou Nossa Senhora), é exatamente daquele jeito.” E esse é o motivo pelo qual é supostamente Lota quem está falando isso...²⁹ (BISHOP, 1994, p.479 – tradução minha).

Tendo em vista que um poema pode despertar naturalmente leituras e compreensões distintas, nesta carta, observa-se um traço de imaturidade intelectual de Bishop, quando afirma que “o crítico se equivocou na compreensão de ‘Manuelzinho’”. Com vistas a tentar subsidiar seu ponto de vista, a poeta estadunidense expõe que vários amigos “brasileiros gostam demais do ‘Manuelzinho’”, afirmando que “é exatamente daquele jeito”, utilizando, inclusive, a “máscara da Lota”, como se esta fosse de fato a narradora do poema.

Na verdade, como já ressaltai anteriormente, citando Nenevé e Proença (2001), muitos

²⁹ To U.T. and Joseph Summers – 61 Perry Street – New York City – October 20, 1967

I wonder who the reviewer was who misunderstood “Manuelzinho” so – but then I’ve been accused of that kind of thing a lot, particularly in the social-conscious days – “Cootchie,” etc., were found “condescending,” or I lived in a world (I was obviously VERY RICH) where people had Servants, imagine, and so on. Actually, Brazilians like “Manuelzinho” very much. I’ve had several English-reading friends tell me, “My God (or Our Lady), it’s *exactly* like that.” And that’s why Lota is supposed to be saying it... (BISHOP, 1994, p.479)

brasileiros que residem nas grandes metrópoles do sul e sudeste do Brasil corroboram esse jargão colonialista de que na Amazônia, por exemplo, “é tudo desse jeito, feio e inóspito”, ou “isso não muda nunca nessa terra de selvagens”.

Enquanto nascido, criado e residente na Amazônia, sinto-me mais um “Manuelzinho” afetado constantemente por discursos dessa natureza; seja pela mídia ou pela própria literatura, que lançam olhares pessimistas sobre o futuro dessa região, atribuindo a ela um papel de mantenedora do progresso das grandes metrópoles através de seus recursos naturais, como, por exemplo, o potencial hidrelétrico de seus rios que garantirão o conforto e a boa vida na “cidade grande”.

Contra essas “Lotas e Elizabeths brasileiras” deve estar a prática contradiscursiva do “Manuelzinho” de *Born in Amazonia*³⁰, do poeta Cyril Dabydeen, “Uma criatura que não esmorecerá; / a árvore que permanecerá sempre estática, / a voz que continuará a ser um grito³¹” (Dabydeen, 1995, p.35 – tradução minha).

³⁰ Nascido na Amazônia.

³¹ A creature that won't come down; / the tree that will always remain motionless, / the voice that will continually be a scream (Dabydeen, 1995, p.35).

3.4. Going to the bakery (Ida à padaria) – o Rio de Janeiro sob o olhar de Elizabeth Bishop.

<u>GOING TO THE BAKERY</u>	<u>IDA À PADARIA</u>
[Rio de Janeiro]	[Rio de Janeiro]
<p>Instead of gazing at the sea the way she does on other nights, the moon looks down the Avenida Copacabana at the sights, new to her but ordinary. She leans on the slack trolley wires. Below, the tracks slither between lines of head-to-tail parked cars.</p> <p>(The tin hides have the iridescence of dying, flaccid toy balloons.) The tracks end in a puddle of mercury; the wires, at the moon's</p> <p>magnetic instances, take off to snarl in distant nebulae. The bakery lights are dim. Beneath our rationed electricity,</p> <p>the round cakes look about to faint – each turns up a glazed white eye. The gooey tarts are red and sore. Buy, buy, what shall I buy?</p> <p>Now flour is adulterated with cornmeal, the loaves of bread lie like yellow-fever victims laid out in a crowded ward.</p> <p>The baker, sickly too, suggests the “milk rolls,” since they still are warm and made with milk, he says. They feel like a baby on the arm.</p> <p>Under the false-almond tree's Leathery leaves, a childish puta Dances, feverish as an atom: chá-chá, chá-chá, chá-chá...</p> <p>In front of my apartment house a black man sits in a black shade,</p>	<p>Ao invés de contemplar o mar algo que ela faz em outras noites, a lua observa a Avenida Copacabana nos pontos turísticos, novos para ela, porém comuns. Ela se debruça sobre os fios frouxos dos bondes. Abaixo, os trilhos escorregam entre as linhas de carros estacionados um atrás do outro.</p> <p>(A lataria que se oculta tem a aparência de morrer, balões flácidos de brinquedo.) Os trilhos terminam em uma poça de mercúrio; os fios, nas instâncias magnéticas da lua,</p> <p>decolam para bramir em nebulosas distantes. As luzes da padaria estão fracas. Mais baixas que nossa eletricidade racionada,</p> <p>os bolos redondos parecem que vão desmaiar – cada um parece um olho branco vitrificado. As tortas gosmentas são vermelhas e dolorosas. Compre, compre, o que comprarei?</p> <p>Agora, a farinha está adulterada com milho, e os pães jazem como vítimas de febre-amarela amontoados em uma enfermaria superlotada.</p> <p>O padeiro, também doentemente, sugere Os “rocambolos de leite”, enquanto ainda estão quentinhos e feitos com leite, diz ele. Eles dão a impressão de serem como um bebê no colo.</p> <p>Sob as resolutas folhas de uma falsa</p>

<p>lifting his shirt to show a bandage on his black, invisible side.</p> <p>Fumes of cachaça knock me over, like gas fumes from an auto-crash. He speaks in perfect gibberish. The bandage glares up, white and fresh.</p> <p>I give him seamen cents in my terrific money, say “Good night” from force of habit. Oh, mean habit! Not one word more apt or bright?</p> <p>(Bishop: 1999, p. 148; 150; 152)</p>	<p>amendoeira, uma putinha dança, agitada como um átomo: chá-chá, chá-chá, chá-chá...</p> <p>Em frente ao prédio do meu apartamento um homem negro senta em uma sombra negra, levantando sua camisa para mostrar um curativo sobre seu lado negro e invisível.</p> <p>Bafos de cachaça fulminam-me, como emissões de gás de uma bazuca. Ele fala perfeitos palavrões. O curativo ganha destaque, branco e recente.</p> <p>Dou-lhe centavos do meu esplêndido dinheiro, digo “Boa noite” por força do hábito. Oh, vil hábito! Nenhuma palavra mais adequada ou intensa?</p>
--	--

Aonde quero chegar? A esta ideia: que ninguém coloniza inocentemente, que tampouco ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização e, portanto, à força, já é uma civilização enferma, moralmente ferida, que irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, é que chama a seu Hitler, quero dizer, seu castigo (CÉSAIRE, 2010, p.26-27).

É sob esta perspectiva que continuarei analisando o discurso de Elizabeth Bishop em “Ida à Padaria”, cujo suporte da teoria pós-colonial é imprescindível à construção de um contradiscurso político relevante para, como se pode inferir a partir do trecho supracitado de Césaire, reconhecer as facetas da colonização e lutar contra suas manifestações e imposições. É preciso denunciar essa colonização, visível também em textos literários, ao invés de permanecer aceitando-a e/ou negando inocentemente sua existência e práticas avassaladoras sobre as civilizações que, a seus olhos, surgem como inferiores e, portanto, necessitando de “proteção” e carentes de “progresso”.

Para propor uma compreensão mais ampla do teor do discurso de Bishop neste poema, recomendo a análise de algumas de suas cartas alusivas ao referido texto poético, visto que mencionam a perspectiva que essa poeta construiu sobre a cidade do Rio de Janeiro, alvo de seu discurso implacável, fruto de uma aversão à primeira vista, que foi ganhando proporção com o passar do tempo. Neste contexto, nos trechos de uma carta enviada do Rio de Janeiro à Dra. Anny Baumann, no dia 1 de setembro de 1966, é perceptível como essa cidade vinha

incomodando-a há tempos:

Bem, sei perfeitamente bem que se eu tomar uma pílula inteira, não poderei beber por oito dias – Sei porque tenho tentado & fiquei muito doente. É verdade que no passado *eu tenho trapaceado* – **particularmente nos últimos dois ou três anos, quando as coisas estavam indo de mal a pior e a tensão e o tédio da vida no Rio deram-me nos nervos**³² (BISHOP, 1994, p.449 – tradução e grifo meus).

Além de observar que Bishop se sentia tensa e entediada com sua vida no Rio, o leitor também pode inferir que ela atribui a essa cidade a justificativa pela sua permanência no mundo do alcoolismo, vício que já a acompanhava antes de sua chegada ao Brasil, do qual jamais conseguiu se desvencilhar por muito tempo.

Considerando que o poema em epígrafe pertence ao âmbito da literatura de viagem, alguns questionamentos tornam-se inevitáveis, tais como verificar de que forma aspectos sociopolíticos e culturais da cidade do Rio de Janeiro da década de 1950 são apresentados aos leitores e críticos brasileiros – por meio dos discursos presentes nesse poema – bem como promover esclarecimentos acerca das possíveis leituras que críticos e/ou leitores comuns de poesia podem inferir a respeito desta cidade, a partir de uma análise criteriosa das entrelinhas de cada verso de “Ida à padaria”. Além disso, observaremos se há ou não a presença de um discurso colonizador regado ou não por um complexo de superioridade latente nesse texto de Elizabeth Bishop, visto que, conforme exposto anteriormente em citação de Césaire, “ninguém coloniza inocentemente” e “que tampouco ninguém coloniza impunemente” (CÉSAIRE, 2010, p.26-27).

Como um reflexo do que teoriza Aimé Césaire, podemos perceber no trecho da carta a seguir, enviada a sua amiga Pearl Kazin, no dia 23 de abril de 1961, alguns motivos pelos quais Bishop não gostava da cidade do Rio de Janeiro:

... Agora **estamos tendo uma vida muito estranha. Vamos ao Rio toda segunda ou terça-feira e voltamos toda sexta**, e durante toda a semana a Lota fala ao telefone com os generais-de-brigada, com os chefões do Departamento de Transporte, do Departamento de Parques & Jardins, etc. **À noite, ela tem conferências com eles até uma ou duas da madrugada; e durante as manhãs o telefone começa a tocar novamente às 7. Mas ela está se saindo muitíssimo bem – não estou exagerando; todos estão muito impressionados com o talento dela.** Eu não conseguia acreditar nisso quando **fui a um desses encontros, com oito ou nove engenheiros, etc., e a Lota era a única mulher** (não contei, é claro) – e ela

³² **To Dr. Anny Baumann, Rio de Janeiro, September 1, 1966**

Well, I know perfectly well that if I take one whole pill I can't take a drink even eight days later—I know because I've tried & got very sick. It is true that in the past I *have cheated*—particularly the last two or three years when things have been going rather badly and the strain and boredom of life in Rio got on my nerves (BISHOP: 1994, p.449).

os mantinhas às gargalhadas, persuadindo a todos, etc. [...] **No entanto, por enquanto está tudo bem, eu diria, e é maravilhoso finalmente vê-la fazendo algo, usando sua capacidade intelectual e ao mesmo tempo ajudando a pobre, suja e moribunda cidade do Rio de Janeiro**³³ (BISHOP, 1994, p.396-397 – Tradução e grifo meus).

Como podemos inferir, Bishop não estava satisfeita em ter de ficar quase a semana toda no Rio, e só às sextas-feiras voltar à Petrópolis, especificamente Samambaia, onde Lota tinha uma espécie de casa de veraneio. Além disso, ela também parece se incomodar muito com o fato de Lota estar se dedicando demasiadamente a questões políticas, bem como se inserindo em um ambiente exclusivamente masculino. Ainda assim, opta por dizer que “no entanto, por enquanto está tudo bem” porque está sendo “maravilhoso” ver a Lota “fazendo algo” que exija “sua capacidade intelectual” e, como não poderia perder a oportunidade de ironizar, desfere o trecho “ajudando a pobre, suja e moribunda cidade do Rio de Janeiro”.

Seu discurso sarcástico ganha relevo na carta enviada do Rio de Janeiro a Randall Jarrell, no dia 20 de março de 1965:

Com toda esta miséria e estupidezas – algo do Mundo Perdido ainda não se perdeu por aqui, e sinto, em alguns dias, que eu ainda gosto de viver neste lugar atrasado. Isto é particularmente verdadeiro quando se consegue sair do Rio, ou da costa. As pessoas nos lugares pequenos e pobres são absolutamente naturais e tão elegantemente corteses. Não estou de fato fora do tema de seus poemas – é que eu acho que as coisas que você sente com um senso de perda ainda não estão completamente perdidas para o mundo. Coletando cada pedacinho de evidência com alegria, e desejo poder inseri-lo nos meus poemas, também³⁴ (BISHOP, 1994, p.434-435 – Tradução e grifo meus).

Nesta passagem, há indícios de que fatores culturais e ideológicos trazidos dos Estados Unidos da América influenciam o olhar de Bishop sobre a cidade do Rio de Janeiro, retratada

³³ **To Pearl Kazin, April 23, 1961, Sunday p.m.**

... We are leading such a strange life now. We go to Rio every Monday or Tuesday and come back every Friday, and all week long Lota talks on the telephone to brigadier generals, the heads of the Depts. of Transportation, Parks & Gardens, etc. In the evenings she has conferences with them until one or two; and in the mornings the phone starts again at 7 a.m. But she is doing so well—I am not exaggerating; everyone is terribly impressed with her skill. I couldn't believe it when I went to one of these meetings, with eight or nine engineers, etc., and L. the only woman (I didn't count, of course)—and she kept them laughing, won them over, etc. [...] However, so far very good, I'd say, and it is wonderful to have her doing something at last, using her brains and helping poor dirty dying Rio at the same time (BISHOP, 1994, p.396-397).

³⁴ **To Randall Jarrell, Rio de Janeiro, March 20, 1965**

With all this awfulness and stupidities—some of the Lost World hasn't quite been lost here yet, I feel, on the days I still like living in this backward place. This is true particularly when one gets away from Rio, or the coast. The people in the small poor places are so absolutely natural and so elegantly polite. I'm not really off the subject of your poems—it is that I think the things you feel a sense of loss for aren't entirely lost to the world, yet. I gather up every bit of evidence with joy, and wish I could put it into my poems, too (BISHOP, 1994, p.434-435).

por ela como “lugar atrasado”, onde há “miséria e estupidezas”; enfim, uma espécie de “Mundo Perdido”. No entanto, esse seu olhar implacável não está direcionado “aos lugares pequenos e pobres”, onde as pessoas “são absolutamente naturais e tão corteses”; está implicitamente se referindo às pessoas de Petrópolis. Essa perspectiva estereotipada, politicamente construída por escritores de países superdesenvolvidos acerca de uma nação por eles classificada como inferior sócio, política e/ou até culturalmente, é analisado pela escritora Mary Pratt como sendo fruto dos “olhos do império”, cujo objetivo central é recriar o outro e sua cultura a partir do ponto de vista de quem observa, escreve e fala, o colonizador, em detrimento do emudecimento de quem se está observando, escrevendo e falando, o colonizado. No capítulo 8 de *Os olhos do império*, Pratt

analisa a forma como escritores hispano-americanos no início do século XIX selecionaram e adaptaram discursos europeus sobre a América à sua maneira de criação autônoma acerca das culturas descolonizadas, mantendo os valores europeus e supremacia branca³⁵ (PRATT, 2003, p.16 – Tradução minha).

Para dar subsídio com propriedade aos discursos de Elizabeth Bishop no poema “Ida à Padaria”, destaco os trechos veementes de uma carta enviada de Petrópolis, Brasil, a Joseph e U.T. Summers, no dia 26 de novembro de 1957, para exemplificar que de forma alguma ela estava colonizando inocentemente:

[...]

Como vocês dizem, “desleixo” é o que caracteriza todos os países, com exceção dos Estados Unidos da América, ricos, radiantes e desodorizados – e creio eu que aquela limpeza é o que, a princípio, eu sempre tenho saudade. Mesmo aqui onde a natureza é tão reluzente e verdejante e o clima tão brilhante, etc., e os prédios cor-de-rosa e brancos e as calçadas como mosaicos pretos e brancos – **todas as multidões, ônibus, bondes, lojas, cozinhas, parecem tão encardidos, escuros, sebosos. Porém, logo-logo a gente se acostuma com isso**³⁶ (BISHOP, 1994, p.343 – tradução e grifo meus).

Logo no início dessa carta, Bishop faz uma comparação entre seu país e os demais

³⁵ [Chapter 8] looks at how Spanish American writers in the early nineteenth century selected and adapted European discourses on America to their own task of creating autonomous decolonized cultures while retaining European values and white supremacy (PRATT, 2003, p.16)

³⁶ **To Joseph and U.T. Summers, Petrópolis, Brazil, November 26, 1957**

[...]As you say, “drabness” is what characterizes all countries except the rich, gleaming, deodorized U.S.A.– and I think that that bright cleanness is what I always miss most at first. Even here where Nature is so bright & Fresh and the weather so brilliant, etc., and the buildings pink & white and sidewalks black & white mosaic– all the crowds, buses, trolleys, shops, *kitchens*, look so dingy and dark and grease-stained. But one gets used to it quickly (BISHOP, 1994, p.343).

(Brasil), exaltando a limpeza e a riqueza de lá e o “desleixo” e sujeira marcantes aqui. Não obstante, segundo os pressupostos teóricos de Memmi (1989), Bishop está apenas se utilizando da “velha maneira” de justificar e legitimar seu discurso sobre o colonizado (Rio de Janeiro/Brasil), representando-o como um desleixado, sujo, encardido, seboso para que seu ponto de vista e prática sobre ele jamais fossem questionados.

Utilizando o interessante subterfúgio da personificação, a poeta estadunidense inicia seu poema em terceira pessoa, por meio do qual a lua a representa como indivíduo – tão entediado com “o mar e as coisas mais cotidianas” do Rio – que decide explorar outros ambientes dessa cidade, até então novos para ela. Assim, deixa de contemplar o que talvez sejam os poucos aspectos agradáveis a seus olhos, seguindo um itinerário que certamente lhe proporcionará um intenso choque cultural que colocará em conflito aspectos sócio-culturais de dois mundos muito diferentes, o seu e o do outro, tendo como ponto de partida “a avenida Copacabana”:

Ao invés de contemplar o mar / algo que ela faz em outras noites, / **a lua observa a Avenida / Copacabana nos pontos turísticos**, [] / novos para ela, porém comuns. / **Ela se debruça sobre os fios frouxos dos bondes.** / Abaixo, os trilhos escorregam entre / as linhas de carros estacionados um atrás do outro. [] / **(A lataria que se oculta tem a aparência / de morrer, balões flácidos de brinquedo.) / Os trilhos terminam em uma poça de mercúrio; / os fios, nas instâncias magnéticas da lua,** [] / decolam / para bramar em nebulosas distantes (BISHOP, 1999, p.148 – tradução e grifo meus).

Nestes versos, já é perceptível que a poeta norte-americana se atém a alguns aspectos negativos da paisagem carioca que surge a sua frente. Primeiro são os fios dos bondes que para ela são “frouxos”. Em seguida são os “carros estacionados”, cujas latarias têm “**a aparência / de morrer, balões flácidos de brinquedo**”. O que pode haver de errado com os carros? Não seriam apenas diferentes dos modelos que circulam no trânsito estadunidense?

Com base no que já foi exposto a respeito da relação de Elizabeth com o Rio, ratifico que para ela o problema, inconscientemente, não estava nos carros, mas na cidade que lhe causava tanta repulsa; ou por talvez não ter correspondido às suas expectativas enquanto estrangeira, ou justamente, insisto, por já ter trazido dos Estados Unidos uma imagem negativa e estereotipada influenciada por outros discursos anteriores aos seus.

Corroborando essa perspectiva, entendo ser oportuno explicar a respeito da sensação de deslocamento vivida por Bishop, enquanto imigrante, mesclando inevitavelmente nostalgia, memória e identidade. Segundo a crítica indiana Jameela Begum, esse estado de expatriação pode ocasionar um concomitante conflito sociocultural, devido ao fato de um expatriado ter de viver entre as margens de duas sociedades, onde o “centro” (Estados Unidos)

exerce um poder de controle e homogeneização sobre os aspectos sociopolíticos e culturais da "margem" (Brasil):

As culturas viajam, fixam raízes ou se deslocam e os indivíduos internalizam a nostalgia ou experimentam a amnésia. Escritores residentes fora do seu país vivem às margens de duas sociedades e a teoria cultural é hoje criada pela pessoas que vivem às margens. Uma questão importante é como definir as margens. As margens se expandem e o centro muda? Ou são aquelas áreas periféricas mais distantes que se dividem e o centro permanece o mesmo, indiferente ao que está acontecendo ao seu redor? A teoria emana da intervenção das vozes marginais, ou são suas vozes que são controladas e homogeneizadas pelo centro? Estas e um grande número de outras questões surgem inesperadamente quando enfocam sobre a escrita diaspórica³⁷ (BEGUM, 2000, p.8).

Elizabeth Bishop se sentia como uma expatriada. No entanto, não há indícios de que seu contato com a margem (o Brasil) tenha ocasionado perda de identidade. Primeiro, porque nem mesmo no centro (os Estados Unidos da América) ela demonstrava se sentir em casa, visto que parecia viver numa cotidiana busca pelo lar perdido (Nova Escócia, Canadá). Segundo, porque a carga sociocultural que havia trazido impregnada na sua personalidade influenciou seu modo de ver e escrever sobre os contrastes do Brasil de maneira particularmente preconceituosa. Sendo pouco condescendente no que concerne à tentativa de se libertar desses traços colonizadores, demonstrando ter encontrado dificuldades para compreender a diversificada cultura brasileira, como explícito no trecho de uma carta ao poeta e amigo Robert Lowell: "É terrível pensar que provavelmente vou ser considerada uma espécie de autoridade sobre o Brasil pelo resto da Vida" (BISHOP, 1999, p.27).

Mannoni explica que

A vida social na Europa exerce uma determinada pressão sobre o indivíduo, e esta pressão mantém a personalidade em uma dada forma; uma vez sendo removida, no entanto, os esboços da personalidade mudam e crescem, revelando assim a existência de pressões internas que prosseguiram até passarem despercebidas³⁸ (MANNONI, 1964, p.97 – tradução minha).

O contexto de "Europa" no trecho supracitado pode ser empregado para caracterizar os

³⁷ Cultures travel, take a root or get dislocated and individuals internalize nostalgia or experience amnesia. Writers living abroad live on the margins of two societies and cultural theory is today created by people who live on the margins. An important question is how does one define the margins. Do the margins expand themselves and does the centre shift? Or is it that peripheral areas further divide themselves and the centre remains the same, indifferent to what is happening around it? Does theory emanate from the intervention of marginal voices, or is it that their voices are controlled and homogenized by the centre? These and a host of the other question crop up when focus on diasporic writing (BEGUM, 2000, p.8).

³⁸ Social life in Europe exerts a certain pressure on the individual, and that pressure keeps the personality in a giving shape; once it is removed, however, the outlines of the personality change and swell, thus revealing the existence of internal pressures which had up to then passed unnoticed (MANNONI, 1964, p.97).

grandes centros econômicos (o colonizador) que, sempre que lhes convém, utilizam sua influência política para dominar as margens (o colonizado). Além disso, pode-se inferir que, para Mannoni, o colonizador tem de lidar constantemente com questões ideológicas que sua sociedade exerce sobre sua personalidade. No entanto, considerando que esse conflito reside no âmbito psicológico, a luta do colonizador contra as pressões internas impostas por essa sociedade pode acarretar em mudança de personalidade. Entretanto, é muito mais frequente que essas pressões ocorram de forma imperceptível, uma vez que o ímpeto por dominar continua sendo o principal traço ideológico que a maioria dos países desenvolvidos fazem questão de continuar cultivando.

Transpondo a esfera dessas pressões internas e caminhando para o âmbito dos conflitos de vivência entre duas sociedades, a crítica indiana Jameela Begum explana que “A memória, contudo, não está sempre no passado. Ela não é estática. Por um lado ela reflete um relacionamento profundo com o passado e, pelo outro, com o presente. [...] Ela se torna cada vez mais crítica desde que se separe da nostalgia” (BEGUM, 2000, p.15 - tradução minha).

Portanto, como Bishop demonstra não conseguir distanciar seu discurso desse sentimento de expatriação, ou seja, das suas experiências vivenciadas no passado em uma outra sociedade diferente da qual ela está inserida agora (no contexto do poema em tela), torna-se inevitável uma concomitante comparação realizada por ela entre essas duas realidades: a nova vida de poeta estrangeira em solo brasileiro em contraposição a sua visão imperialista preestabelecida nos Estados Unidos acerca das manifestações sócio-econômicas e culturais dos países subdesenvolvidos e/ou em desenvolvimento, muito visível nos versos a seguir:

... As luzes da padaria estão fracas. Mais baixas / que nossa eletricidade racionada, [] os bolos redondos parecem que vão desmaiar – / cada um parece um olho branco vitrificado. / As tortas gosmentas são vermelhas e dolorosas. / Compre, compre, o que comprarei? [] Agora, a farinha está adulterada / com milho, e os pães / jazem como vítimas de febre-amarela / amontoados em uma enfermaria superlotada (BISHOP, 1999, p.148;150 – tradução e grifo meus).

A partir desses versos é explicitamente Elizabeth Bishop quem descreve a suposta padaria carioca. Percebe-se que ela parece trazer à tona apenas os aspectos mais negativos do local, como se os estivesse comparando com algo superior vivenciado em um outro lugar/país. Utilizando novamente a personificação, ela – a partir de seus olhos imperiais – apresenta-nos bolos e tortas – que comumente deveriam ser deliciosos – como criaturas nojentas e doentias; colocando-se em uma situação desesperadora, uma vez que, subtende-se necessitar comprar

algo para saciar sua fome, mas, no entanto, a referida padaria não lhe oferece mínimas condições para isto.

Diante do exposto, questionamos então se o cenário era exatamente este ou se não passa de uma recriação no seu imaginário de poeta que sempre odiou o Rio e que não conseguia se desvencilhar da sua visão já constituída no Primeiro Mundo. Para Said

A outra característica das relações Oriental-Europeu era que a Europa estava sempre em uma posição de força, para não dizer de dominação [...] Muitos termos foram usados para expressar a relação: Balfour and Cromer usavam tipicamente vários. O Oriental é irracional, depravado (decadente), infantil/inocente, ‘diferente’; ao passo que o Europeu é racional, virtuoso, maduro, ‘normal’³⁹ (SAID, 1979, p.40 – tradução minha).

Neste contexto, nota-se que Bishop não construiu sozinha esse “retrato” da cidade do Rio de Janeiro. Nessa ótica de Said, podemos inferir que foi a partir da perspectiva de outros escritores que o olhar implacável da poeta estadunidense obteve subsídio e direção para observar apenas o que lhe era conveniente (d)escrever para sua audiência. Portanto, sentindo a necessidade de transpor o âmbito da descrição do que era comercializado na mencionada padaria, Bishop volta-se para o padeiro e para os arredores do comércio:

O padeiro; também doentemente, sugere / Os “rocambolos de leite”, enquanto ainda estão quentinhos / e feitos com leite, diz ele. **Eles dão / a impressão de serem como um bebê no colo.** [] Sob as resolutas folhas de uma falsa amendoeira, / **uma putinha dança, agitada como um átomo:** / chá-chá, chá-chá, chá-chá... (BISHOP, 1999, p.150 – tradução e grifo meus).

Para a poeta norte-americana, o padeiro também estava doente. De repente, ela pode estar sugerindo que ele deve ter infectado as mercadorias com sua suposta doença. Entretanto, ao ser persuadida pelo referido comerciante, compra pães de leite – quando na verdade queria bolo – e parece não ter ficado satisfeita, visto que os pães supramencionados são como “*um bebê*” no seu colo. Será mesmo um grande incômodo carregar um bebê nos braços? Parece-nos que para ela é bem mais do que isso; é um fardo difícil de suportar.

Em seguida, Elizabeth, insatisfeita, sai da padaria e se depara com uma menina dançando na esquina. Seu olhar malicioso retrata uma “putinha”, ainda que não ofereça subsídio suficiente para convencer o leitor de que de fato a protagonista da cena não é uma

³⁹ The other feature of Oriental-European relations was that Europe was always in a position of strength, not to say domination [...] Many terms were used to express the relation: Balfour and Cromer, typically, used several. The Oriental is irrational, depraved (falling), childlike, ‘different’; thus the European is rational, virtuous, mature, ‘normal’ (SAID, 1979, p.40).

criança e/ou adolescente brincando de bambolê ou dançando samba, por exemplo, como é comum em algumas comunidades do Rio de Janeiro.

Às proximidades do prédio onde morava, Elizabeth depara-se com um homem negro, supostamente embriagado. E o resultado deste encontro é uma sequência de versos deturpadores sarcasticamente constituídos para marginalizar o mencionado indivíduo e o ambiente no qual estava inserido:

Em frente ao prédio do meu apartamento / **um homem negro** senta em uma **sombra negra**, / **levantando sua camisa para mostrar um curativo** / sobre seu lado negro e invisível. [] **Bafos de cachaça fulminam-me**, / como emissões de gás de **uma bazuca**. / **Ele fala perfeitos palavrões**. / **O curativo ganha destaque**, branco e recente. [] **Dou-lhe centavos do meu / Esplêndido dinheiro, digo “Boa noite” / por força do hábito**. Oh, vil hábito! / **Nenhuma palavra mais adequada ou intensa?** (BISHOP, 1999, p. 150;152).

Como é possível observar, a poeta norte-americana faz questão de descrever o indivíduo como sendo “negro”, sem sequer ter mencionado que se tratava de um homem. Em seguida, sugere que ele está ferido, porém medicado. A razão pela qual foi ferido pode estar associada ao seu estado de embriaguez, descrito por ela como “bafos de cachaça” fulminantes como “emissões de gás de uma bazuca”, fazendo-o proferir “perfeitos palavrões”. Por força do hábito, Bishop lhe dá “dinheiro” e diz “boa noite”. Mas logo questiona se não haveria “nenhuma palavra mais adequada ou intensa”. O que, por exemplo, ela gostaria de ter lhe falado? Decerto não teríamos ferramentas suficientes para ousar descobrir, uma vez que, de acordo com Césaire:

Os caluniadores chegaram mais tarde, e o grande responsável neste âmbito é o pedantismo cristão por haver elaborado equações desonestas: cristianismo = civilização; paganismo = selvagerismo, das quais só poderiam resultar conseqüências colonialistas e racistas abomináveis, cujas vítimas deveriam ser os índios, os amarelos, os negros (CÉSAIRE, 2010, p.18).

Posso então supor que Elizabeth, a caluniadora, certamente gostaria de ter dito ao tal sujeito embriagado algo menos gentil e educado. Mas, talvez, por receio de ser agredida por ele, resolveu expressar-se daquela forma. Entretanto, seu discurso sarcástico tem como intuito legitimar sua descrição preconceituosa daquele homem, aos seus olhos, tão selvagem e perigoso.

Para mensurar o discurso exageradamente negativo de Bishop sobre a cidade do Rio de Janeiro, apresento trechos de uma carta escrita por ela em português (cuja ortografia e gênero das palavras foram corrigidos pelo tradutor Paulo Henriques Britto “para que fossem

evitadas maiores interferências no texto original”), e enviada de Ouro Preto-MG a sua amiga brasileira Linda Nemer, em uma quarta-feira de agosto do ano de 1970:

[...]

No posto de telefone, descobro que o número você me deu é errado. ao menos. não responde. **Eu faço as minhas compras e volto para casa.** um pouco triste. Mando o *chauffeur* de táxi voltar às sete horas.

Às sete. saio outra vez. A serração está mais espessa. **As lâmpadas aparecem amarelas e fracas.** Quase ninguém na praça. e não pode ver até o relógio. Silencioso e lindo. Um cavalo branco. Velhíssimo. magro. está subindo a rua das Flores. muito devagar. a zigue-zagues. respirando profundamente. Em realidade. talvez ele não é um cavalo. Telefone. Você já tinha saído. Saio.

Alguém está cantando uma canção de criança. muito longe. muito pura. Enquanto eu subo a rua. um rapaz desce rapidamente. incertamente. do outro lado. e frente de mim atravessa a rua. Ele parece bêbado. talvez ou alto. Ele desce rapidamente e. no momento que ele me encontra. na obscuridade. ele diz uma frase incoerente e – verdadeiramente – aponta a seu coração (BISHOP, 1995, p.749 – grifo meu).

Observando os grifos supracitados, é perceptível a semelhança com as cenas que Bishop sugere ter vivenciado em uma padaria carioca: a “putinha” dançando o “chá-chá-chá” e “homem negro”, bêbado, que “fala perfeitos palavrões” e levanta “sua camisa para mostrar um curativo”. Não obstante, é necessário esclarecer ao leitor que o olhar de Bishop sobre o Rio era tão implacável, a ponto de recriar negativamente situações vividas e personagens contactadas em outra cidade como mero subsídio ao seu discurso estereotipado acerca de uma cidade que, devido a outros fatores posteriormente citados, ousou mesclar com sucesso a natureza exuberante com a intensa vida urbana de cidade grande.

Face ao exposto, é intrigante o fato de este poema estar tão exclusivamente compromissado com a degradação de uma cidade e seus habitantes, mesmo esta sendo conhecida no mundo inteiro como “Cidade Maravilhosa”. Ainda sob esta perspectiva, podemos imaginar o que o Rio de Janeiro teria para oferecer, por exemplo, a um turista estrangeiro cujo primeiro contato a distância com esta cidade tenha ocorrido através da leitura desse poema. Certamente tais discursos serviriam apenas para distanciar quaisquer interessados em conhecer essa importante cidade do sudeste brasileiro.

Para tentar compreender os motivos pelos quais Bishop compôs um poema tão deturpador dos cenários e habitantes da cidade do Rio de Janeiro, foi importante e necessário profanar algumas de suas cartas postumamente publicadas. Elas nos revelam que muitos dos seus poemas trazem à tona aspectos marcantes e até íntimos de sua vida pessoal. Assim, sua biografia está presente de forma fragmentada em cada poema escrito. Então, como ela detestava o Rio de Janeiro, seus escritos sobre esta cidade sempre farão jus a este sentimento,

como podemos inferir a partir de trechos de uma carta enviada de Petrópolis a seu amigo Alfredo Kazin, no dia 10, 11 ou 12 de dezembro de 1951:

[...] A Pearl tem sido extremamente gentil comigo. [...] Fui à feira com ela e jantei com ela e com o Victor há algumas noites atrás, e ela realmente sabe bem como se virar, eu acho – auxiliou-me a subir e descer de quatro ou cinco diferentes tipos de transportes públicos – mas é claro que todo esse tipo de coisa é muito cansativo e eu não **acho que ela goste muito do Rio. Eu não acho que eu goste também**, mas é difícil de dizer – é uma *bagunça* – **Mistura de Cidade do México com Miami é aproximadamente a conclusão mais próxima que consigo chegar; e os homens de sunga chutando bolas de futebol por toda parte. Eles começam na praia às 7 toda manhã – e continuam, aparentemente, em seus locais de trabalho por toda a cidade, durante o dia todo. É enervante, completamente relaxada (apesar do excelente café), corrupta – Me senti horrivelmente depressiva por cerca de três dias, mas depois me recuperei** – principalmente graças à Pearl, creio que eles esperam ficar mais um pouco, em seguida, ver mais da América do Sul antes de voltar para Nova York⁴⁰ (BISHOP, 1994, p.226-227 – tradução e grifos meus).

A partir desse contexto, compreendo que Elizabeth Bishop não quis ou não soube lidar com alguns aspectos sócio-culturais que inevitavelmente surgiam a sua frente e tanto incomodavam seu olhar de estrangeira e expatriada. Além disso, fica evidente que sua relação com a cidade do Rio de Janeiro era péssima, para não dizer doentia, uma vez que a referida poeta não conseguiu escrever em “Ida à padaria” nada de positivo a respeito dessa cidade. De repente teria sido mais relevante se, de alguma forma, ela tivesse esclarecido em algum poema ou carta que o ambiente bucólico de Petrópolis-RJ, por exemplo, chamava-lhe mais a atenção do que a cidade degradada por seu discurso colonizador.

O que vamos ver a seguir parece corroborar o que venho argumentando, trata-se de uma carta de Bishop enviada do Rio de Janeiro a sua médica e amiga Dra. Anny Baumann, no dia 9 de novembro de 1965, esclarecendo que essa poeta tinha plena consciência de que “falar mal” dessa cidade ou de algo inerente a ela inevitavelmente causaria desconforto à sua companheira Lota, que além de gostar do Rio de Janeiro, estava trabalhando “cerca de 18 horas por dia” na construção do Parque do Flamengo (conhecida como Aterro do Flamengo,

⁴⁰ **To Alfred Kazin, Samambaia, Petrópolis, December 10th or 11th or 12th [1951]**

[...] Pearl has been awfully kind to me. [...] I went marketing with her and had dinner with her & Victor a few nights ago, and she really does awfully well, I think, knows her way around–shunted me on & off four or five different types of public conveyance–but of course all that kind of thing is very exhausting and I don’t think she likes Rio much.

I don’t think I do, either, but it’s hard to say–it’s such a *mess*–Mexico City and Miami combined is about the closest I can come to it; and men in bathing trunks kicking footballs all over the place. They begin on the beach at 7 every morning–and keep it up apparently at their places of business all over town, all day long. It is enervating, completely relaxed (in spite of the terrific coffee), corrupt–for about three days I felt horribly depressed, but then recovered–mostly thanks to Pearl, I think they hope to stay just a while, then see more of S.A. before returning to New York (BISHOP, 1994, p.226-227).

obra idealizada por ela), sendo esse trabalho obstinado de Lota um outro causador de conflitos em sua relação amorosa com Bishop, que se sentia sempre em segundo plano:

... Por favor, não fale sobre os correios brasileiros quando você me escrever. Lota, que é tão mente aberta de uma forma geral, por alguma razão misteriosa é um pouquinho chauvinista a respeito dos correios brasileiros. E mesmo quando as coisas obviamente se perdem, ela não gosta de admitir, ou me acusa de ser um tipo de reclamona! Ela estava esperando meu retorno duas semanas antes de eu finalmente chegar – Eis a razão pela qual ela não me encaminhou suas últimas cartas. Eu tive que permanecer por uma semana inteira porque não havia vôo partindo de Belo Horizonte. Depois disso, houve um fim de semana prolongado e então ela decidiu vir e me pegar pessoalmente. [...]
[...] Lota trabalha cerca de 18 horas por dia e eu não sei como ela agüenta – mas, então, ela também é uma guerreira como o Carlos, e esses argumentos não a incomodam da mesma forma que me incomodariam – ou ao menos eu espero. A única coisa preocupante para mim, é que creio que depois de ter experimentado a vida pública, ela nunca esteja apta a se retirar dela! O parque é um sucesso tremendo, de fato – mas houve momentos em que eu pensei que esse parque nos mataria a nós duas⁴¹ (BISHOP, 1994, p.437-438 – tradução minha e grifos meus).

Referente a essa mesma carta à Dra. Anny Baumann, Bishop revela mais um motivo que alimenta sua repulsa pelo Rio de Janeiro, o tenso ambiente político pelo qual atravessava esta cidade e o Brasil, de modo geral, no qual Lota também estava inserida até o pescoço, atuando efetivamente ao lado do seu amigo e político Carlos Lacerda, cuja relação oscilava com frequência. Além disso, esse clima político a desconcentrava, conseqüentemente prejudicando muito sua produção literária em geral:

Fiquei com muita saudade de casa, mas lá é um bom lugar para trabalhar e eu consegui escrever mais do que nos últimos dois anos no Rio, onde eu não conseguia me concentrar. Talvez seja porque lá a política é algo muito distante, e o telefone toca uma vez por dia, e não há televisão. Também o clima é melhor. São aproximadamente 3.500 metros de altitude, você sabe... Quando leu sua carta, Lota disse que queria muito se sentar e lhe escrever uma longa carta, mas atualmente ela nunca tem tempo para fazer nada que ela queira. O Ministro da Educação do Carlos ... foi terrivelmente derrotado, e agora ele e Carlos estão culpando um ao outro pela grande derrota. Lota acha que foi muito mais culpa do Carlos – ele ficava

⁴¹ **To Dr. Anny Baumann, Rio de Janeiro, November 9, 1965.**

... Please don't speak of Brazilian mails when you write me. Lota, who is so broad-minded in general, for some mysterious reason is a bit chauvinistic about Brazilian P.O. And even when things obviously get lost, she doesn't like to admit it, or accuses me of being a complaining type! She was expecting me back two weeks before I finally made it—that's why she didn't forward your last letters to me there. I had to stay on one whole week because no planes left Belo Horizonte. Then there was a long weekend so she decided to come and get me personally.

[...] Lota works about 18 hours a day and I don't know how she stands it—but then, she is a fighter, too, like Carlos, and these arguments don't bother her as much as they would me—or at least I hope so. The only thing I worry about is that I think now she's had a taste of public life she'll never be able to retire from it! The park is a tremendous success, really—but there have been times at which I thought it would kill us both (BISHOP, 1994, p.437-438).

cada vez mais irado até o fim da campanha, e ele é realmente um péssimo político. Depois da massiva vitória dos anti-“revolução”, em onze estados, o atual governo decretou que tornará as eleições presidenciais algo a ser realizado apenas pelo congresso (essa é uma versão superficial, mas é a ideia mais aproximada). **Isso significa que Carlos está fora como candidato. Ele assimilou isso da pior forma possível – deu indícios de perder completamente a cabeça** – e “se aposentará” da política por um bom tempo quando seu mandato terminar no dia 5 de dezembro – e ele migrará para o âmbito dos “negócios empresariais”⁴² (BISHOP, 1994, p.437-438 – tradução minha).

Diante do exposto, e considerando que “Ida à padaria” consta no capítulo intitulado “rejeição” de *Poemas do Brasil*, insisto que os discursos de Elizabeth Bishop presentes neste poema são explicitamente generalizadores e, conseqüentemente, preconceituosos e pretensiosos, induzindo o leitor a construir uma imagem negativa a respeito da cidade do Rio de Janeiro, de seus habitantes e seus aspectos socioculturais, cuja base motivadora é de cunho exclusivamente pessoal e ideológico, uma vez que essa poeta apenas não se identificava com o cotidiano de cidades cosmopolitas e/ou litorâneas, haja vista ter comparado o Rio com Miami e Cidade do México. Ressalto ainda, como elemento motivador do seu discurso, o fato de Bishop considerar essa cidade como sendo a principal causadora dos conflitos que desgastaram sua relação com Lota, como podemos inferir a partir de trechos de uma carta enviada por ela à Frani Blough Muser, no dia 19 ou 20 de dezembro de 1965:

Espero que Lota consiga largar seu trabalho e se junte a mim durante o mês de Maio, ao menos. Mas neste exato momento as coisas estão tão mal para ela que ela talvez desista hoje e venha comigo no dia 27 de dezembro! **Céus, como odeio política depois dos últimos quatro anos – e sou contra o sistema bi partidarista e talvez até contra a democracia, por tudo que sei, após os últimos eventos aqui (Rio de Janeiro).** Além disso – tem sido um longo pesadelo para ela, e eu não gosto de abandoná-la desse jeito, mas eu não posso ajudar de forma alguma, e quase não a vejo, então **talvez seja melhor ir embora e ganhar algum dinheiro ...**⁴³ (BISHOP, 1994, p.441 – tradução e grifo meus).

⁴² I got rather homesick, but it is a good place to work and I did get more writing done than for the past two years in Rio, where I just can't seem to concentrate. / Perhaps this is because politics are very far away, up there, and the telephone rings once a day, and there is no TV. Also the climate is superior. It's about 4,000 feet, you know... Lota said when she read your letter she wanted very much to sit down and give you an account, but she never has time to do anything she wants these days. Carlos's Minister of Education ... lost badly, and now he and Carlos are blaming each other for the big defeat. Lota thinks it was pretty much Carlos's fault—he got wilder and wilder toward the end, and is really a dreadful politician. After the sweeping anti-“revolution” victory, in eleven states, the present government has passed an act which will make presidential elections something done solely by the congress (this is a bad account, but roughly the idea). This means that Carlos is out as a candidate. He has taken it very very badly—seemed to lose his head completely—and “retires” from politics for good when his governorship is up on December 5th—and is going into “business” (BISHOP, 1994, p.437-438).

⁴³ **To Frani Blough Muser, December 19 (no, 20), 1965**

I hope Lota will be able to get away from her job and join me for May, at least. But at this very moment things are so awful for her that she may resign today and come with me on December 27th! Heavens, how I hate politics after the last four years—and I'm against the two-party system and maybe even democracy, for all I know, after the latest events here. Anyway—it has been a nightmare stretch for her, and I don't like to

3.5. One Art (Uma arte) – complexos inconscientes.

<u>One Art</u>	<u>Uma Arte</u>
<p>The art of losing isn't hard to master; so many things seem filled with the intent to be lost that their loss is no disaster.</p> <p>Lose something every day. Accept the fluster of lost door keys, the hour badly spent. The art of losing isn't hard to master.</p> <p>Then practice losing farther, losing faster: places, and names, and where it was you meant to travel. None of these will bring disaster.</p> <p>I lost my mother's watch. And look! My last, or next-to-last, of three loved houses went. The art of losing isn't hard to master.</p> <p>I lost two cities, lovely ones. And, vaster, some realms I owned, two rivers, a continent. I miss them, but it wasn't a disaster.</p> <p>– Even losing you (the joking voice, a gesture I love) I shan't have lied. It's evident the art of losing's not too hard to master though it may look like (Write it!) like disaster.</p> <p style="text-align: right;">(Bishop: 1999, p.184)</p>	<p>A arte de perder não é difícil de superar; inúmeras coisas parecem dotadas de intenção de serem perdidas, que sua perda não é um desastre.</p> <p>Perca algo a cada dia. Aceite a confusão de ter perdido as chaves da porta, a hora despendida pessimamente.</p> <p>A arte de perder não é difícil de superar.</p> <p>Então pratique perdendo demasiadamente, perdendo mais rápido: lugares, nomes e para onde você resolveu viajar. Nada disso será um desastre.</p> <p>Perdi o relógio da minha mãe. E veja! Minha última, ou perto de ser a última das três casas amadas que eu tive.</p> <p>A arte de perder não é difícil de superar.</p> <p>Perdi duas cidades, fascinantes. E, mais imenso que elas, alguns reinos que me pertenciam, dois rios, um continente. Sinto a falta deles, mas isso não foi um desastre.</p> <p>– Mesmo perder você (a voz graciosa, um gesto que eu amo) Eu não terei mentido. É evidente que a arte de perder não é tão difícil de superar embora possa parecer (Escreva!) um desastre.</p>

De acordo com o psicólogo francês Octave Mannoni, “... o que ocorre com um europeu quando se torna um colonizador é o resultado de complexos inconscientes, e são estes complexos que proponho analisar. Estes complexos se formam, necessariamente, na infância⁴⁴” (MANNONI, 1964, p.98 – tradução minha). Esclarecendo que o termo “europeu”

abandon her this way, but I can't be of any help, and scarcely see her, so might as well go off and earn some money... (Bishop, 1994, p.441).

⁴⁴ ... what happens to a European when he becomes a colonial is the result of unconscious complexes, and these I propose to analyse. These complexes are formed, necessarily, in infancy... (MANNONI, 1964, p.98).

nesse contexto refere-se a um representante da metrópole (Primeiro Mundo) que decidiu (in)conscientemente “conhecer e/ou desbravar” a colônia (Terceiro Mundo).

Considerando que o objeto da presente análise é um poema elaborado por uma escritora estadunidense, “um dos maiores nomes da poesia norte-americana deste Século” (Bishop, 1995, contracapa); “considerada em seu país a grande poeta surgida entre Wallace Stevens e John Ashbery” (BISHOP, 1999, contracapa), proponho transpor o âmbito da nostalgia e investigar a presença de discursos imperialistas latentes e/ou sutilmente explícitos em seus versos frios e nostálgicos.

Para subsidiar esta análise pós-colonial, utilizarei algumas cartas alusivas a esse poema, enviadas por Bishop a destinatários brasileiros e estrangeiros, com vistas a compreender melhor que fatores à época a influenciaram a compor o poema em epígrafe. Como ponto de partida, destaco as próprias palavras do tradutor oficial das obras de Bishop no Brasil, o poeta brasileiro Paulo Henriques Britto:

“One Art”, [...] Foi escrito num momento de sofrimento intenso, quando a relação com Alice Methfessel estava em crise e uma separação definitiva parecia irremediável. [...] À medida que Bishop retrabalha o texto – segundo Millier, nada menos que dezessete rascunhos sobrevivem – o poema vai assumindo a regularidade severa de uma vilanela, e a figura da pessoa amada perdida torna-se menos individualizada: é ainda Alice, mas é também outras, principalmente Lota. Na versão final permanecem várias referências diretas a detalhes autobiográficos – as “três casas” (a casa de Key West, a de Samambaia e a Casa Mariana, como Elizabeth especificou numa entrevista), “duas cidades” (Rio e Ouro Preto?), “dois rios” (Amazonas e São Francisco?) e o “continente” (sem dúvida a América do Sul) perdidos. [...] As sucessivas repetições justificam-se pela necessidade que tem a poeta de convencer-se a si própria de duas proposições claramente falsas – é fácil resignar-se com a perda; e, de qualquer modo, o que se perdeu nunca é tão importante assim. E, como o esplêndido verso final deixa claro, a maneira definitiva de exorcizar a perda, de negar sua ocorrência, afirmando-a ao mesmo tempo, é escrever um poema. A respeito de “One art” caberia perfeitamente o comentário de Vendler sobre “Crusoe in England”: “Uma poeta que escreve esse poema realmente não precisa escrever mais nada” (BISHOP, 1999, p.52-53 – grifo meu).

Observa-se na leitura dos trechos destacados que Bishop retrabalhou o texto várias vezes, “nada menos que dezessete rascunhos sobrevivem”, o que nos garante que sua seleção lexical dificilmente tenha sido fruto de uma inspiração momentânea. Além disso, o fato de o poema ter sido direcionado a pelo menos duas pessoas diferentes, por quem, em algum momento no passado e/ou presente, a poeta tenha sentido que as estava perdendo definitivamente, também corrobora a observação de que “Uma arte” não foi elaborado de súbito, tampouco desprovido de alguma intenção relevante.

Pretendo elucidar que essa obra de arte de Bishop tinha um alvo especial a ser atingido

com muito desdém, desprezo, ressentimento e ódio. Seria uma espécie de “vingança é um prato que se come frio”, retificando o comentário ratificador e ingênuo de Paulo Henriques Britto ao transferir a “Uma arte” um comentário de Vendler a respeito de outro poema de Bishop, afirmando que “Uma poeta que escreve esse poema realmente não precisa escrever mais nada”. Na verdade, o que tanto Britto quanto Vendler parecem desconhecer e/ou ignorar é o discurso fragilizado de Bishop presente nas cartas que escreveu a alguns destinatários após a morte de Lota, que contradizem muito seu discurso frio sobre a perda.

Ressalto que a construção de um discurso impulsionado por sentimentos vivenciados em um passado marcado pela sensação de expatriação, exílio e perdas materiais e/ou afetivas pode ter influenciado Bishop a ignorar a criticidade e produzir discursos recheados de nostalgia e ressentimento. Além disso, o leitor pode inferir a partir de trechos de uma carta enviada por Bishop à Pearl Kazin, no dia 22 de fevereiro de 1954, que sob a ótica dessa poeta o Brasil é como um verdugo implacável que, além de causar-lhe desânimo profundo, espreita usurpar-lhe suas melhores expectativas sobre essa terra e, principalmente, sobre a mulher que por vezes afirmou ter amado:

Lota e eu íamos à Itália no próximo mês, mas agora acho que não vai dar certo por causa do estado perigosamente delicado do cruzeiro ... realmente não me importo tanto, tendo muito trabalho a ser feito, e eu gostaria de economizar mais dinheiro, de alguma forma, antes de partir. **No entanto, isso me fez repentinamente reconhecer que eu devo levar o Brasil mais a sério e realmente aprender essa maldita língua.** Eu tinha parado todos os esforços quando pensei que nós ficaríamos fora por um ano. **Devo decidir o que assumirei em relação a isso se eu viverei aqui para sempre. Como país, sinto que o Brasil é irremediável – não de forma horrível como o México, mas apenas francamente letárgico, egoísta, meio arrogante, meio louco, irremediável. Os Estados Unidos podem estar agora em uma desordem moral terrível, mas sinto que o que os tornou uma grande nação não foi o aspecto geográfico (como dizem os brasileiros), mas o enorme impulso moral que os acompanhou desde o início. Que eu saiba, nunca houve isso por aqui – e nunca houve uma revolução, que, a meu ver, toda nação precisa – bem-sucedida ou fracassada. Os poucos homens honestos & inteligentes sobre os quais é possível ouvir – como Ruy Barbosa – parecem terem sido como cometas – mas pouquíssimos deles. Às vezes penso se eu poderia apenas encontrar *um* homem aqui que parecesse realmente interessado e honesto – suponho que o Carlos Lacerda seja de fato honesto, mas creio que ele tem um ego muito grande e provavelmente acabará como um político cínico dentro de aproximadamente dez anos. [...]** Eu gostaria que houvesse alguém com quem eu pudesse conversar sobre isso! A Lota é, afinal, brasileira, e por mais imparcial que alguém queira ser, a nacionalidade sempre prevalece, mais cedo ou mais tarde ...

Manuel Bandeira enviou-me uma rede como presente de natal – e desde então eu tenho visto fotos dele escrevendo em uma rede, então suponho eu que este seja o espírito literário brasileiro⁴⁵ (BISHOP, 1994, p.288-289 – tradução e grifo

⁴⁵ To Pearl Kazin, February 22, 1954.

Lota and I were going to Italy next month, but now I think it's all off because of the dangerously feeble state of the cruzeiro ... I really don't mind much, having lots of work to get done, and I'd like to have more money

meus).

Subsidiado pelos trechos a seguir de *Os Condenados da Terra*, de Franz Fanon, posso assegurar que essa exaltação que Bishop fez de aspectos sociopolíticos e culturais da sua terra natal em detrimento da deturpação da língua, da história (passado, presente e futuro), do povo e da cultura do Brasil é a principal e mais antiga estratégia do colonizador para justificar sua presença e legitimar suas ações de chefia na colônia e, principalmente, para criar no colonizado um complexo de dependência e inferioridade, fazendo com que este descredite em um passado de glória do seu povo antes da colonização e com vistas a tentar reduzir qualquer possibilidade de resistência e tentativa de descolonização:

Talvez não tenha sido suficientemente demonstrado que o colonialismo não se contenta de impor sua lei ao presente e ao futuro do país dominado. **Ao colonialismo não basta encerrar o povo em suas malhas, esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido, deforma-o, desfigura-o, aniquila-o.** Essa tarefa de desvalorização da história do período anterior à colonização adquire hoje sua significação dialética (FANON, 1979, p.175 – grifo meu).

Exatamente como adverte Fanon, Bishop intensifica seu raio de percepção imperialista sobre o Brasil. Não se contentando em desfigurar o passado, presente e futuro dessa nação, essa poeta ousa justificar sua perspectiva negativa sobre esse país, sugerindo que o “espírito literário brasileiro” jaz no fundo de uma rede, juntamente com seus poetas “preguiçosos”; enfatiza ainda que no âmbito político há “poucos homens honestos & inteligentes sobre os quais é possível ouvir.”

Em uma carta enviada à Frani Blough Muser, no dia 19 de dezembro (não, 20) de 1965, Bishop novamente sugere que o Brasil e seus aspectos políticos são os responsáveis

saved up before I start off, anyway. But it's made me suddenly realize I must take Brazil more seriously and really learn the damned language. I'd stopped all efforts when I thought we were going away for a year. I must decide what I'm going to think about it if I live here for good and all. As a country I feel it's *hopeless* – not in the horrible way Mexico is, but just plain lethargic, self-seeking, half-smug, half-crazy, hopeless. The U.S. may be in a fearful moral mess right now, but I feel what made it great was not geography (as the Brazilians say) but the enormous moral *push* behind it to begin with. There has never been one here, as far as I know – and there has never been a revolution, which every country needs, I should think – successful or unsuccessful. The few honest & intelligent men one hears about – like Ruy Barbosa – seem to have been like comets – but so very few of them. I sometimes feel if I could only meet *one* man here who seemed really concerned and honest – I suppose Carlos Lacerda is honest all right, but I think he's got too much ego and will probably end up in about ten years as a cynical politician. [...] I wish there were somebody I could talk about it! Lota is, after all, a Brazilian, and no matter how fair everyone wants to be, nationality always gets in the way sooner or later...

Manuel Bandeira sent me a hammock for Christmas – and since then I've seen pictures of him writing in one, so I guess that's the Brazilian spirit in literature (BISHOP, 1994, p.288-289).

pela crise instaurada na sua relação com Lota:

Espero que Lota consiga largar seu trabalho e se junte a mim durante o mês de Maio, ao menos. Mas neste exato momento as coisas estão tão mal para ela que ela talvez desista hoje e venha comigo no dia 27 de dezembro! Céus, como odeio política depois dos últimos quatro anos – e sou contra o sistema bi partidarista e talvez até contra a democracia, por tudo que sei, após os últimos eventos aqui. Além disso – tem sido um longo pesadelo para ela, e eu não gosto de abandoná-la desse jeito, mas eu não posso ajudar de forma alguma, e quase não a vejo, então talvez seja melhor ir embora e ganhar algum dinheiro ...⁴⁶ (BISHOP: 1994, p.441 – tradução minha e grifo meus).

Explorando o aspecto métrico do poema, Paulo Henriques Britto expõe que “Toda a força de ‘One art’ vem da exploração magistral das limitações intrínsecas da vilaneta – a necessidade de repetir dois versos em locais predeterminados, a obrigação de utilizar apenas duas rimas em todo o poema.” Acrescenta que este recurso “nas mãos de um poeta menos hábil poderia resultar em mero artificialismo”... No entanto, para ele, nas mãos de Bishop torna-se “num recurso extremamente poderoso” (BISHOP, 1999, p.53). Em correspondência ao amigo e poeta Robert Giroux, datada de 19 de abril de 1976, Bishop diz “Aqui está [“Uma Arte”] a vilaneta [para a nova coleção, *Geografia III*]. A *Revista New Yorker* já a recebeu há três meses ou então agora & eu falarei com o Howard [Moss] sobre publicá-la logo⁴⁷” (BISHOP, 1994, p.605 – tradução minha).

Sob um viés pós-colonial, a métrica do poema não desperta grande relevância, visto ser o discurso o objeto primordial de análise, não só por ser dotado de ideologia, mas principalmente por também ter a capacidade de desvirtuar a ideologia do outro, subjugando-a.

A partir desse ponto de vista, confirmo, a princípio, o que explana Britto ao mencionar que “As sucessivas repetições justificam-se pela necessidade que tem a poeta de convencer-se a si própria de **duas proposições claramente falsas – é fácil resignar-se com a perda; e, de qualquer modo, o que se perdeu nunca é tão importante assim**” (BISHOP, 1999, p.53 – grifo meu).

Por outro lado, o interesse de Bishop pode ser o de impor sua ideologia colonizadora

⁴⁶ **To Frani Blough Muser, December 19 (no, 20), 1965**

I hope Lota will be able to get away from her job and join me for May, at least. But at this very moment things are so awful for her that she may resign today and come with me on December 27th! Heavens, how I hate politics after the last four years—and I’m against the two-party system and maybe even democracy, for all I know, after the latest events here. Anyway—it has been a nightmare stretch for her, and I don’t like to abandon her this way, but I can’t be of any help, and scarcely see her, so might as well go off and earn some money... (BISHOP, 1994, p.441)

⁴⁷ **To Robert Giroux, April 19, 1976.**

Here is [“One Art”] the villanelle [for the new collection, *Geography III*]. *The New Yorker* has had it for three months or so now & I’ll speak to Howard [Moss] about printing it before long (BISHOP, 1994, p.605).

de que “A arte de perder não é difícil de superar”, deixando transparecer ao leitor um complexo de superioridade sobre o que se perdeu, justificando friamente ser a perda algo natural/acidental. Afinal, para ela, perder algo conquistado em um país “irremediável” e “letárgico” não pode ser considerado importante.

Na segunda estrofe do poema, o eu lírico sarcasticamente inicia a exposição de perdas tão insignificantes como “ter perdido as chaves da porta, a hora despendida pessimamente”, partindo da pressuposição de que elas despertam o mesmo teor sentimental que despertaria a morte de um ser humano, por exemplo. Em seguida, na terceira estrofe, propõe ao leitor que pratique o ato de perder “perdendo demasiadamente, perdendo mais rápido: lugares, nomes” e que “Nada disso será um desastre”.

O complexo de superioridade de Bishop ganha amplitude nos versos em que se esforça para ignorar a perda da “última, ou perto de ser a última das três casas amadas que eu tive”. E apresenta-se como proprietária de “... duas cidades fascinantes”. Segundo Paulo Henriques, conforme exposto anteriormente, Elizabeth está se referindo à “casa de Key West” (nos Estados Unidos), a de Samambaia (em Petrópolis-RJ) e a Casa Mariana (em Ouro Preto-MG). Quanto às duas cidades que seriam suas, Bishop sugeria ser o Rio e Ouro Preto.

Acrescentando-se à suposta perda de “duas cidades fascinantes”, Bishop, na penúltima estrofe de “One art”, também afirma ter perdido “alguns reinos”(?) que a pertenciam, “dois rios” (Amazonas e São Francisco) e “um continente” (América do Sul), assegurando que eram seus.

No entanto, mesmo que ainda considere essas perdas algo trivial, como tais “lugares e nomes” fazem alusão ao Brasil e, portanto, suposto objeto de negação de Bishop, analiso o discurso dessa poeta como sendo imperialista, habituado a ver e descrever o mundo do outro como um lugar exótico, retrógrado, feio, miserável, repleto de mestiços, índios e negros desprovidos de qualquer traço de inteligência para saber lidar com as riquezas naturais de suas nações. Resgatando os pressupostos teóricos de Memmi (1989), o colonizador, quando apresenta o retrato do colonizado, enfatiza sua negritude ou sua condição híbrida em geral como um traço negativo e inferior. Em contrapartida, Fanon propõe também a aceitação e valorização da raça como estratégia de descolonização, expondo que

Reencontrar o povo é algumas vezes nesse período querer ser negro, não um negro como os outros mas um verdadeiro negro, um negro desprezível, como o quer o branco. Reencontrar o povo é fazer-se árabe, fazer-se o mais indígena possível, o mais irreconhecível, é cortar as asas que se tinha deixado crescer. [...] No momento em que os colonialistas, que haviam saboreado a vitória sobre tais assimilados, se dão conta de que esses homens considerados

salvos começam a dissolver-se na negralhada, todo o sistema vacila (FANON, 1979, p.183-184).

Dessa forma, enquanto colonizadora, Bishop parece enfatizar nesse poema que esteve no Brasil, conquistou sua fauna, flora, rios, cidades, o continente sul-americano, alguns reinos e a pessoa amada. Entretanto, tenta explicitar sarcasticamente que tê-los perdido definitivamente não é algo que mereça relevância.

Esse discurso colonizador de possessão, dominação e rejeição de algo desejado, que fora de alguma forma perdido, é estudado por Mannoni sob uma perspectiva psicológica, em que

a rejeição do mundo está associada ao desejo de dominar, um desejo que é de origem infantil e que a adaptação social deixou de disciplinar. **A razão do colonizador está relacionada a onde pretende chegar** – se ele diz que foi um desejo de viajar ou o desejo de escapar de sua terra natal ou dos “antigos parapeitos”, ou se ele diz que só queria uma vida mais livre – não tem consequência alguma, qualquer que seja a variante oferecida, **a verdadeira razão ainda é o que chamei de muito vagamente de vocação colonial**⁴⁸ (MANNONI, 1964, p.108 – tradução e grifo meus).

A partir do teor desta citação de Mannoni, ganha relevância a hipótese de que o discurso de Bishop em “Uma Arte” é colonizador, cuja finalidade permeia a exteriorização de uma rejeição proposital direcionada ao que quer que esteja direta ou indiretamente relacionado ao Brasil. Talvez impulsionada pela sensação de não ter obtido êxito em ser considerada uma poeta de destaque entre os poetas e intelectuais brasileiros, que tanto a intimidavam, fazendo aflorar em seu cerne colonizador um complexo de inferioridade, considerando que durante muito tempo sua produção literária objetivava publicações para amenizar sua dependência financeira de sua companheira Lota. Corroborando essa observação, Britto esclarece que

Para entender a visão que Bishop tem do Brasil, é necessário levar em conta o fato, ressaltado por Luiz Costa Lima, de que, embora seja uma artista refinada, Bishop não é propriamente uma intelectual. Quando se via entre pessoas ligadas ao meio acadêmico, sentia-se pouco à vontade, intimidada, mesmo. [...] Nos quase vinte anos de seu período brasileiro, Bishop não desenvolveu nenhum projeto de aprender a realidade brasileira em sua complexidade – o que é compreensível, pois sua visão era sempre atraída pelo local, pelo detalhe; as totalidades e abstrações nunca a interessavam. Como observa Regina Przybycien, Bishop era “criteriosa e objetiva quando descrevia o detalhe

⁴⁸ Rejection of that world is combined with the urge to dominate, an urge which is infantile in origin and which social adaptation has failed to discipline. The reason of the colonial himself gives for his flight – whether he says it was a desire to travel or the desire to escape from the cradle or from the “ancient parapets”, or whether he says that he simply wanted a freer life – is of no consequence, for whatever the variant offered, the real reason is still what I have called very loosely the colonial vocation (MANNONI, 1964, p.108).

particular”, porém “não conseguia a mesma clareza na visão do conjunto. Sua síntese da cultura, da política, da arte brasileiras é, na maioria das vezes, preconceituosa ou, quando muito, condescendente” (BISHOP, 1999, p.25-26 – grifo meu).

Retomando os versos do poema em tela, o que representa para Bishop os “reinos perdidos”? Seria uma “visão do conjunto” (o todo que ela perdeu no Brasil) que para Regina Przybycien essa poeta não conseguia compreender? O leitor pode inferir que a morte de Lota representou o fim do relacionamento de Bishop com o Brasil, que, por sua dimensão geográfica, poderia ser composto por vários reinos, todos eles sob o domínio da “rainha Elizabeth Bishop”.

Por sua vez, a última estrofe de “Uma arte” apresenta talvez a maior de todas as perdas sentidas por Elizabeth Bishop, o suicídio da brasileira Maria Carlota Costellat de Macedo Soares (Lota). Isto é evidente não só pela inserção do verso “a voz graciosa, um gesto que eu amo”, mas principalmente pela utilização do verso em língua inglesa, aqui traduzido literalmente, “A arte de perder **não é tão difícil** de superar”, em substituição ao verso que Bishop vinha utilizando em estrofes anteriores: “A arte de perder **não é difícil** de superar”. Portanto, para essa poeta, é difícil perder a pessoa amada, muito embora faça questão de deixar claro que essa perda também é algo superável.

Esse discurso frio presente em “One art”, como dito anteriormente, foi produzido em um momento de sofrimento. No entanto, como Bishop costumava despender muito tempo (até anos) para compor um poema, as condições de produção deste certamente podem ter sofrido influência de outras situações de perdas vivenciadas por essa poeta. Suponho que ela o tenha iniciado quando estava sentindo que sua relação com Lota e, conseqüentemente, com o Brasil, estava por um fio. Porém, como só foi publicado quase dez anos após a morte de Lota – ocorrida no dia 25 de setembro de 1967 – o discurso da perda tornou-se mais doloroso; ou, ao menos, espera-se que isso deveria ter ocorrido, visto o desespero demonstrado por ela na carta a seguir, endereçada a uma amiga brasileira, Maria Osser, no dia 4 de janeiro de 1968:

[...]

Minhas seis semanas no Brasil foram as mais extensas e terríveis que eu me lembro ter passado. **Nova Iorque, e a Lota chegando lá e morrendo, foi terrível, é claro – mas de alguma forma consegui passar por tudo aquilo e aceitar o ocorrido...** [...] bem, a princípio eu pensava que estava fantasiando – mas eu realmente não estava. **Havia uma atmosfera real de hostilidade entre a maioria das pessoas que eu pensava serem minhas melhores amigas lá ...** Havia exceções: Magú & Stella, no Rio, comportaram-se naturalmente e amavelmente, e Stella me *ajudou* – Maya, quase ninguém mais se manifestou. Em Ouro Preto, Lilli e Vinícius de Moraes (que também apareceu por lá) [...] **Poucas pessoas vieram conversar – e frequentemente diziam algo ambíguo ou muito injusto e cruel.**

A Marietta estava agindo a sua maneira de sempre, suponho, mas realmente eu nunca sonhei que alguém acreditaria em alguma coisa que **ela dizia – como, por exemplo, que eu estava roubando as jóias da Lota!...**

... Eu deveria atribuir tudo isto que estava acontecendo no Rio ao sofrimento pela morte da Lota. No entanto, isso vem de longe – e eu tenho falado superficialmente sobre isso – nem um pouquinho de toda a fofoca relatada, histórias bárbaras. **Até [o médico] Décio parecia determinado a me dizer algo que pudesse fazer com que me sentisse pior ainda ...** Naquela hora (e eu raramente reajo de súbito e fico enfurecida quando eu deveria) Eu realmente cheguei ao meu limite e gritei com ele ... **eu apenas fui [para Nova Iorque] porque ele me ordenou ir,** e eu apenas sentava no estúdio da Loren e **entrava em depressão, na maioria das vezes – não via quase ninguém, não conseguia trabalhar, dormir ou comer – e só me preocupava com a Lota, como eu tenho feito durante os últimos dois ou três anos. Eu não QUERIA ir – mas a Lota e eu concordávamos que isso talvez fosse a coisa certa... o plano era para ela vir em dezembro – mas não conseguia esperar, e eu, no final das contas, eu não conseguia suportar vê-la pedindo para vir e enviei um telegrama para ela: “Venha quando quiser, querida.”** No Rio, eu descobri que todos sabiam que a Lota estava doente, talvez morrendo, mas eles não conseguiam impedi-la de vir e, no final das contas, ela saiu da cidade quase que secretamente. **Tenho finalmente compreendido que a Dra. Anny está certa – que eu estava sendo usada, sem dúvidas inconscientemente, como bode expiatório.** Isso foi muito difícil para mim, uma vez que sou eu quem sofreu mais com a doença da Lota (e, agora, eu acho que essa doença vem de muitos anos atrás, senão durante toda a vida da Lota) – **e eu sou a pessoa, cuja vida foi mais afetada – decerto mudou para sempre, e cuja perda é a maior. Afinal, vivi com ela durante dezesseis anos, ou melhor, teriam sido dezesseis em novembro – e vinte ou parte desses vinte foram os mais felizes da minha vida.**

[...]

Eu nunca senti tanto ódio na minha vida e eu fiquei sozinha lá em Samambaia (só com a Joanna) durante 5 dias, sem qualquer meio de transporte, sentindo esse ódio. **Eu pensava que diante de algo tão sério como a morte da Lota, qualquer ser humano sentiria alguma compaixão – mas não recebi nenhuma – e isso veio de muitas outras pessoas que eu pensava que fossem meus amigos no Rio, também. Eu realmente de fato não sabia que eu era forte o bastante para conseguir superar algo assim, mas de alguma forma eu consegui, sem entrar em colapso.**

[...]

... Você consegue imaginar o que é chegar (perdoe-me por ser melodramática, mas é verdade) no único lar que realmente tive nesse mundo e descobrir que ele não só não me pertence mais – concordei com tudo isso – mas também estava quase completamente vazio? Vieram amigos do Rio – logo após o funeral e não sei como – levaram tudo. Mary me deixou a roupa de cama, 2 toalhas, 2 pratos, garfos, facas, etc. **Esse era meu LAR, Maya. As pessoas acham que não tenho sentimentos? (Estou começando a pensar que não. [...])**

... Parti do Brasil com o coração bem pesado e espero nunca mais ver o Rio, embora sem dúvida eu terei de vê-lo. Estou ficando com a casa de Ouro Preto e irei para lá ... **Sinto agora como se eu tivesse vivido em um mundo completamente falso todo esse tempo – não falso. Mas que ninguém de fato gostava de mim, ou não muitas pessoas, e todas elas em sua totalidade não compreendiam a força dos laços entre Lota e eu – ou então, agora que ela está morta, elas não *querem* compreendê-los. [...]**

Eu daria tudo nesse mundo – uma expressão frívola, mas não consigo imaginar o que eu daria, mas “tudo,” certamente – para ter a Lota de volta e bem – que é algo mais terrível de tudo isso. [...] bem, quando eu estava no hospital, a Dra. Anny ficava me dizendo todo dia: “Sofra agora tudo que você quiser, mas não se culpe mais”. [...] **Nunca mais haverá alguém como ela nesse mundo ou na minha vida, e eu nunca deixarei de sentir saudades dela – mas é claro que há aquela situação de que temos de “permanecer vivendo” – é o que fazemos, quase que inconscientemente – é alguma coisa nas células, creio eu. Você acha**

que se tudo o que eu disse não fosse VERDADE, eu estaria aqui? ... Não – Eu estaria morta, também ...⁴⁹ (BISHOP, 1994, p. 488-491 – Tradução e grifo meus).

Se Bishop, de fato, sofreu muito com a morte de Lota, conforme podemos observar na carta supracitada, por que resolveu utilizar um discurso tão frio e imperialista na composição do poema em tela? Para subsidiar minha pressuposição, Edward Said explana que “Há os Ocidentais” – aqui simbolizado pela Bishop – “e há os orientais” – nesse caso Lota/Brasil.

⁴⁹ **To Maria Osser, January 4, 1968**

[...]

My six weeks in Brazil were the very worst stretch I remember ever having gone through. New York, and Lota’s coming there and dying, were terrible, of course—but somehow I got through all that and accept it... [...] Well, at first I thought I was imaging it—but I really wasn’t. There was an undercurrent of real hostility among most of the people I had thought were my best friends there ... There were exceptions: Magú & Stella, in Rio, behaved naturally affectionately, and Stella *helped me*—almost no one else did a thing, Maya. In Ouro Preto, Lilli and (he happened to be there, too) Vinícius de Moraes. [...] A few people came to call—and usually said something ambivalent or quite wrong & cruel. Marietta was putting on her act, I gathered, but I really never dreamed anyone would believe anything she said—such as that I was stealing Lota’s jewels! ...

... I should attribute all this in Rio to their grief for Lota. However, it went far beyond that—and I have barely mentioned *some* of it—none of all the reported gossip, wild stories. Even [the doctor] Décio seemed determined to tell me anything that could make me feel worse ... That time (and I rarely react quickly & get angry when I should) I really hit the ceiling & shouted at him ... I only went [to New York] because he ordered me to, and I just sat in Loren’s studio and moped, mostly—saw almost no one, couldn’t work or sleep or eat—and just worried, as I had done for the last two or three years, about Lota. I didn’t WANT to go—but Lota & I agreed it might be the right thing... The plan was for her come in December—but she couldn’t wait, and finally I couldn’t bear to have her keep asking and wired her “Come whenever you want to, darling.” In Rio I discovered that everyone *knew* Lota was sick, perhaps dying, but they couldn’t keep her from coming and at last she got out of town almost secretly. I have finally decided that Dr. Anny is right—that I was being used, unconsciously no doubt, as a scapegoat. This was pretty hard on me since I am the one who suffered most of all from Lota’s sickness (& I think now this had been coming on for many years, if not for Lota’s whole life) —and I am the one whose life has been most affected—in fact changed forever, and whose loss is the greatest. After all, I lived with her for sixteen years, or it would have been sixteen in November—and twelve or so of them were the happiest of my life.

[...]

I have never felt such hatred in my life and I stayed *alone* up there in Samambaia (except for Joanna) for 5 days, without any means of transportation, feeling it. I thought in anything as serious as Lota’s death any human being would feel some sympathy—but I received none whatever—and that goes for a good many other people I thought were my friends in Rio, too. I really didn’t know I was tough enough to get through something like this, but somehow I did, without breaking down.

[...]

... Can you imagine arriving at the only home (forgive me for being corny, but it is true) I have ever really had in this world and finding it not only not mine—I had agreed to all that—but almost stripped bare? Friends had gone up from Rio—how soon after the funeral I don’t know—and taken everything. Mary left me the linen on my bed, 2 towels, 2 plates, forks, knives, etc. This was my HOME, Maya. Do people think I have no feelings? (I’m beginning to think they do. [...])

... I left Brazil with a very heavy heart and I hope never to see Rio again, although no doubt I’ll have to. I’m keeping the house in Ouro Preto and I’ll go there ... I feel now as if I’d been living in a completely false world all the time—not false. But that no one ever liked me, really, or not many people, and all of them totally misunderstood the strength of the bonds between Lota and me—or, now that she’s dead, they *want* to misunderstand them. [...]

I’d give everything in this world—a foolish expression but I can’t think what I’d give, but “everything,” certainly—to have Lota back and *well*—that is the awful thing about it all. [...] Well, when I was in the hospital Dr. Anny kept telling me every day: “Grieve if you want now, but no more guilt. [...] There will never be anyone like her in this world or in my life, and I’ll never stop missing her—but of course there is that business of “going on living”—one does it, almost unconsciously—something in the cells, I think. Do you think if all the above weren’t TRUE, I’d be here? ... No—I’d be dead, too ... (BISHOP, 1994, p. 488-491).

“Os primeiros dominam; ao passo que os últimos devem ser dominados” (SAID, p.36 – tradução nossa). Deste modo, podemos afirmar que embora Elizabeth Bishop tenha tido a oportunidade de reescrever “Uma arte” após o suicídio de Lota, bem como ter utilizado um aparato lexical a contento para expressar toda sua dor – como realmente parece que tentou fazer – conforme expressam alguns de seus rascunhos a seguir, preferiu optar pelo ressentimento e ar de superioridade:

Tudo o que escrevi é mentira, é evidente
 A arte da perda não é difícil de dominar
 oh não.
 qualquer coisa, qualquer coisa exceto o amor de alguém⁵⁰
 (BISHOP apud COWELL, Anne, 1997).

Nesses rascunhos, pode-se observar que esse talvez fosse o real sentimento que o eu lírico relutou tanto para ocultar que acabou dissimulando-o, deixando apenas frágeis resquícios fragmentados em um mosaico de nostalgia, ressentimento e imperialismo.

Percebe-se que o complexo de superioridade de Bishop transpôs seus sentimentos, traço muito peculiar na personalidade do colonizador, que, como afirma Said (1979), sempre procurará uma forma de dominar, jamais ser dominado. Por outro lado, talvez Bishop não quisesse ser interpretada como uma pessoa fragilizada e depressiva, uma vez que sofreu muitos problemas de cunho psicológico, impulsionados pela sua sensação de expatriação, homossexualidade assumida em um período histórico conservador e constantes transtornos relacionados ao consumo de álcool durante um longo período da sua vida.

Portanto, apresentar-se em “Uma arte” como uma pessoa vulnerável e depressiva poderia despertar sentimentos de felicidade e vingança em alguns de seus desafetos brasileiros que surgiram após a morte de Lota, principalmente em Marietta, irmã de Lota, conforme podemos ratificar em trechos da carta enviada à Maria Osser, no dia 4 de janeiro de 1968, exibida anteriormente:

Minhas seis semanas no Brasil foram as mais extensas e terríveis que eu me lembre ter passado. **Nova Iorque, e a Lota chegando lá e morrendo, foi terrível, é claro – mas de alguma forma consegui passar por tudo aquilo e aceitar o ocorrido...** [...]

⁵⁰ All that I write is false, it's evident
 The art of losing isn't hard to master.
 oh no.
 anything at all anything but one's love. (Say it: disaster.)
 (BISHOP apud COWELL, Anne, 1997).

Havia uma atmosfera real de hostilidade entre a maioria das pessoas que eu pensava serem minhas melhores amigas lá ... Havia exceções: Magú & Stella, no Rio, comportaram-se naturalmente e amavelmente, e Stella me *ajudou* – Maya, quase ninguém mais se manifestou. Em Ouro Preto, Lilli e Vinícius de Moraes (que também apareceu por lá) [...] **Poucas pessoas vieram conversar – e frequentemente diziam algo ambíguo ou muito injusto e cruel. A Marietta estava agindo a sua maneira de sempre,** suponho, mas realmente eu nunca sonhei que alguém acreditaria em alguma coisa que **ela dizia – como, por exemplo, que eu estava roubando as jóias da Lota!...** [...] **Até [o médico] Décio parecia determinado a me dizer algo que pudesse fazer com que me sentisse pior ainda [...]**

Tenho finalmente compreendido que a Dra. Anny está certa – que eu estava sendo usada, sem dúvidas inconscientemente, como bode expiatório. [...]

... Parti do Brasil com o coração bem pesado e espero nunca mais ver o Rio, embora sem dúvida eu terei de vê-lo. Estou ficando com a casa de Ouro Preto e irei para lá ... **Sinto agora como se eu tivesse vivido em um mundo completamente falso todo esse tempo – não falso. Mas que ninguém de fato gostava de mim, ou não muitas pessoas, e todas elas em sua totalidade não compreendiam a força dos laços entre Lota e eu** (BISHOP, 1994, p. 488-490 – Tradução e grifo meus).

Em correspondência a U.T. e Joseph Summers, datada do dia 23 de setembro de 1967, sábado à tarde, Bishop exterioriza seu sentimento de angústia em relação ao estado de saúde de Lota, tentando justificar e se convencer de que não há sobre si qualquer culpa relacionada à tentativa de suicídio praticada pela sua companheira; sugerindo ser o “idiota do médico do Rio” (Décio) o principal culpado, pela sua omissão:

[...]

Responderei adequadamente a suas cartas quando eu me sentir um pouquinho melhor e souber que Lota realmente melhorará – mas oh como temo as próximas semanas e meses. **É terrível – amar tanto alguém e não ser capaz de fazer a coisa certa ou dizer a coisa certa, aparentemente. Uma coisa – acho que, de qualquer forma, ela veio porque queria estar comigo, apesar de tudo – mesmo se já tinha isso em mente.** Mas o idiota do médico do Rio! Espere até que eu coloque minhas mãos nele. Até mandei um telegrama para ele antes da chegada dela – tinha escrito três vezes – nenhum pio...⁵¹ (BISHOP, 1994, p.469 – tradução e grifo meus).

Face às análises expostas até aqui, reitero as palavras do poeta Paulo Henriques Britto quando expõe que

O que Bishop deixa claro, tanto nos poemas de amor como nas cartas escritas nos

⁵¹ **To U.T. and Joseph Summers – September 23, 1967 – Saturday p.m.**

[...]

I'll answer your letter properly when I feel a bit better and really know Lota will get better – but oh how one dreads the next few weeks and months. It is awful – to love someone so much and not be able to do the right thing or say the right thing, apparently. One thing – I think she came because she wanted to be with me, anyway, no matter what – even if she had this in mind. But the idiotic Rio doctor! Wait till I get my hands on him. I even cabled him before she came – had written three times – not a peep... (Bishop, 1994, p.469).

anos 50, é que sua paixão pelo Brasil é sempre mediada pela paixão por Lota. Ou seja, é só na medida em que lhe é possível identificar a terra com a mulher amada que Bishop pode amar o Brasil (BISHOP, 1999, p.16).

Dessa forma, é coerente reafirmar que na ausência da Lota, tudo que esteja relacionado ao Brasil, sejam rios, casas, cidades, reinos e continentes, desperta em Bishop um vazio impreenchível, seguido de uma repulsa incontrolável que só um poema como “Uma arte” seria capaz de exteriorizar com certa prudência.

Parafraseando Bhabha, para compreender esse discurso colonizador de Bishop, é necessário promover sua desconstrução, não “para revelar seus equívocos ou repressões ideológicas”, tampouco “para exultar diante de sua auto-reflexividade ou tolerar seu ‘excesso’ liberatório. Sendo assim, para “compreender a produtividade do poder colonial é crucial construir o seu regime de verdade e não submeter suas representações a um julgamento normatizante”. A partir disso “torna-se possível compreender a ambivalência *produtiva* do objeto do discurso colonial – aquela ‘alteridade’ que é ao mesmo tempo um objeto de desejo e escárnio,” (como foi o Brasil para Bishop desde o período de sua chegada até o episódio do suicídio de Lota), “uma articulação da diferença contida dentro da fantasia da origem e da identidade. O que essa leitura revela são as fronteiras do discurso colonial, permitindo uma transgressão desses limites a partir do espaço daquela alteridade” (BHABHA, 2010, p.106).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar, a partir de uma perspectiva fundamentada nos pressupostos teóricos de alguns renomados escritores da teoria do pós-colonialismo, o discurso da poeta e escritora estadunidense Elizabeth Bishop em alguns de seus poemas e cartas alusivos ao Brasil, constantes nas obras *Poemas do Brasil* e *Uma Arte: As cartas de Elizabeth Bishop*, respectivamente.

Com vistas a produzir um contradiscurso relevante frente aos variados discursos imperialistas e colonizadores enunciados pela referida poeta estadunidense nos cinco poemas analisados neste estudo, foi necessário profanar muitas de suas correspondências, bem como construir seu período de permanência no Brasil, procurando estabelecer ligações entre sua estadia nesse país e os eventos históricos ocorridos nos idos de 1950 a 1970, também retratados direta ou indiretamente em suas cartas.

Como resultado dessa investigação, posso afirmar que a obra de Elizabeth Bishop não transpõe o âmbito de sua biografia. Dessa forma, é fundamental que seu passado seja cuidadosamente revisitado, principalmente no que concerne a uma tentativa de compreensão mais detalhada dos mais variados discursos produzidos por ela no e sobre o Brasil para sua audiência (inter)nacional. Ênfase, inclusive, que as muitas análises literárias realizadas acerca de poemas de Bishop sobre o Brasil apresentam, em suma, um viés ingênuo e/ou exclusivamente artístico, em consequência de seus elaboradores terem desconsiderado o estudo crítico de suas correspondências.

Muitos críticos ainda insistem em evidenciar que não faz sentido analisar obras escritas em décadas e/ou séculos anteriores a partir de princípios e critérios contemporâneos, visto os fatores sócio-culturais de época desempenharem grande influência no modo de pensar e agir de cada sociedade ao longo da história. No entanto, o que a grande maioria desses críticos parece não se interessar em observar, é que muitos discursos que vêm sendo elaborados preconceituosamente, no decorrer de décadas, acerca de vários povos e/ou civilizações, caminham para sua perpetuação, como vem ocorrendo nos relatos de viagens a respeito da Amazônia, por exemplo, uma incessante repetição de discursos estereotipados que visa a apenas contribuir para que essa região continue sendo apenas um lugar exótico, povoado de selvagens e feiticeiros.

Ressalta-se o fato de vários escritores estrangeiros, que escrevem sobre a Amazônia, não despertarem o interesse em obras literárias produzidas por escritores de regiões e/ou países que sempre foram subjugados pela literatura dos países do eixo Europa-América

Anglo-Saxônica, por exemplo. E isso não tem nada a ver com utilização de critérios contemporâneos para analisar o passado, visto que, a grosso modo, é bem pior permanecer estático, tentando compreender o contemporâneo a partir de critérios e princípios (ou clichês?) já tão ultrapassados – não por estarem diretamente relacionados a um determinado período histórico – mas exclusivamente a ideologias preconceituosas e ultrapassadas.

Como exemplo, cito a própria Elizabeth Bishop, que expõe em cartas e poemas ter lido a obra *Amazon Town*, de Charles Wagley (publicada em 1953), bem como *The Sea and the Jungle*, de Tomlinson (publicado em 1912, na Inglaterra). No entanto, não a interessou a leitura das obras *Discurso sobre o colonialismo*, de Césaire, *Os condenados da Terra*, de Fanon, *Próspero e Calibã: a psicologia da colonização*, de Mannoni, bem como *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, de Memmi, publicadas em 1955, 1963, 1964 e 1965, respectivamente, justamente no período em que ela estava no apogeu de suas produções de poemas, artigos, resenhas e cartas sobre o Brasil.

Elizabeth Bishop, certamente, não leu as referidas obras, justamente porque não é do interesse do colonizador buscar conhecer a colônia e/ou o colonizado a partir da visão deste ou de seus pares, mas, sim, sob a perspectiva da metrópole, para que seja garantida a clássica reafirmação da superioridade dos nativos do Primeiro Mundo sobre os do Terceiro, que sempre estiveram à margem da “sociedade branca”.

Explanando sobre a disposição dos poemas de Bishop em cinco categorias realizada pelo tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto em *Poemas do Brasil*, destaco que, embora “O ribeirinho”, “O xampu”, “Manuelzinho”, “Ida à padaria” e “Uma arte” tenham sido alocados nas categorias “Descoberta”, “Paixão”, “Distanciamento”, “Rejeição” e “Perda”, respectivamente, suas análises pós-coloniais revelam que há indícios de dominação, exploração e complexos de superioridade latentes em todos eles, cujas cartas alusivas apenas subsidiam essa perspectiva imperialista.

Diante disso, fica evidente que as mais variadas audiências de Bishop, compreendendo desde seus destinatários norte-americanos das décadas de 1950 a 1970, até seus leitores e/ou críticos de poesia contemporâneos, tiveram e continuam tendo acesso a um Brasil socialmente retrógrado, politicamente corrupto, moralmente depravado e culturalmente ocioso e exagerado, elegendo apenas a natureza como um dos poucos aspectos que a fascinava no Brasil. De acordo com Britto, Bishop chegou um dia a comentar em uma carta ao seu amigo e poeta Robert Lowell o fato de ser “terrível pensar que provavelmente vou ser considerada uma espécie de autoridade sobre o Brasil pelo resto da vida” (BISHOP, 1999, p.27). Esse receio apresentado por Bishop reside no fato de sentir-se obrigada a buscar compreender o

Brasil como um todo, quando, na verdade, preferia apenas restringir-se a detalhes, de preferência, que lhe rendessem prestígio e alguns dólares.

É importante ressaltar que em hipótese alguma esta dissertação pretende restringir-se a tentar macular a imagem de Bishop enquanto poeta e escritora, tampouco lançar mão de um discurso xenófobo por ela ser estadunidense. Pretendo apenas incitar principalmente os críticos brasileiros para que atentem ao fato de muitos deles estarem superestimando as obras de Elizabeth Bishop sobre o Brasil, como se nelas esse país e seus aspectos sociopolíticos e culturais estivessem sido verossimilmente representados aos seus leitores.

Para exemplificar, faço referência à elaboração de uma peça teatral, bem como à preparação de um filme brasileiro com a atuação de atores de alto nível no Brasil e nos Estados Unidos, talvez com o intuito de sugerir que Bishop divulgou nosso país para o mundo por meio de sua obra. Concordo que o tenha divulgado, porém rechaço esse complexo de inferioridade, que se contenta com o fato da mera divulgação, soando como o velho chavão: fale mal, mas fale de mim (brasileiro).

Esse deslumbramento pela obra de Elizabeth Bishop no âmbito literário brasileiro tem crescido significativamente nos últimos anos, não apenas em virtude do seu centenário completado em fevereiro de 2011, mas também pela divulgação de sua obra e detalhes de sua história por seus amigos ainda vivos, como, por exemplo, os irmãos mineiros José Alberto Nemer e Linda Nemer; visto que, segundo Toledo (2011, p.56 – grifo meu), **“há a impressão de que Elizabeth Bishop vai se transformando num culto, até com algo de... religioso? Cabe dizer religioso? Vá lá: religioso... em certos círculos brasileiros. O interesse com que escutávamos os Nemer era indício disso”**.

Como sugestão, convido principalmente os professores e pesquisadores a desenvolverem análises críticas relacionadas aos seguintes temas:

- Tradução dos poemas e cartas de Elizabeth Bishop realizadas pelo poeta e escritor brasileiro Paulo Henriques Britto, verificando se sua postura foi crítica frente aos discursos constantes nos textos traduzidos;
- Inserção das obras de Bishop alusivas ao Brasil no ensino de Literatura Americana e/ou Literatura Pós-colonial do curso de Letras Inglês da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, para viabilizar o acesso a essa autora aos acadêmicos desse curso, cujo conhecimento prévio da língua inglesa permitirá a elaboração de discursos críticos sobre essa poeta no idioma universal;
- Desenvolvimento de pesquisa em universidades dos Estados Unidos e/ou Canadá com vistas a verificar que imagens do Brasil eles constroem a partir da leitura de cartas e

poemas de Bishop alusivos a essa nação;

- Análise pós-colonial das traduções de obras e poemas de escritores brasileiros realizadas por Bishop;
- Análise pós-colonial da peça teatral “Um Porto para Elizabeth Bishop”, de Marta Góes, bem como do filme “Flores Raras”, do diretor Bruno Barreto, inspirado no livro *Flores Raras e Banalíssimas*, de Carmem Lucia de Oliveira.

Acredito na relevância das sugestões apresentadas, visto que colaborarão para o avanço dos estudos pós-coloniais sobre a obra de Elizabeth Bishop, que, em carta à sua médica Anny Baumann, de 10 de fevereiro de 1977, já demonstrava estar ciente de que, embora “As críticas [do livro *Geography III*] tivessem sido absurdamente boas – é claro que alguém está pronto a me atacar, mais cedo ou mais tarde! (Bishop, 1995, p.671 – tradução minha). Exatamente trinta e três anos, oito meses e dois dias depois de sua morte, proponho não o ataque temido por Bishop, mas um convite à reflexão sobre como ler o discurso colonizador dessa poeta.

REFERÊNCIAS

ALBERT F. **Tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta?** In: Ilha do Desterro, Florianópolis, UFSC, 1987.

BHABHA, H K. **O Local da cultura.** Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 5.^a impressão.

BEGUM, Jameela. **Cyril Dabydeen by Jameela Begum, Series Editor's Introduction.** Jaipur and New Delhi, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 2 ed.

BISHOP, Elizabeth apud COWELL, Anne. **“Geography III: The Art of Losing”**, Chapter 4 in *Inscrutable Houses: Metaphors of the Body in the Poems of Elizabeth Bishop* (Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1997). Disponível em <www.english.illinois.edu/maps/poets/a_f/bishop/oneart.htm>. Acesso em 18 de abril de 2012.

_____. **Poemas do Brasil;** seleção, introdução e tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

_____. **Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop,** org. Robert Giroux, trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **One Art: Elizabeth Bishop's Letters,** selected and edited by Robert Giroux. New York: Farrar, Straus and Giroux-FSG, 1994.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura.** Maringá: Eduem, 2000.

CALDAS, Alberto Lins in NENEVÉ, Miguel, COOPER, Martin e PROENÇA, Marilene: **Olhares sobre a Amazônia / Looking at the Amazon.** São Paulo: Terceira Margem, 2001.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Anísio Garcez Homem. Letras Contemporâneas, 2010.

_____. **Discourse on Colonialism**. Translated by Joan Pinkham. New York and London: Monthly Review Press, 1972.

DUSSEL, Enrique. **1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FANON, Frantz. **The wretched of the earth**. Preface by J. P. Sartre. London: Penguin Books, 1963.

_____. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, 2 ed.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo, Marco Zero, 1994.

MANNONI, Octave. **Prospero and Caliban: The Psychology of Colonization**. Translated by Pamela Powesland. New York: A. Praeger, 1964.

MARTIN H., Manser & NIGEL D., Turton. **The Wordsworth Advanced Learners' Dictionary**. Crib Street, Ware, Hertfordshire: Wordsworth Reference, 1998.

MELVILLE, Pauline. **A história do ventríloquo**. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**, tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, 3 ed.

_____. **The colonizer and the colonized**. Orion Press, 1965, Inc.

MUKHERJEE, Arun. **Oppositional Aesthetics, Reading from a Hyphenated Space**. Toronto: TSAR Toronto Cardiff, 1994.

NENEVÉ, Miguel. **O Olhar norte-americano sobre a Amazônia na década de 90: Uma**

Análise de *The Burning SEason* de A. Revkin e *The world is Burning* de A. Shoumatoff, in Nenevé, Cooper & Proença. *Olhares sobre a Amazônia (Looking at the Amazon)*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

NENEVÉ, Miguel, COOPER, Martin e PROENÇA, Marilene: **Olhares sobre a Amazônia / Looking at the Amazon**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

PRATT, Mary Louise. **Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation**. New York and London: Edition published in the Taylor & Francis e-Library, 2003.

SAID, Edward W.. **Orientalism**. New York: Vintage, 1979.

_____. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SLATER, Candace. **A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica**. Tradução de Astrid Figueiredo. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2001.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **As tensões da modernidade (2): Direitos Humanos, globalização, culturas, interculturalidades, multiculturalismo, ocidente e islamismo**. Revista da Associação dos Magistrados Brasileiros, Brasília, ano 5 – n.10, 2001.

TOLEDO, Roberto Pompeu de: **Uma casa para Elizabeth**, in Revista Piauí 59 de agosto de 2011.